TIAGO FERREIRA DA SILVA MOREIRA DIONÍSIO

INDICADORES DE SUCESSO EM PRAÇAS DE CARÁCTER RESIDENCIAL: CASOS DE ESTUDO EM LISBOA E PORTO

Orientador: Prof. Doutor Vicente del Rio

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração

Lisboa
2014

TIAGO FERREIRA DA SILVA MOREIRA DIONÍSIO

INDICADORES DE SUCESSO EM PRAÇAS DE CARÁCTER RESIDENCIAL: CASOS DE ESTUDO EM LISBOA E PORTO

Dissertação apresentada para a obtenção do Grau de Mestre em Urbanismo, no Curso de Mestrado em Urbanismo conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Orientador: Prof. Doutor Vicente del Rio

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração

Lisboa
2014

A menos que modifiquemos a nossa maneira de pensar, não seremos capazes de resolver os problemas causados pela forma como nos acostumamos a ver o mundo.

Albert Einstein

Resumo

As características do desenho urbano têm uma grande importância na qualidade de vida dos seres humanos, pois condicionam o seu conforto, bem-estar, comportamento e as suas aspirações, permitindo ou impedindo a realização das mesmas. Em particular, a praça é um dos elementos mais importantes do espaço urbano e um melhor conhecimento desta e das qualidades derivadas do seu desenho, irão auxiliar na realização de projectos de melhor qualidade.

Tendo por base conceitos e critérios de qualidade urbanística propostos por diversos pesquisadores e bibliografia da área do urbanismo, o objetivo desta dissertação é investigar os indicadores de sucesso em praças residenciais através de uma metodologia comparativa de casos de estudo.

Serão investigadas quatro praças de carácter residencial, duas consolidadas historicamente S. Lázaro (Porto) e Flores (Lisboa), e duas de construção ainda recente Conhecimento (Porto) e Rio (Lisboa). A escolha das praças foi realizada em função das suas características semelhantes de modo a minimizar distorções nos dados e, simultaneamente, facilitar comparações.

A análise parte de cinco dimensões urbanísticas complementares, através de métodos e técnicas próprios de cada uma delas. As cinco dimensões estudadas são: Inserção no Meio, Tipo-Morfologia, Análise Visual, Percepção, e Comportamento. A primeira dimensão expressa a inserção da praça no meio-ambiente e na cidade, enquanto as outras quatro são diretamente ligadas ao seu projeto e situação própria.

Este trabalho pretende contribuir para o processo de concepção da praça residencial em Portugal, avançando indicadores que contribuam para o seu sucesso e aumentem a qualidade de vida do seu utilizador.

Palavras-Chave: Urbanismo, Praça, Indicadores.

Abstract

Urban design characteristics have a great importance in the quality of life of individuals as they affect their comfort, well-being, behavior and aspirations, either enabling or preventing their achievement. In particular, the square is one of the most important elements of urban space and a better understanding of the design and purpose of square use will assist in the creation of top quality designs.

Based on concepts and criteria of urban quality proposed by many researchers and urban planning related bibliography, the purpose of this dissertation is to investigate success indicators in residential squares using a comparative case study methodology.

This study will focus on four residential squares, i.e. two historically consolidated residential squares - “S. Lázaro” (in Oporto) and “Flores” (in Lisbon) - and two recently built squares “Conhecimento” (in Oporto) and “Rio” (in Lisbon). These squares were chosen based on their similar characteristics with a view to minimizing data distortions while at the same time facilitating comparisons among them.

The study is based on five complementary urban planning elements using methods and techniques specific to each element. These five elements are as follows: Spatial Fit, Typo-Morphology, Visual Analysis, Environmental Perception and Behaviour. Spatial fit has to do with fitting a square into a specific urban and environmental landscape, while the other four elements are directly related to the square’s own design and layout specifications.

The objective of this paper is to contribute to the design process of residential squares in Portugal and put forward indicators that may contribute to their success and improve the quality of life of their residents and visitors.

Tags: Urban planning, Square, Indicators

Índice Geral

Epígrafe III

Resumo IV

Abstract V

Índice de Figuras VIII

Índice de Tabelas XV

1. Apresentação 2

1.1. Introdução 2

1.2. Objectivo (s) 5

1.3. Organização 6

2. A Evolução da Praça Residencial e Indicadores de Sucesso 7

2.1. Introdução 7

2.2. A Praça Residencial na História e a sua Importância 8

2.3. Qualidade Urbana e Indicadores de Sucesso 18

3. Pesquisa 27

3.1. Introdução 27

3.2. Estudos de Indicadores 28

3.3. Metodologia 30

3.4. Estudos de Caso 33

3.5. Síntese 114

4. Conclusões 120

4.1. Introdução 120

4.2. Comentários Finais 121

4.3. Sugestões para Trabalhos Futuros 125

Referências Bibliográficas 126

Índice de Figuras

Fig. 2.1 - Ágora Grega (Ágora de Atenas - Grécia). 10

Fonte: <http://thauucs.blogspot.pt/2011/08/praca-de-atenas.html>

Fig. 2.2 - Fórum Romano (Fórum de Roma - Itália). 11

Fonte: <http://historiaromaantiga6ano.blogspot.pt/2013/08/imagens-roma-antiga.html>

Fig. 2.3 - Praça Medieval (Praça Central de Siena - Itália). 12

Fonte: <http://theurbanearth.wordpress.com/2008/04/08/as-melhores-pracas-do-mundothe-worlds-best-squares/>

Fig. 2.4 - Praça Maior (Praça Maior de Salamanca - Espanha). 12

Fonte: <http://thebrightside007.blogspot.pt/2012/11/salamanca-spain.html>

Fig. 2.5 - Praça Renascentista (Praça de São Marcos em Veneza - Itália). 13

Fonte: <http://olhares.sapo.pt/praca-de-sao-marcos-veneza-foto98548.html>

Fig. 2.6 - Praça Regular (Praça Vieja em Havana - Cuba). 13

Fonte: <http://romaneladiaz.wordpress.com/2013/02/21/havana-cuba-city-guide/>

Fig. 2.7 - Praça Barroca (Praça do Comércio em Lisboa - Portugal). 14

Fonte: <http://anna-barroso.blogspot.pt/2011/02/top-10-monumentos-de-lisboa.html>

Fig. 2.8 - Praça Crescent (Regent`s Park em Londres - Reino Unido). 15

Fonte: <http://www.e-architect.co.uk/london/park-crescent>

Fig. 2.9 - Praça da década de 60 (Praça do Comércio em Lisboa - Portugal). 16

Fonte: <http://menos1carro.blogs.sapo.pt/57742.html>

Fig. 2.10 - Praça Contemporânea (Praça de Dalí em Madrid - Espanha). 17

Fonte: <http://progg.eu/?p=6221>

Fig. 3.1 - Praça do Conhecimento (Porto - Portugal). 30

Fonte: <https://www.google.pt/maps/search/google+earth/>

Fig. 3.2 - Praça de S. Lázaro (Porto - Portugal). 30

Fonte: <https://www.google.pt/maps/search/google+earth/>

Fig. 3.3 - Praça Rio (Lisboa - Portugal). 31

Fonte: <https://www.google.pt/maps/search/google+earth/>

Fig. 3.4 - Praça das Flores (Lisboa - Portugal). 31

Fonte: <https://www.google.pt/maps/search/google+earth/>

Fig. 3.5 - Questionário de Investigação. 32

Fonte: Autor (01.06.2013)

Fig. 3.6 - Vistas da Praça do Conhecimento. 34

Fonte: Autor (01.07.2013)

Fig. 3.7 - Funções da Praça do Conhecimento. 35

Fonte: Autor (01.08.2013)

Fig. 3.8 - Ocupações da Praça do Conhecimento. 36
Fonte: Autor (01.08.2013)
Fig. 3.9 - Cérceas da Praça do Conhecimento. 37
Fonte: Autor (01.08.2013)
Fig. 3.10 - Estado de Conservação da Praça do Conhecimento. 38
Fonte: Autor (01.08.2013)
Fig. 3.11 - Circulações da Praça do Conhecimento. 39
Fonte: Autor (01.08.2013)
Fig. 3.12 - Análise do Solo da Praça do Conhecimento. 40
Fonte: Autor (01.08.2013)
Fig. 3.13 - Solstício de Verão - 9h, 15h e 21h da Praça do Conhecimento. 41
Fonte: Autor (01.08.2013)
Fig. 3.14 - Solstício de Inverno - 9h, 15h e 21h da Praça do Conhecimento. 41
Fonte: Autor (01.08.2013)
Fig. 3.15 - Estação de Metro dos Combatentes (Porto). 42
Fonte: Autor (01.07.2013)
Fig. 3.16 - Passeios e ruas do entorno imediato. 43
Fonte: Autor (01.07.2013)
Fig. 3.17 - Edifícios do entorno imediato. 43
Fonte: Autor (01.07.2013)
Fig. 3.18 - Estado de Conservação e Manutenção. 44
Fonte: Autor (01.07.2013)
Fig. 3.19 - Espaços verdes. 45
Fonte: Autor (01.07.2013)
Fig. 3.20 - Aproximação à praça. 46
Fonte: Autor (01.07.2013)
Fig. 3.21 - Questão 6 - Quando pensa nesta praça, o que lhe vem primeiro à cabeça? Como a descreveria?. 47
Fonte: Autor (01.09.2013)
Fig. 3.22 - Questão 7 - Consegue identificar quais as 3 coisas que MAIS gosta desta praça?. 47
Fonte: Autor (01.09.2013)
Fig. 3.23 - Questão 8 - Consegue identificar quais as 3 coisas que MENOS gosta desta praça?. 48
Fonte: Autor (01.09.2013)

Fig. 3.24 - Questão 10 - Por ultimo, sem olhar e de memória, desenhe esta praça e o que esta à sua volta, indicando todos os elementos de que se lembre?. 48
Fonte: Autor (01.09.2013)
Fig. 3.25 - Questão 1 - Quando vem à praça, o que geralmente vem fazer?. 49
Fonte: Autor (01.09.2013)
Fig. 3.26 - Questão 2 - Quantas vezes por semana costuma frequ. esta praça?. 49
Fonte: Autor (01.09.2013)
Fig. 3.27 - Questão 3 - Quando vem a esta praça, quanto tempo costu. ficar?. 49
Fonte: Autor (01.09.2013)
Fig. 3.28 - Questão 4 - Quem diria que mais frequenta esta praça?. 50
Fonte: Autor (01.09.2013)
Fig. 3.29 - Questão 5 - Indique o quanto gosta desta praça?. 50
Fonte: Autor (01.09.2013)
Fig. 3.30 - Vistas da Praça de S. Lázaro. 54
Fonte: Autor (01.07.2013)
Fig. 3.31 - Funções da Praça de S. Lázaro. 55
Fonte: Autor (01.08.2013)
Fig. 3.32 - Ocupações da Praça de S. Lázaro. 56
Fonte: Autor (01.08.2013)
Fig. 3.33 - Cérceas da Praça de S. Lázaro. 57
Fonte: Autor (01.08.2013)
Fig. 3.34 - Estado de Conservação da Praça de S. Lázaro. 58
Fonte: Autor (01.08.2013)
Fig. 3.35 - Circulações da Praça de S. Lázaro. 59
Fonte: Autor (01.08.2013)
Fig. 3.36 - Análise do Solo da Praça de S. Lázaro. 60
Fonte: Autor (01.08.2013)
Fig. 3.37 - Solstício de Verão - 9h, 15h e 21h da Praça de S. Lázaro. 61
Fonte: Autor (01.08.2013)
Fig. 3.38 - Solstício de Inverno - 9h, 15h e 21h da Praça de S. Lázaro. 61
Fonte: Autor (01.08.2013)
Fig. 3.39 - STCP de S. Lázaro (Porto). 62
Fonte: Autor (01.07.2013)
Fig. 3.40 - Passeios e ruas do entorno imediato. 63
Fonte: Autor (01.07.2013)
Fig. 3.41 - Edifícios do entorno imediato. 64
Fonte: Autor (01.07.2013)

Fig. 3.42 - Estado de Conservação e Manutenção. 65
Fonte: Autor (01.07.2013)
Fig. 3.43 - Espaços verdes. 66
Fonte: Autor (01.07.2013)
Fig. 3.44 - Aproximação à praça. 67
Fonte: Autor (01.07.2013)
Fig. 3.45 - Questão 6 - Quando pensa nesta praça, o que lhe vem primeiro à cabeça? Como a descreveria?. 68
Fonte: Autor (01.09.2013)
Fig. 3.46 - Questão 7 - Consegue identificar quais as 3 coisas que MAIS gosta desta praça?. 68
Fonte: Autor (01.09.2013)
Fig. 3.47 - Questão 8 - Consegue identificar quais as 3 coisas que MENOS gosta desta praça?. 69
Fonte: Autor (01.09.2013)
Fig. 3.48 - Questão 10 - Por ultimo, sem olhar e de memória, desenhe esta praça e o que esta à sua volta, indicando todos os elementos de que se lembre?. 69
Fonte: Autor (01.09.2013)
Fig. 3.49 - Questão 1 - Quando vem à praça, o que geralmente vem fazer?. 70
Fonte: Autor (01.09.2013)
Fig. 3.50 - Questão 2 - Quantas vezes por semana costuma frequ. esta praça?. 70
Fonte: Autor (01.09.2013)
Fig. 3.51 - Questão 3 - Quando vem a esta praça, quanto tempo costu. ficar?. 71
Fonte: Autor (01.09.2013)
Fig. 3.52 - Questão 4 - Quem diria que mais frequenta esta praça?. 71
Fonte: Autor (01.09.2013)
Fig. 3.53 - Questão 5 - Indique o quanto gosta desta praça?. 72
Fonte: Autor (01.09.2013)
Fig. 3.54 - Vistas da Praça Rio. 75
Fonte: Autor (02.07.2013)
Fig. 3.55 - Funções da Praça Rio. 76
Fonte: Autor (01.08.2013)
Fig. 3.56 - Ocupações da Praça Rio. 77
Fonte: Autor (01.08.2013)
Fig. 3.57 - Cérceas da Praça Rio. 78
Fonte: Autor (01.08.2013)

Fig. 3.58 - Estado de Conservação da Praça Rio. 79
Fonte: Autor (01.08.2013)
Fig. 3.59 - Circulações da Praça Rio. 80
Fonte: Autor (01.08.2013)
Fig. 3.60 - Análise do Solo da Praça Rio. 81
Fonte: Autor (01.08.2013)
Fig. 3.61 - Solstício de Verão - 9h, 15h e 21h da Praça Rio. 82
Fonte: Autor (01.08.2013)
Fig. 3.62 - Solstício de Inverno - 9h, 15h e 21h da Praça Rio. 82
Fonte: Autor (01.08.2013)
Fig. 3.63 - Estação de Metro e Comboio do Oriente (Lisboa). 83
Fonte: Autor (02.07.2013)
Fig. 3.64 - Passeios e ruas do entorno imediato. 84
Fonte: Autor (02.07.2013)
Fig. 3.65 - Edifícios do entorno imediato. 84
Fonte: Autor (02.07.2013)
Fig. 3.66 - Estado de Conservação e Manutenção. 85
Fonte: Autor (02.07.2013)
Fig. 3.67 - Espaços verdes. 86
Fonte: Autor (02.07.2013)
Fig. 3.68 - Aproximação à praça. 87
Fonte: Autor (02.07.2013)
Fig. 3.69 - Questão 6 - Quando pensa nesta praça, o que lhe vem primeiro à cabeça? Como a descreveria?. 88
Fonte: Autor (01.09.2013)
Fig. 3.70 - Questão 7 - Consegue identificar quais as 3 coisas que MAIS gosta desta praça?. 88
Fonte: Autor (01.09.2013)
Fig. 3.71 - Questão 8 - Consegue identificar quais as 3 coisas que MENOS gosta desta praça?. 88
Fonte: Autor (01.09.2013)
Fig. 3.72 - Questão 10 - Por ultimo, sem olhar e de memória, desenhe esta praça e o que esta à sua volta, indicando todos os elementos de que se lembre?. 89
Fonte: Autor (01.09.2013)
Fig. 3.73 - Questão 1 - Quando vem à praça, o que geralmente vem fazer?. 90
Fonte: Autor (01.09.2013)

Fig. 3.74 - Questão 2 - Quantas vezes por semana costuma frequ. esta praça?. 90
Fonte: Autor (01.09.2013)
Fig. 3.75 - Questão 3 - Quando vem a esta praça, quanto tempo costu. ficar?. 90
Fonte: Autor (01.09.2013)
Fig. 3.76 - Questão 4 - Quem diria que mais frequenta esta praça?. 91
Fonte: Autor (01.09.2013)
Fig. 3.77 - Questão 5 - Indique o quanto gosta desta praça?. 91
Fonte: Autor (01.09.2013)
Fig. 3.78 - Vistas da Praça das Flores. 95
Fonte: Autor (02.07.2013)
Fig. 3.79 - Funções da Praça das Flores. 96
Fonte: Autor (01.08.2013)
Fig. 3.80 - Ocupações da Praça das Flores. 97
Fonte: Autor (01.08.2013)
Fig. 3.81 - Cérceas da Praça das Flores. 98
Fonte: Autor (01.08.2013)
Fig. 3.82 - Estado de Conservação da Praça das Flores. 99
Fonte: Autor (01.08.2013)
Fig. 3.83 - Circulações da Praça das Flores. 100
Fonte: Autor (01.08.2013)
Fig. 3.84 - Análise do Solo da Praça das Flores. 101
Fonte: Autor (01.08.2013)
Fig. 3.85 - Solstício de Verão - 9h, 15h e 21h da Praça das Flores. 102
Fonte: Autor (01.08.2013)
Fig. 3.86 - Solstício de Inverno - 9h, 15h e 21h da Praça das Flores. 102
Fonte: Autor (01.08.2013)
Fig. 3.87 - Carris das Flores (Lisboa). 103
Fonte: Autor (02.07.2013)
Fig. 3.88 - Passeios e ruas do entorno imediato. 104
Fonte: Autor (02.07.2013)
Fig. 3.89 - Edifícios do entorno imediato. 104
Fonte: Autor (02.07.2013)
Fig. 3.90 - Estado de Conservação e Manutenção. 105
Fonte: Autor (02.07.2013)
Fig. 3.91 - Espaços verdes. 106
Fonte: Autor (02.07.2013)
Fig. 3.92 - Aproximação à praça. 107

Fonte: Autor (02.07.2013)

Fig. 3.93 - Questão 6 - Quando pensa nesta praça, o que lhe vem primeiro à cabeça? Como a descreveria?. 108

Fonte: Autor (01.09.2013)

Fig. 3.94 - Questão 7 - Consegue identificar quais as 3 coisas que MAIS gosta desta praça?. 108

Fonte: Autor (01.09.2013)

Fig. 3.95 - Questão 8 - Consegue identificar quais as 3 coisas que MENOS gosta desta praça?. 109

Fonte: Autor (01.09.2013)

Fig. 3.96 - Questão 10 - Por ultimo, sem olhar e de memória, desenhe esta praça e o que esta à sua volta, indicando todos os elementos de que se lembre?. 109

Fonte: Autor (01.09.2013)

Fig. 3.97 - Questão 1 - Quando vem à praça, o que geralmente vem fazer?. 110

Fonte: Autor (01.09.2013)

Fig. 3.98 - Questão 2 - Quantas vezes por semana costuma frequ. esta praça?. 110

Fonte: Autor (01.09.2013)

Fig. 3.99 - Questão 3 - Quando vem a esta praça, quanto tempo costu. ficar?. 111

Fonte: Autor (01.09.2013)

Fig. 3.100 - Questão 4 - Quem diria que mais frequenta esta praça?. 111

Fonte: Autor (01.09.2013)

Fig. 3.101 - Questão 5 - Indique o quanto gosta desta praça?. 112

Fonte: Autor (01.09.2013)

Fig. 4.1 - Componentes Chave. 122

Fonte: Autor (01.10.2013)

Fig. 4.2 - Pontos Chave. 123

Fonte: Autor (01.10.2013)

Índice de Tabelas

Tab. 3.1 - Análise de campo da Praça do Conhecimento. 52

Fonte: Autor (01.09.2013)

Tab. 3.2 - Análise de campo da Praça de S. Lázaro. 73

Fonte: Autor (01.09.2013)

Tab. 3.3 - Análise de campo da Praça Rio. 93

Fonte: Autor (01.09.2013)

Tab. 3.4 - Análise de campo da Praça das Flores. 113

Fonte: Autor (01.09.2013)

Tab. 3.5 - Quadro Síntese. 119

Fonte: Autor (01.09.2013)

1. Apresentação

1.1. Introdução

Apelida-se de praça um lugar aberto, público, inserido na área urbana, que prove aos indivíduos e à comunidade ser um espaço para o lazer, a recreação, e para as actividades sociais e cívicas. A praça é o espaço das afectividades e é nela que acontecem os encontros do quotidiano nas áreas urbanas. Lamas (1993) define a praça como um lugar público intencional de permanência, de encontro, de comércio e de circulação, funcionando ainda como palco para importantes acontecimentos festivos, comemorações e manifestações, onde o Urbanismo assume um lugar de destaque. A praça tem um sentido fundamental na vida da cidade e dos seus cidadãos. Segundo Gehl e Gemzøe (2002:14), existe uma correlação óbvia entre a qualidade urbana e a vida no espaço público.

Para Almeida (2006), a praça histórica caracteriza-se como um elemento primordial no desenho urbano e de interacção social relacionada com a actividade económica e o poder político. A praça era o centro de troca de informações e bens, onde se fazia a justiça ou celebrações. Na praça histórica a dimensão económica e social estavam sempre presentes. Fruto de uma constante evolução, resultante da cultura das sociedades vingentes, Almeida (2006) afirma que a praça contemporânea apresenta cada vez mais um papel privado e individual. Isto significa que a praça sofreu diversas alterações ao longo dos tempos, devido ao rápido desenvolvimento tecnológico e científico ocorrido no século XX, segundo a teoria de Gehl e Gemzøe (2002:13). Para estes autores, o tempo foi abreviado não só no modo de contacto e diálogo entre indivíduos (podendo ser feito por telefone, telemóvel, e-mail, Internet, etc...), como também, na mobilidade individual que proporciona autonomia e rapidez nas deslocações.

Outro factor de destaque na transformação das praças foi o facto de os espaços públicos urbanos serem, segundo Gehl e Gemzøe (2002:7), esquecidos pelos urbanistas e arquitectos modernistas durante grande parte do século XX (desde 1930 a 1980 aproximadamente).

Marginalizada pelo ser humano e pelo progresso, a praça, como a grande maioria de outros espaços públicos urbanos (avenidas, parques), entrou em crise. Esta ideia é partilhada e justificada por Romero (2004) com o esvaziamento da vivência humana nas praças e por Sennet (1988), afirmando que o espaço de convívio passa a ser um local de movimentação e passagem.

O sistema económico, que apelava ao uso do carro, à construção desenfreada de infra-estruturas de transportes e à construção de grandes edifícios onde se reuniam as actividades comerciais (Shoppings), degradou ou aniquilou as praças no seu uso e na sua aparência, tornando-se assim, um factor de insucesso. As praças ficaram repletas de carros, ora em movimento, ora estacionados, e foram ameaçadas pela poluição e pela insegurança, Rogers (2001:35). Desta forma, as praças tornaram-se cada vez menos procuradas como locais de lazer, de contemplação e de divertimento.

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU) estima-se que, no ano 2025, mais de 80% da população mundial viverá nas áreas urbanas. Para Ticckell (2001), este tipo de crescimento conduz a uma estrutura urbana mais complexa e a uma maior dependência das áreas circundantes. O mesmo autor defende ainda que, quanto maior for a comunidade e o espaço onde ela habita, maior será a perda de coesão social. Nesta lógica, a renovação das praças pode ser vista como uma estratégia que fomente o relacionamento e a interacção social da comunidade e a recuperação de áreas urbanas cujas infra-estruturas e a identidade local já existem. Gehl e Gemzøe (2002:10) acreditam que a renovação dos espaços públicos confere-lhes uma nova imagem e conteúdo. Mais ainda, segundo ACE, ERE, AO (2001:50) os padrões de desenvolvimento sustentável baseiam-se na intensificação e renovação da tecido urbano existente. Serdoura (2006:67) considera que, na última década do século XX, se alcançou uma nova mentalidade urbanística, que se aproximou mais da realidade das cidades actuais, tentando perceber os seus problemas e as suas necessidades. Assim, foram estabelecidos objectivos estratégicos para o desenvolvimento sustentável nas cidades, entre eles a melhoria da qualidade do espaço público como a praça.

A solução defendida por Rogers (2001) e Amado (2005) não implica a negação do actual estilo de vida da sociedade e do seu desenvolvimento tecnológico e cientifico. Defendem sim, a necessidade de compreender e aceitar estes dois factos, criando estratégias para que as praças e demais espaços públicos possam interagir com os indivíduos e não lhes

servir só como um local de passagem. É neste sentido que a praça, como espaço público, necessita de se renovar para se adaptar às necessidades do presente e se possível, do futuro próximo e para se integrar no espaço urbano de um modo lógico, funcional e aprazível. Nesta lógica, uma maior e melhor compreensão dos indicadores de sucesso da praça, contribuirão para a melhoria de qualidade de vida do ser humano.

Nas duas últimas décadas do século XX, diversas cidades como Barcelona, Copenhaga, Friburgo, entre outras (fruto desta mentalidade e devido aos seus êxitos), serviram como exemplo e incentivo para se apostar firmemente na recuperação e renovação sustentável das praças. Estas estratégias de renovação permitiram o aparecimento de inúmeros espaços públicos agradáveis e adaptáveis ao estilo de vida actual. Estas intervenções não aconteceram apenas na Europa, mas um pouco por todo o mundo, como sucedeu em Portland (EUA), Seattle (EUA), Curitiba (Brasil), Melbourne (Austrália), etc. Na óptica de Gehl e Gemzoe (2002:18), o uso das praças públicas tem vindo a crescer gradualmente no âmbito social e recreativo.

O motivo que levou a uma fase de constantes renovações em variadíssimas praças, deve-se logicamente aos avisos da comunidade internacional, no que se refere à salvaguarda das áreas urbanas e do seu ambiente. A consciência de que o processo de renovação urbanística e arquitectónica de uma praça produz resultados sustentáveis a nível ambiental, social, económico e cultural é cada vez mais forte pela pressão humana, pela Comunidade Europeia (European Common Indicators), e pelos sistemas de avaliação da qualidade e do desempenho do projecto urbanístico e arquitectónico, como o BREEAM (UK), do LEED (EUA) e do LiderA (Portugal).

Assim, torna-se oportuno abordar neste trabalho o tema “Indicadores de Sucesso em Praças de Carácter Residencial”, uma vez que a sua maior e melhor compreensão contribui para tornar as praças em locais de maior sucesso, melhorando a qualidade de vida dos seus utilizadores.

1.2. Objectivo (s)

O objectivo geral é:

- Elaborar um estudo sobre os "Indicadores de Sucesso em Praças de Carácter Residencial", que possa contribuir com conhecimento relevante no Urbanismo e na Arquitectura, para tornar as praças em locais de maior sucesso, melhorando a qualidade de vida dos seus utilizadores.

Os objectivos específicos são:

- Proceder a uma revisão bibliográfica e recolher informações pertinentes sobre as praças e identificar os indicadores que contribuem para o seu sucesso;

- Analisar quatro praças, e comparar quais os indicadores que contribuem (ou não) para o seu sucesso;

- Propor um modelo de princípios, que possa constituir-se como uma base estandardizada de apoio à praça, qualquer que seja o objectivo pretendido (recuperação, reestruturação, reabilitação, criação, entre outros).

1.3. Organização

A presente dissertação organiza-se no primeiro capítulo com a introdução ao tema, definição dos objectivos e organização do trabalho.

No segundo capítulo, avança-se para a análise do estado de arte incidente nas temáticas da praça e dos indicadores.

Seguidamente, no terceiro capítulo, introduzem-se os indicadores a ser analisados com uma justificação dos mesmos, bem como a metodologia a usar e o estudo de caso, com quatro praças Portuguesas: Praça do Conhecimento e Praça de S. Lázaro (Porto), Praça Rio e Praça das Flores (Lisboa). A análise assenta em cinco dimensões urbanísticas complementares, através de métodos e técnicas próprios de cada uma delas. As cinco dimensões são: Inserção no Meio, Tipo-Morfologia, Análise Visual, Percepção, e Comportamento. A primeira dimensão expressa a inserção da praça no meio-ambiente e na área urbana, enquanto que as outras quatro são diretamente ligadas à sua dimensão própria.

Finalmente, no quarto capítulo realizam-se as conclusões e algumas sugestões para trabalhos futuros.

Este trabalho é classificado quanto à sua natureza de qualitativo, e como tal o seu objectivo e problemática é exploratório, sendo o seu escopo de um estudo de caso sem controlo laboratorial, e onde o factor humano-social é uma das variáveis fundamentais. A Metodologia irá decorrer tendo em conta a bibliografia de apoio existente, relativamente ao tema "Indicadores de Sucesso em Praças de Carácter Residencial", em conjunto com a análise de campo comparativa de quatro exemplos praças residênciais.

Este trabalho é realizado com o intuito de ser um contributo para o Urbanismo e Arquitectura, dando enfoque a uma maior e melhor compreensão das praças, contribuindo para o seu sucesso, e consequente melhoria da qualidade de vida dos seus utilizadores.

2. A Evolução da Praça Residencial e Indicadores de Sucesso

2.1. Introdução

No presente capítulo é desenvolvida uma análise às referências bibliográficas pertinentes ao desenvolvimento do trabalho. Primeiramente será discutida " A Praça Residencial na História e a sua Importância", com o objectivo de compreender a verdadeira essência da praça ao longo dos tempos e da sua importância na vida dos seus utilizadores. Em seguida, analisa-se o tema "Qualidade Urbana e Indicadores de Sucesso", com o intuito de compreender que tipo de análise e indicadores foram usados noutros estudos idênticos.

2.2. A Praça Residencial na História e a sua Importância

Apelida-se de praça um lugar aberto, público, inserido na malha urbana, que prove aos indivíduos e à comunidade ser um espaço para o lazer, recreação, e para as actividades sociais e cívicas. Para Gehl e Gemzøe (2002:136), é nas praças que se concentram as actividades e acontecimentos colectivos de maior ênfase no âmbito da cidade ou do bairro e onde decorrem cerimónias, mercados, festivais e eventos diários na área urbana. Lynch (1999) e Serdoura (2006) referem que o espaço público apresenta diversas tipologias, que se destacam e distinguem entre si, pelas suas características físicas e pelas relações que as pessoas estabelecem com esses espaços. Existem duas tipologias de espaço público: linear e não linear. O espaço linear engloba as ruas/avenidas e as frentes ribeirinhas; do espaço não linear fazem parte as praças, os largos, os parques e os espaços livres de bairro. Os mesmos autores consideram que é nos espaços não lineares que as actividades de sociabilização da comunidade mais se realçam. A teoria de Gehl e Gemzøe (2002:31:87) defende que, no que se refere à concepção espacial, os espaços públicos não lineares podem ser diferenciados por serem fruto de um acto voluntário ou resultado de um acto planeado. O presente trabalho incide nos espaços públicos não lineares, mais concretamente nas praças.

A praça é uma criação física do Homem e é por excelência o palco da vida pública na cidade. Como elemento de destaque dos espaços públicos, sobreviveu às transformações, abandono e à indiferença ao longo de séculos Caldeira (2007). A praça tem um significado imprescindível na malha urbana e no seu utilizador. Na malha urbana, ela é um espaço desafogado e livre de construções onde o terreno permeável e a estrutura verde podem ser entendidos como um oásis no tecido urbano.

Desde sempre as praças serviram como espaço de reunião, de encontro e de troca de bens e de informação. São vários os autores que apresentam, segundo a sua perspectiva, o significado de praça. Para Lynch (1999), *"as praças são espaços de encontro e lazer dos transeuntes, são locais de escape dentro do contexto urbano, onde proporcionar o bem-estar dos indivíduos é o principal objectivo. Para tal, o mobiliário e os equipamentos urbanos como bancos, iluminação, fontes, coberto vegetal, sombreamento são indispensáveis para atraírem a população e garantirem conforto no espaço público".*

Segundo Lamas (1993:102), a praça é o lugar público intencional de permanência, de encontro, de comércio e circulação, local onde ocorrem importantes acontecimentos festivos, comemorações e manifestações e onde a Arquitectura assume um lugar de destaque.

Para Zuliani (1995), a praça é o melhor e mais tradicional local para o comércio, nó formal para onde convergem as ruas centrando em si todas as energias sociais: quem compra, vende, passa, passeia, contempla, conversa, etc.

Na perspectiva de Spirn (1995), a praça é um espaço para se ver e se ser visto, negociar, comprar, passear e fazer política.

Outro autor, Mascaró (1987), considera que a praça é um local cheio de significados e com ambiente próprio, que se pode definir como um espaço fechado ou um interior aberto, que se define como um lugar com um grande conteúdo simbólico.

Na teoria de Caldeira (2007), a praça sustenta um património rico em história, cultura, tradição e saber sobre a cidade como local de identidade. Assim, entende-se a função, o significado da praça e o valor que ela representava a nível ambiental, social, económico e cultural da cidade.

As primeiras praças tinham uma função de tal modo vital no contexto urbano, que se podiam considerar os locais mais importantes, onde tudo se passava e a onde todos se dirigiam dentro da cidade.

É o caso da "*ágora"* a praça grega e antepassada longínqua das praças contemporâneas (Fig. 2.1). A *ágora* era o centro dinâmico da cidade grega. De acordo com Caldeira (2007) era um local amplo e privilegiado na cidade, limitado pela composição urbanística, normalmente rodeado de colunas e estátuas, onde os cidadãos se reuniam para falarem e para fazer política. Era na *ágora* que surgiam as correntes de opinião e de pensamento. O mesmo autor salienta que no Império Grego as funções comerciais ocorriam noutro espaço onde também os cidadãos se reuniam para negociar. Segundo Nnwin (1984), estas praças empregavam já alguns princípios de conforto para os seus utilizadores, como as áreas sombreadas para passeio ou reunião e, em sítios quentes e secos, como em Éfeso, existia um lago artificial no centro da *ágora*. Conforme descreve Webb (1990), as *ágoras* eram limitadas por diversos equipamentos públicos: as câmaras de deliberação, o teatro, sala de música, o ginásio, a pista de corrida e, na sua envolvente, situava-se a segunda praça destinada aos fins comerciais. Note-se que em redor da *ágora* o uso dos edifícios era

maioritariamente público e que na *ágora* o uso da palavra na política e na troca de informação assume-se como a principal função deste lugar. Define Saldanha (1993:15) a *ágora* como um lugar central e vital e símbolo da actividade política e, consequentemente da liberdade do povo grego.

Fig. 2.1 - Ágora Grega (Ágora de Atenas - Grécia).

Outra praça da antiguidade clássica é o "*fórum*" romano. Para Caldeira (2007) a sua origem data do tempo em que a cidade de Roma era formada pela união de diversas tribos estrangeiras que se reuniam num espaço comum, o *fórum*. Para Orlandi (1994) o fórum romano (Fig. 2.2) difere da *ágora* pelo traçado mais complexo, ou seja, menos regular, e pelos vários edifícios que compõem a praça, cujos usos são diversificados e cuja implantação não assenta numa regra de relação formal entre edifícios. Conforme Caldeira (2007) sugere, ocorriam também no *fórum,* outro tipo de actividades tais como as atléticas e as gladiatórias. Segundo estas teorias, compreende-se a importância da praça romana enquanto espaço público urbano, que detinha variados usos e cuja forma era menos regrada, e portanto mais espontânea em comparação com a praça grega. O *fórum* pode ser entendido como um espaço multifuncional onde os cidadãos romanos se encontravam para discutir ideias, comercializar, assistir a jogos, adorar deuses ou simplesmente passear. Porém, segundo Caldeira (2007) durante o Império Romano, o fórum foi sofrendo mudanças significativas a nível formal e do uso. Aproximadamente no séc. IV a.C., o comércio e os jogos foram afastados do *fórum*. O comércio foi levado para uma nova praça, afastada do centro da cidade e para os jogos foram criados locais próprios, como o circo e o coliseu. Enquanto espaço físico, o fórum foi alvo de cuidados de ornamentação onde estátuas, novos templos e monumentos tentaram instaurar uma certa ordem e equilíbrio.

Fig. 2.2 - Fórum Romano (Fórum de Roma - Itália).

A praça medieval (Fig. 2.3) também assumiu um papel dominante na vida pública urbana. A este respeito, Caldeira (2007) descreve a praça como um espaço de vocação social, lugar de mercado, ponto de reunião política e espaço destinado a espetacularização do quotidiano, onde o privado assume deliberadamente um carácter público. Esta ideia é bem evidenciada por Allegri (1995:359), quando refere que a civilização medieval desconhece o sentido de privado, ou seja toda a acção social ou cultural é pública, ao contrário da cultura moderna onde é tão notória a noção de privado.

No que diz respeito à estrutura física da praça, Lamas (1993) afirma que é um espaço que se abre espontaneamente no tecido urbano e apresenta normalmente uma forma irregular.

Relativamente à classificação das praças medievais, segundo a sua função, surgem várias teorias. Para Lamas (1993) existe uma distinção do tipo de praças medievais: a praça do mercado e a praça da igreja, cujas funções e localizações no tecido urbano são diferentes. Segundo Zucker (1959) as praças agrupam-se em cinco categorias: adro da igreja, praça como centro da cidade, praças agrupadas, praças da entrada da cidade e praças de mercado. Para Chiusoli (1995), a classificação faz-se em três grupos: praça religiosa, praça cívica e praça de mercado. Todavia, segundo a teoria de Caldeira (2007), a praça medieval assumia várias funções consoante as necessidades da comunidade local. Assim, utilizavam as praças para administrar e aplicar a justiça, em celebrações religiosas e nos dias de mercado e feira. Entende Caldeira (2007) que a praça é um vazio dentro das muralhas da cidade com sentido multifuncional que reúne diversas funções da comunidade colectiva no âmbito civil.

Fig. 2.3 - Praça Medieval (Praça Central de Siena - Itália).

As praças maiores (Fig. 2.4) surgem no urbanismo espanhol do séc. XIII como um dos elementos centrais. Segundo Goitia (2006:107), estas têm origem nas inúmeras praças medievais de espaço fechado. Afirma Caldeira (2007) que, durante o séc. XIV, a função primordial desta praça, "comércio", adicionou outros tipos de actividades de âmbito social e, com o decorrer do séc. XV, segundo Correia (1978), a praça maior começou a receber grandes espectáculos, tais como as touradas e os torneios, mercado semanal, danças, autos sacramentais e de fé. Durante o período renascentista, a praça maior adquiriu uma forma mais regular, bem delimitada pelas quatro fachadas que tão caracteristicamente delimitam este tipo de espaço Webb (1990). Realça Goitia (2006:110) o sentido recluso que estas praças urbanas têm, e a grande tendência que apresentam em fugir às vias de circulação, sendo comparáveis aos pátios fechados das mesquitas.

É de referir os "adros" das igrejas, que no urbanismo Português medieval iriam influênciar as praças mais regulares junto às igrejas.

Fig. 2.4 - Praça Maior (Praça Maior de Salamanca - Espanha).

Até ao renascimento, Caldeira (2007) defende que as praças, enquanto espaços vazios de mercado, de encontro e reunião existiam, porém, não eram vistas como parte integrante do tecido urbano. Só com o aparecimento da praça renascentista (Fig. 2.5), através

do artifício da perspectiva e do sentido de embelezamento e ornamentação das cidades, foi possível classificá-la como espaço público pertencente à estrutura urbana. As praças serviam para dar sumptuosidade à cidade. Pela primeira vez, igualado ao valor funcional das praças surgem o valor social e muito significativamente o valor simbólico e artístico Lamas (1993:54).

Fig. 2.5 - Praça Renascentista (Praça de São Marcos em Veneza - Itália).

As praças regulares (Fig. 2.6), impostas pelas Leis das Índias em toda a América Espanhola, são excelentes exemplos da cultura renascentista "regular". Estas praças eram uma expressão do poder da metrópole materializado nas colónias, pois exaltavam a estrutura do poder através do desenho urbano e da distribuição de terras.

Fig. 2.6 - Praça Regular (Praça Vieja em Havana - Cuba).

A praça barroca difere da praça renascentista, por apelar mais ao lado monumental do espaço do que ao lado funcional, expressando os novos valores do Iluminismo. Apesar da praça renascentista adquirir um novo sentido, ela não deixa de desempenhar as funções sociais e comercias, enquanto a praça barroca, segundo Caldeira (2007), retira as actividades económicas da praça e preenche o vazio com árvores e mobiliário urbano. Pela arquitectura, a praça assume um grande valor de ornamentação de tal forma que, para Lamas (1993:170), a

composição do espaço recorre ao poder da emoção de forma a comover e a render as mais altas expectativas do utilizador. É importante referir o impacto que este tipo de praças teve em França. Refere Goitia (2006:134) que, o urbanismo francês aproveitou o estilo monumental da praça barroca para servir de "pedestal" à estátua equestre do rei. As exigências ornamentais do estilo barroco e a "vontade" de exaltar a monarquia centralista ajudaram a criar diversas praças sumptuosas. A Praça do Comércio em Lisboa (Portugal) segue este princípio francês (Fig. 2.7).

Fig. 2.7 - Praça Barroca (Praça do Comércio em Lisboa - Portugal).

Durante o classicismo Inglês criaram-se novas formas urbanas de praças, cujo desenho dá origem a diferentes denominações que são: Crescent (forma em arco), Circus (forma circular) e Square (forma quadrangular). Estas surgem a partir do conceito de "common" ou comum a um grupo de casas, servindo primordialmente para plantação. O classicismo Inglês (Fig. 2.8) incorpora no projecto de praça o conceito de parque com um desenho mais natural sendo muito usado para valorização imobiliária da construção envolvente. Esta última adquire um significado bastante inovador no sentido de ser um espaço fechado e reservado para os inquilinos dos edifícios circundantes. A confirmar esta teoria, Caldeira (2007,) nota o significado de Square como sendo: "*Terreno no qual existe um jardim fechado, circundado por via pública que dá acesso às casas situadas em cada um dos lados*". Este tipo de praças, na óptica do autor, foi uma inovação arquitectónica, que exprime a preocupação com a temática higiénico-social dentro da cidade e, no caso das squares, apela já a um ambiente mais restrito de bairro e vizinhança.

Fig. 2.8 - Praça Crescent (Regent`s Park em Londres - Reino Unido).

Até à Revolução Industrial (Séc. XVIII) a praça era o espaço público por excelência, que manteve sempre uma lógica constante e uma presença de relevo na cidade. No entanto, a partir do séc. XIX e mais recentemente, o valor das praças foi perdendo alguma importância, chegando mesmo a ser ignorada em certos momentos. Refere-se como exemplo as praças de Le Corbusier, que perderam a sua forma regular passando a ser mais fluidas, deixando de ter a sua expressão como lugar e o seu carácter morfológico. De acordo com Ferrara (1993:213), o desenvolvimento urbano ocorrido durante o séc. XIX na Europa, transferiu a imagem urbana da praça pública para as ruas, avenidas e boulevards. Isto evidenciou, pela primeira vez, a vontade de uma exposição mais recatada dos indivíduos. Este facto deveu-se a dois factores: o primeiro, relativo ao processo de industrialização iniciado com a Revolução Industrial, que se intensificou durante o séc. XIX e se agravou no séc. XX com a revolução tecnológica; o segundo, devido ao movimento moderno, que colocava o desenho dos espaços públicos e consequentemente as praças em segundo plano. Muitas vezes, o Modernismo, entendia os espaços não construídos como "áreas verdes", de ocupação esparsa, ou usavam as praças para acentuar as edificações, essas sim vistas com interesse. Incontestavelmente, isto levou a uma mudança significativa no sentido físico e funcional das praças.

Segundo Gehl e de Gemzøe (2002:13), os novos modelos de circulação, de comércio e de comunicação foram de tal modo profundos que conseguiram interromper séculos de tradições da praça (Fig. 2.9). O ritmo urbano mudou, a população aumentou, as cidades cresceram e a mobilidade urbana passou a ser uma das principais necessidades do Homem moderno e contemporâneo. Por todo o mundo, durante a época do pós-guerra até aproximadamente os anos 70, era muito comum que espaços sobrantes de grandes projectos (particularmente os de circulação) fossem classificados como "praças", embora na realidade não tenham desempenhado tal função. Nesta sentido, Goitia (2006:178) refere que

"*sacrificaram-se praças arborizadas tão necessárias como pulmões no meio do congestionamento do tráfego, tão úteis para purificar o ar lutando contra a poluição de gases nocivos, para instalar parques de estacionamento que não são mais do que uma solução temporária e paupérrima."*

Fig. 2.9 - Praça da década de 60 (Praça do Comércio em Lisboa - Portugal).

Observa Caldeira (2007), que actualmente a praça não possui o mesmo significado e importância de outras épocas, ao invés, limita-se a ser um mero espaço vazio, fruto urbanístico da intersecção de eixos viários ou espaços sobrantes, por onde os veículos passam incessantemente ou ficam estacionados. Os meios de deslocação facilitaram muito a mobilidade no meio urbano mas, por outro lado, condicionaram fortemente o espaço público pela sua ocupação e poluição atmosférica, sonora e visual. A mobilidade não foi a única responsável, mas contribuiu para a degradação e desuso das praças. O estilo de vida da sociedade e os novos padrões de comportamento, influenciados pela evolução tecnológica, científica e pelo sistema económico, também se fizeram sentir na cidade essencialmente no espaço público. Os novos meios de comunicação e deslocação tornaram o indivíduo mais independente, mas contribuíram para o seu afastamento e isolamento no contacto com os outros.

A sociedade consumista mudou as práticas comerciais, "que antes se faziam em plena praça", e agora estão nos edifícios envolventes ou em lugares próprios como os "Shoppings", que se transformaram em lugares de encontro e consumismo, pela facilidade de estacionamento e sensação de segurança. Para Ribeiro (2008:45) as funções das praças alteraram-se continuamente para acompanhar as transformações da sociedade, e os novos usos das praças contemporâneas evidenciam essas transformações. A mesma autora afirma que a

forma é alterada, renovada e suprimida, dando lugar a outra forma, que atenda às necessidades da estrutura social.

Nos últimos 25 anos do séc. XX, notou-se a vontade de querer recuperar as praças, atribuindo-lhes novamente uso e dignidade, Gehl e Gemzøe (2002:7). Isto aconteceu por duas razões principais. Primeiro, como resultado da pressão das comunidades por áreas de lazer e recreacionais (particularmente perto das suas habitações). Segundo, como reflexo de um movimento na procura da cidade mais voltada para o peão e para espaços que complementem verdadeiramente os usos circundantes.

Os urbanistas e a comunidade internacional, com base na problemática do meio urbano, na História e tendo em conta as suas verdadeiras aspirações e desejos, reflectiram e concluíram que as praças foram, são, e serão, um bem maior pelas mais diversas razões e, que terão de ser mantidas e aproveitadas dentro da estrutura urbana e social (Fig. 2.10).

Fig. 2.10 - Praça Contemporânea (Praça de Dalí em Madrid - Espanha).

2.3. Qualidade Urbana e Indicadores de Sucesso

Elevar a qualidade de vida é um objetivo consensual e representa um desafio para este trabalho. Para obter um referencial abrangente de qualidade urbana e consequente melhoria da qualidade de vida, é necessário realizar estudos e tomar conclusões que auxiliem no processo de tomada de decisão, ajudando ao mesmo tempo, a que este se torne cada vez mais transparente e aberto aos olhos dos agentes envolvidos. Tal significa que não basta acumular séries de indicadores avulsos e genéricos, mas sim encontrar os indicadores de sucesso, ou seja, as melhores medidas e os métodos adequados para se traçar um retrato multidimensional e dinâmico, de forma a melhorar qualidade de vida do ser humano.

Não existindo valores "ideais" para a qualidade de vida, nem para a concepção de praças residênciais, esta dissertação não propõe uma avaliação absoluta, mas sim uma análise fundamentada no trabalho de vários estudos similares seguidamente analisados, que contêm uma sistematização de indicadores de sucesso no espaço urbano, que após uma análise cuidada serão compilados e aplicados neste trabalho, com enfoque na praça de carácter residencial.

Na avaliação de milhares de praças por todo o mundo, PPS (2003) ou Francis (1998), referem que os bem-sucedidos têm quatro factores chave.

- *Acessos e Ligações;*

Pode-se julgar a acessibilidade de uma praça através das suas conecções físicas e visuais à envolvente. Uma praça fácil de chegar e passar, é visível tanto ao longe como ao perto. As bordas de uma praça são igualmente importantes, por exemplo, uma fila de lojas ao longo da rua é mais interessante e, geralmente mais seguro do que uma fachada cega ou espaço vazio. Praças acessíveis têm uma maior rotatividade de estacionamento e de preferência, são convenientes para o transporte público.

- *Conforto e Imagem;*

Um aspecto chave para a qualidade da praça é ser confortável e ter uma boa imagem. O conforto inclui percepções sobre segurança, limpeza, bem como a disponibilidade de lugares para sentar. As mulheres em particular são boas juízas em conforto e imagem porque tendem a ser mais exigentes sobre as praças que frequentam.

- *Usos e Actividades;*

As actividades são o bloco básico da construção de uma praça. Ter algo para fazer dá às pessoas uma razão para vir a um lugar e voltar. Quando não há nada a fazer numa praça, geralmente isso significa que alguma coisa está errada e, consequentemente, esta estará vazia (insucesso).

- *Sociabilidade;*

Esta é uma qualidade difícil de alcançar, mas uma vez alcançada, torna-se uma característica inconfundível. Quando as pessoas vêem os amigos, se sentem confortáveis a interagir com estranhos, tendem a sentir um forte sentido de comunidade e apego ao lugar.

Outros estudos como os de Ewing (2006), referem os seguintes indicadores como contribuintes para a qualidade e, consequente sucesso do espaço urbano:

- *Imageabilidade;*

A imagiabilidade é a qualidade que faz com que um lugar seja distinto, reconhecivel e memorável. Um lugar tem uma boa imagiabilidade quando os elementos físicos específicos da sua disposição capturam a atenção, evocam sentimentos e criam uma impressão duradoura.

- *Legibilidade;*

A legibilidade refere-se à facilidade com que a estrutura espacial de um local pode ser entendida e navegada como um todo. A legibilidade de um lugar é melhorada por uma rua ou rede pedestre que ofereça aos viajantes um sentido de orientação e localização, e por elementos físicos que sirvam como pontos de referência.

- *Recinto;*

O recinto refere-se ao grau de definição visual das ruas e outros espaços públicos através de edifícios, muros, árvores e outros elementos. Espaços onde a altura vertical dos elementos está proporcionalmente relacionada com a largura do espaço, sendo agradável ao uso humano.

- *Escala humana;*

A escala humana refere-se ao tamanho, textura e articulação de elementos físicos que correspondem às proporções dos seres humanos e à velocidade à qual os seres humanos se movimentam. Características dos edifícios, texturas do pavimento, árvores e mobiliário urbano são elementos físicos que contribuem para a escala humana.

- *Transparência;*

A transparência refere-se ao grau de visibilidade em que as pessoas podem ver ou perceber o que está para além da borda de uma rua ou de outro espaço público e, mais especificamente, o grau em que as pessoas podem ver ou perceber a atividade humana além da borda. Elementos físicos que influênciam a transparência incluem paredes, janelas, portas, cercas, paisagem, e aberturas.

- *Ligações;*

As ligações referem-se às conexões físicas e visuais do edifício para rua, edifício a edifício, espaço a espaço, ou de um lado da rua para o outro. Linhas de árvores, projeções de edifícios, cruzamentos marcados podem ajudar a criar este vínculo. As ligações podem ocorrer longitudinalmente ao longo de uma rua ou lateralmente em cada rua.

- *Complexidade;*

A complexidade refere-se à riqueza visual de um lugar. A complexidade de um lugar depende da variedade do ambiente físico, especificamente os números e tipos de elementos construtivos, a diversidade arquitectónica e ornamentação, elementos da paisagem, mobiliário urbano, atividade humana, etc.

- *Coerência;*

A coerência refere-se a um sentido de ordem visual. O grau de coerência é influenciada pela complementaridade na escala, caráter e disposição dos edifícios, paisagismo, mobiliário urbano, materiais de pavimentação, e outros elementos físicos.

- *Asseio;*

O asseio refere-se à condição de organização de um lugar. Um lugar que é desarrumado tem sinais de decadência e desordem, é uma necessidade para a qualidade de um espaço a sua organização e reparação. Um lugar que é organizado e bem conservado, mostra poucos sinais de desgaste.

De forma mais simplificada Gehl (1987), divide as actividades nos espaços públicos em três categorias, cada uma delas necessitando de diferentes demandas no ambiente físico: atividades necessárias, atividades opcionais e, actividades sociais.

- *Actividades necessárias;*

Incluem as mais ou menos obrigatórias (ir para a escola ou para o trabalho, compras, esperar pelo autocarro ou uma pessoa, fazer recados, distribuição do correio ou, por outras

palavras, todas as actividades em que as pessoas são (a um grau maior ou menor) requeridas a participar).

Em geral, as tarefas diárias que pertencem a este grupo estão relacionadas com o caminhar. Isto, porque as atividades deste grupo são necessárias, a sua incidência é influenciada apenas pela estrutura física. Estas actividades serão realizadas durante todo o ano, sob quase todas as condições, e são mais ou menos independentes do ambiente exterior. Os participantes não têm escolha.

- *Actividades opcionais;*

Estas são as actividades que são participadas, se existir um desejo de o fazer e se o tempo e o lugar assim o permitirem.

Esta categoria inclui actividades tais como uma caminhada para apanhar ar, andar a pé e apreciar a vida, ou sentar-se a apanhar sol.

Estas actividades apenas acontecem quando as condições exteriores assim o permitem, e quando o tempo e o lugar convida. Este relacionamento é particularmente importante em conecção com o planeamento físico, pois a maioria das actividades recreativas são especialmente dependentes das condições físicas exteriores.

Quando as áreas ao ar livre são de má qualidade, apenas actividades estritamente necessárias ocorrem.

Quando as áreas exteriores são de grande qualidade, as actividades necessárias ocorrem com aproximadamente a mesma frequência (sendo que claramente tendem a demorar mais tempo, porque as condições físicas são melhores), ainda por cima um maior leque de actividades irão ocorrer pois o lugar e a situação convida as pessoas a parar, sentar, comer, brincar, e assim por diante.

Em ruas e espaços da cidade com má qualidade, apenas o número mínimo de actividades ocorre. As pessoas correm para casa. Num bom ambiente, ocorre um maior leque de actividades humanas.

- *Actividades sociais;*

Estas dependem da presença de espaços públicos. As actividades sociais são por exemplo, as crianças a brincar, saudações e conversas, actividades comunitárias de vários tipos, e finalmente (num maior leque social), contactos passivos, isto é, observar e ouvir as outras pessoas.

Diferentes tipos de actividades sociais ocorrem em diversos lugares: espaços privados ao ar livre, jardins e varandas, em edifícios públicos, nos locais de trabalho e assim por diante; mas neste trabalho apenas as actividades que ocorrem em espaços de acesso público são examinadas.

Essas actividades também podem ser apelidadas de actividades “resultantes”, porque em quase todos os casos estas actividades estão ligadas às outras duas categorias de actividades. Esta desenvolve uma conexão com as outras atividades, porque as pessoas estão no mesmo espaço, conhecem-se, passam umas pelas outras, ou estão somente à vista uma das outras.

As actividades sociais ocorrem espontaneamente como consequência directa da deslocação de pessoas e de estas estarem nos mesmos espaços. Isto implica que as actividades sociais são indiretamente apoiadas pelas actividades necessárias e actividades opcionais que têm melhores condições nos espaços públicos.

O carácter das actividades sociais varia, dependendo do contexto em que elas ocorrem. Nas ruas residenciais perto de escolas, locais de trabalho, onde há um número limitado de pessoas com interesses comuns, as actividades sociais em espaços públicos podem ser bastante abrangentes: cumprimentos, conversações, discussões e jogos, decorrendo de interesses comuns e porque as pessoas "conhecem" o outro, pela razão que os fazem ver-se tantas vezes.

Nas ruas das cidade e nos seus centros, as actividades sociais geralmente ocorrem de forma mais superficial, com os seus contactos maioritariamente passivos (ver e ouvir um grande número de pessoas desconhecidas). Mas mesmo esta actividade pode ser muito cativante.

Interpretada de forma muito livre, uma actividade social tem lugar de cada vez que duas pessoas estão juntas num mesmo espaço. Ver e ouvir cada pessoa ou conhecer alguém, é em si uma forma de contacto, uma actividade social. O encontro real, o facto de meramente se estar presente é, além disso, a semente para outros tipos de actividades sociais.

Esta conexão é importante em relação ao planeamento físico.

Apesar da estrutura física não ter uma influência directa, influencia na qualidade, conteúdo e intensidade dos contactos sociais. Arquitectos e urbanistas podem afectar possibilidades de reunião, vendo e ouvindo pessoas (as possibilidades que ambos assumem

como qualitativas que se tornam importantes como pano de fundo e ponto de partida para outras formas de contacto).

Isto é o fundo para investigação deste trabalho de Gehl (1987), que demonstra as possibilidades e oportunidades de reunião para se ver e ouvir as outras pessoas. Outra razão para uma revisão abrangente dessas actividades é precisamente a presença de outras pessoas, atividades, eventos, inspirações e estímulos usados em conjunto num mesmo espaço.

Aborda-se seguidamente Hill (2001), que propõe as seguintes recomendações para as praças residênciais.

- *Localização;*

As melhores localizações para as praças são aquelas que atraem uma grande variedade de utilizadores e usos. Estudos realizados neste sentido demonstram que as praças utilizadas mais frequentemente, são as situadas em áreas de diferentes usos (comércio, habitação, serviços, etc…), consequentemente, com diferentes utilizadores.

- *Tamanho;*

É difícil fazer recomendações relativamente ao tamanho da praça, visto que cada localização, ambiente e contexto são diferentes.

Kevin Lynch sugere que dimensões de 12m aparentam uma escala íntima, com 25m ainda se encontra numa escala agradável e que os espaços com maior sucesso no passado, geralmente não ultrapassavam os 137m.

Por sua vez, Gehl propõe dimensões máximas de 70 a 100m, visto esta ser a distância máxima a que os eventos são perceptíveis. Isto pode ser combinado com a maior distância em que se conseguem observar expressões faciais, 20 a 25m, corroborando assim as sugestões de Lynch.

- *Complexidade Visual;*

Estudos recentes observaram que tanto a densidade como a variedade em oposição à escassez e repetição pareciam ser contribuintes para o sucesso da praça.

- *Usos e Actividades;*

As actividades e os usos são a base da construção de uma praça. Ter algo para as pessoas fazerem, cria uma razão para ir a um lugar. Quando não existe nada para fazer numa praça, geralmente significa que alguma coisa está errada e consequentemente, a praça estará vazia.

- *Microclima;*

As considerações climatéricas envolvem reflectir em parâmetros como a radiação solar, temperatura, vento, precipitação e conforto em geral. Praças confortáveis podem ser manipuladas através do desenho bioclimático, incluindo sombra, exposição solar, protecção ao vento, reflectância de materiais, entre outros, para aumentar o conforto dos seus usuários.

- *Limites;*

Uma praça deve ser entendida como um espaço distinto, no entanto deverá ser visível, funcional e acessível. Exposição aos percursos adjacentes é essencial; uma praça de sucesso possui diversos pontos de conecção bem visíveis com os percursos adjacentes. Se estes pontos de conecção forem convidativos, levará a um maior número de utilizadores na praça. É necessário compreender que até uma pequena barreira ou desnível, reduz consideravelmente os utilizadores de uma praça.

- *Subespaços;*

Com excepção de praças especificamente desenhadas para agregação de grandes quantidades de pessoas, as praças devem ser divididas em subespaços, que são unidades menores e reconhecidas, que encorajam o seu uso. Uma consideração cuidadosa deve ser dada aos limites destes subespaços e ao seu tamanho.

- *Circulação;*

O uso principal de muitas praças é por pedestres a entrar e sair de edifícios adjacentes. Independentemente do clima local, do aspecto da praça, entre outros, o ser humano escolhe sempre o percurso mais curto entre zonas de percurso ou entradas de edifícios. É necessária uma análise ao desenho da praça, que preveja os possíveis fluxos e percursos dos seus utilizadores.

- *Sentar;*

Mesmo quando o regulamento encoraja a criação de mais espaços livres, não existe necessariamente um aumento do número de lugares para sentar. William Whyte, estudou vários parâmetros ligados a esta temática, como a exposição solar, tamanho do espaço, materiais, etc… e chegou à espectacular conclusão que as pessoas se sentam onde existe lugar para isso. Outros aspectos também importam no desenho de uma praça, como comida, fontes, mesas, luz solar, sombra, árvores, entre outros, mas sem dúvida o mais importante são os lugares para sentar.

- *Vegetação;*

A variedade e qualidade de texturas, cor, estímulos olfactivos criados pela vegetação, atribuem qualidade à praça.

- *Níveis;*

Através de considerações dos aspectos estéticos e psicológicos das praças, é necessário compreender os perigos das praças afundadas e o uso de praças levantadas, este tipo de situação deve ser sempre ponderado devido ao facto de na maiorias das vezes, ter consequências negativas num espaço.

- *Arte Pública;*

Crowhurst-Lennard propõe um excelente critério para avaliar a arte nos espaços públicos. Esta deve dar uma contribuição positiva para a vida na cidade e para o bem estar dos seus habitantes. A arte pública deve dar ao público algum tipo de beneficio (prazer, amenidade, fantasia, alegria, etc…) no sentido da procura da qualidade de vida.

- *Pavimentação;*

Torna-se evidente até para o observador casual que as pessoas procuram deslocar-se entre dois pontos numa linha o mais directa possível - estabelecer as chamadas "linhas de desejo" mais evidentes, por exemplo, os caminhos marcados na neve. Todas as principais vias de circulação devem acomodar este princípio, ou as pessoas vão criar atalhos através da relva ou até mesmo das plantas para chegar onde elas querem, o mais diretamente possível.

Existem superfícies que a maioria das pessoas evitam (e por isso podem ser usadas para o movimento do canal) são cascalho e pedras de grande porte. As mulheres são mais propensas a evitá-los do que os homens. Uma mudança na superfície que é facilmente perceptível para os pés e olhos, tais como a transição da calçada pavimentada, pode definir uma praça como um lugar separado sem desencorajar a entrada.

- *Comida;*

William Whyte observou nos seus estudos que as praças com zonas de comida (restaurantes, snacks entre outros) atraem mais pessoas do que as praças sem comida.

- *Programas;*

O desenhador normalmente sai do projecto, a partir do momento em que a sua construção fica pronta. Mas no caso das praças, mais do que em qualquer outro espaço projectado, a gestão ao longo dos tempos é crucial para o seu sucesso. A provisão de comida é

essencial para o seu sucesso. Outra coisa essencial para o seu sucesso, é a criação de programas que atraiam uma variedade de actividades e usos.

- *Vendedores;*

Os pequenos objectos sempre foram vendidos em lojas, quiosques, carrinhos, etc.. desde o aparecimento das praças. Mas com o aparecimento do "grande" comércio, este tipo de venda começou a cair em desuso. Os vendedores viram isto como uma competição injusta e desde os anos 60 têm vindo a fazer crescer este tipo de comércio.

Os grandes comércios notaram que a venda de determinados produtos em determinadas localizações podem até aumentar o seu retorno, isto deve-se ao aumento da popularidade das áreas de comércio que desta forma aumentam a segurança e o interesse da zona pública adjacente aos seus comércios.

- *Informações;*

Apesar dos utilizadores habituais de um espaço conseguirem ao fim de algum tempo, conhecer todo o espaço mesmo sem sinais ou informações, esta situação não ocorre com os utilizadores ocasionais que podem ter alguma dificuldade a percorrer o espaço. Assim, algumas informações e sinais podem facilitar a qualidade de vida dos utilizadores.

- *Desenho Universal;*

O desenho universal é um projeto de consciência primordial e, portanto, fornece um resumo útil e uma visão geral de todos os elementos do design.

O desenho universal é o sensibilização do design para todas as pessoas de todas as idades e de todas as habilidades. Este responde aos requisitos de acessibilidade previstos por lei, mas vai muito além destas disposições mínimas.

- *Manutenção;*

Finalmente aborda-se a manutenção, do qual se salienta que quanto mais bem tratado estiver um espaço, melhor as pessoas tratam dele. Ou seja, se um espaço está em boas condições, as pessoas tenderão a tratá-lo com cuidado, mantendo a sua boa aparência. Se este se encontrar degradado, levará a que as pessoas não lhe atribuam valor, fazendo *graffiti* ou atirando lixo para o chão, por exemplo.

Através deste estudo bibliográfico, construiu-se o estado da arte, com várias relações, questões e problemática inerentes a todos elas, que suscitam o desenvolvimento desta dissertação.

3. Pesquisa

3.1. Introdução

Na continuação do desenvolvimento deste trabalho, analisa-se, no presente capítulo, os indicadores de sucesso a ser aplicados no estudo de caso.

De seguida, apresenta-se a metodologia a ser aplicada e o consequente estudo de caso.

Finalmente, apresenta-se uma síntese comparativa do estudo de caso realizado, para uma melhor compreensão dos dados obtidos.

3.2. Estudos de Indicadores

O objectivo deste capítulo é definir os indicadores usados no estudo de caso e explicar a importância da sua aplicação directa no projecto de recuperação, reestruturação, reabilitação, criação, entre outros, na praça de carácter residencial. Os indicadores foram seleccionados com base na análise feita no capitulo anterior e de acordo com uma reflexão sobre a temática deste trabalho.

Tendo por base os conceitos e critérios de qualidade urbanística propostos por diversos pesquisadores e existentes na literatura da área do urbanismo, o objetivo desta pesquisa é investigar praças residenciais através de uma metodologia comparativa de casos de estudo de modo a identificar elementos do projeto que influenciam nas qualidades identificadas pelos seus utilizadores e que as tornam bem sucedidas.

Serão investigadas quatro praças de carácter residencial sendo duas localizadas em Lisboa e duas no Porto. Em cada localidade, uma delas será uma praça já consolidada historicamente, enquanto a outra será uma praça de construção ainda recente. Todas terão tamanho e características gerais semelhantes, de modo a minimizar distorções excessivas nos dados e, simultaneamente, facilitar comparações.

Assim, considera-se de extrema importância a análise dos indicadores nas praças de carácter residencial, pois visam garantir o sucesso das mesmas, tendo em conta os princípios de qualidade do espaço.

Neste sentido, houve necessidade de apurar o que significa cada um destes indicadores e como podem influenciar o sucesso das praças.

Assim, opta-se por aplicar a análise a cinco dimensões complementares, através de métodos e técnicas próprios de cada uma delas. As cinco dimensões são: Inserção no Meio, Tipo-Morfologia, Analise Visual, Percepção, e Comportamento. A primeira dimensão expressa a inserção da praça no meio-ambiente e na cidade, enquanto as outras quatro são diretamente ligadas ao seu projeto e situação própria. Os elementos a serem investigados em cada uma são:

- *Inserção no Meio;*

Neste ponto começa-se pela análise histórica da praça, abordando factores como a sua localização, área e dados de interesse em geral.

Seguidamente analisam-se dados relativos à sua população e utilizadores, reflectindo também, sobre a legislação na área, as suas funções, ocupações, cérceas, estado de conservação, circulações, e análise dos solos.

Finalmente abordam-se aspectos climatéricos e a adaptação da praça ao mesmo, como também, estudos solares aplicados ao espaço em análise.

- Tipo-*Morfologia;*

Na análise morfológica analisa-se a evolução, formação e transformação da praça ao longo dos tempos, a sua situação em termos de acessibilidades e circulações, características da praça e do seu entorno imediato.

- *Análise Visual;*

Observam-se, neste ponto, aspectos aparentes aos utilizadores das praças, tais como estado de conservação e manutenção, características peculiares, estética, transparências, vistas de aproximação, complexidade visual, etc.

- *Percepção;*

Neste ponto deu-se primazia ao estudo de campo feito aos utilizadores da praça e interpretação do autor deste trabalho, revelando dados perceptivos da praça em estudo.

- *Comportamento;*

Mais uma vez, dá-se proveito aos dados fornecidos por inquérito aos utilizadores da praça e da interpretação do autor deste trabalho, criando uma análise de comportamentos no espaço da praça e zona envolvente.

O presente estudo evidenciou a importância que cada indicador tem na praça e justifica a boa prática no projecto urbanístico. Assim, uma vez definidas as dimensões e compreendidas as suas principais linhas de acção, torna-se possível analisar as praças residenciais e testar os seus indicadores de sucesso, o que será realizado no seguinte ponto.

3.3. Metodologia

No seguinte ponto analisam-se quatro praças Portuguesas: Praça do Conhecimento (Fig. 3.1) e Praça de S. Lázaro (Fig. 3.2) (Porto), Praça Rio (Fig. 3.3) e Praça das Flores (Fig. 3.4) (Lisboa).

As praças foram analisadas com base nos indicadores, anteriormente apresentados, contudo, para um estudo mais elaborado, foram submetidas a uma análise mais detalhada de critérios específicos, consoante as necessidades e características de cada praça.

Este estudo foi realizado através da observação no local e da documentação existente sobre o mesmo, tentando compreender a função das praças no quotidiano urbano, as suas relações e transformações espaciais e a forma de ocupação por diferentes grupos. As observações no local foram realizadas em diferentes condições meteorológicas (chuva, sol), dias (semana, fim-de-semana, feriado), e horários (9h, 15h, 21h), para a obtenção de uma melhor análise.

Fig. 3.1 - Praça do Conhecimento (Porto - Portugal).

Fig. 3.2 - Praça de S. Lázaro (Porto - Portugal).

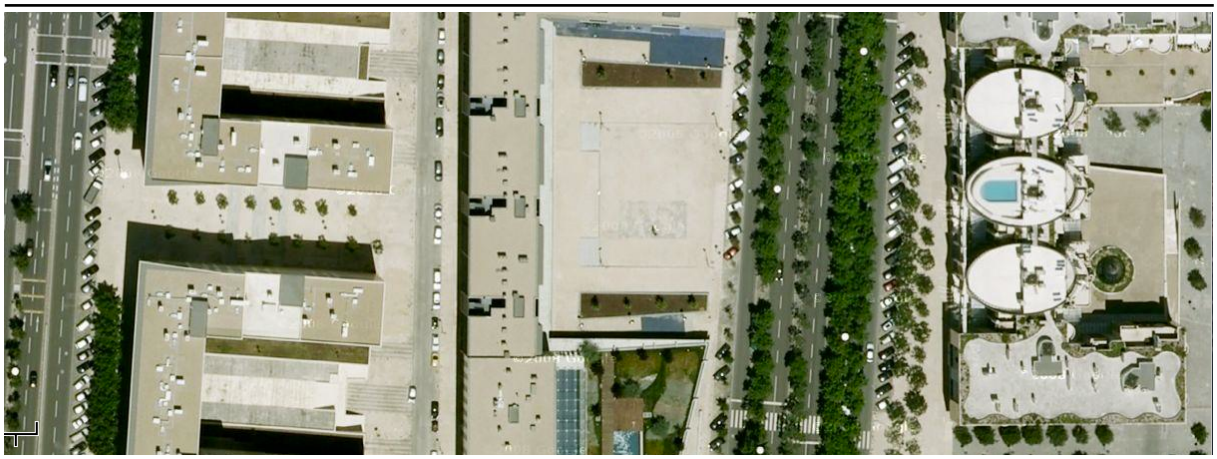


Fig. 3.3 - Praça Rio (Lisboa - Portugal).

Fig. 3.4 - Praça das Flores (Lisboa - Portugal).

Como complemento a esta análise, realizou-se o seguinte questionário de investigação a 20 utilizadores de cada praça (Fig. 3.5). O Seguinte questionário é constituído por dez questões pertinentes e necessárias à realização deste trabalho.

Questionário de Investigação:

Local: _____ Data: _____ Hora: _____ Entrevista: _____

Este inquérito faz parte de um estudo académico, e o seu preenchimento leva apenas 3 minutos.
Procura-se identificar o que as pessoas gostam, ou não gostam nesta praça.
Agradece-mos a sua participação.

Idade: ____ Sexo: ____

Qual o motivo porque frequenta a praça:
_____

1. Quando vem à praça, o que geralmente vem fazer? Indique todas as respostas que se apliquem.
Relaxar: ___ Acompanhar criança(s): ___ Tomar café/comer: ___
Encontrar amigos: ___ Apenas de passagem: ___ Outros: _____

2. Quantas vezes por semana costuma frequentar esta praça?
Todos os dias: ____ Algumas vezes por semana: ____ Uma vez ou menos por semana: ____

3. Quando vem nesta praça, quanto tempo costuma ficar?
Menos de 1 hora: ___ Em torno de 1 hora: ___ Mais de 1 hora: ___

4. Quem diria que mais frequenta esta praça? Numere as respostas em ordem de 1 a 3.
Moradores: ___ Trabalhadores: ___ Turistas: ___

5. Indique o quanto gosta desta praça?
Não gosto nada: ___ Não gosto: ___ Gosto: ___ Gosto muito: ___

6. Quando pensa nesta praça, o que lhe vem primeiro à cabeça? Como a descreveria?
_____

7. Consegue identificar quais as 3 coisas que MAIS gosta desta praça?
_____ _____ _____

8. Consegue identificar quais as 3 coisas que MENOS gosta desta praça?
_____ _____ _____

9. Se pudesse mudar esta praça, o que faria?
_____
_____
_____

10. Por ultimo, sem olhar e de memória, desenhe esta praça e o que esta à sua volta, indicando todos os elementos de que se lembre?

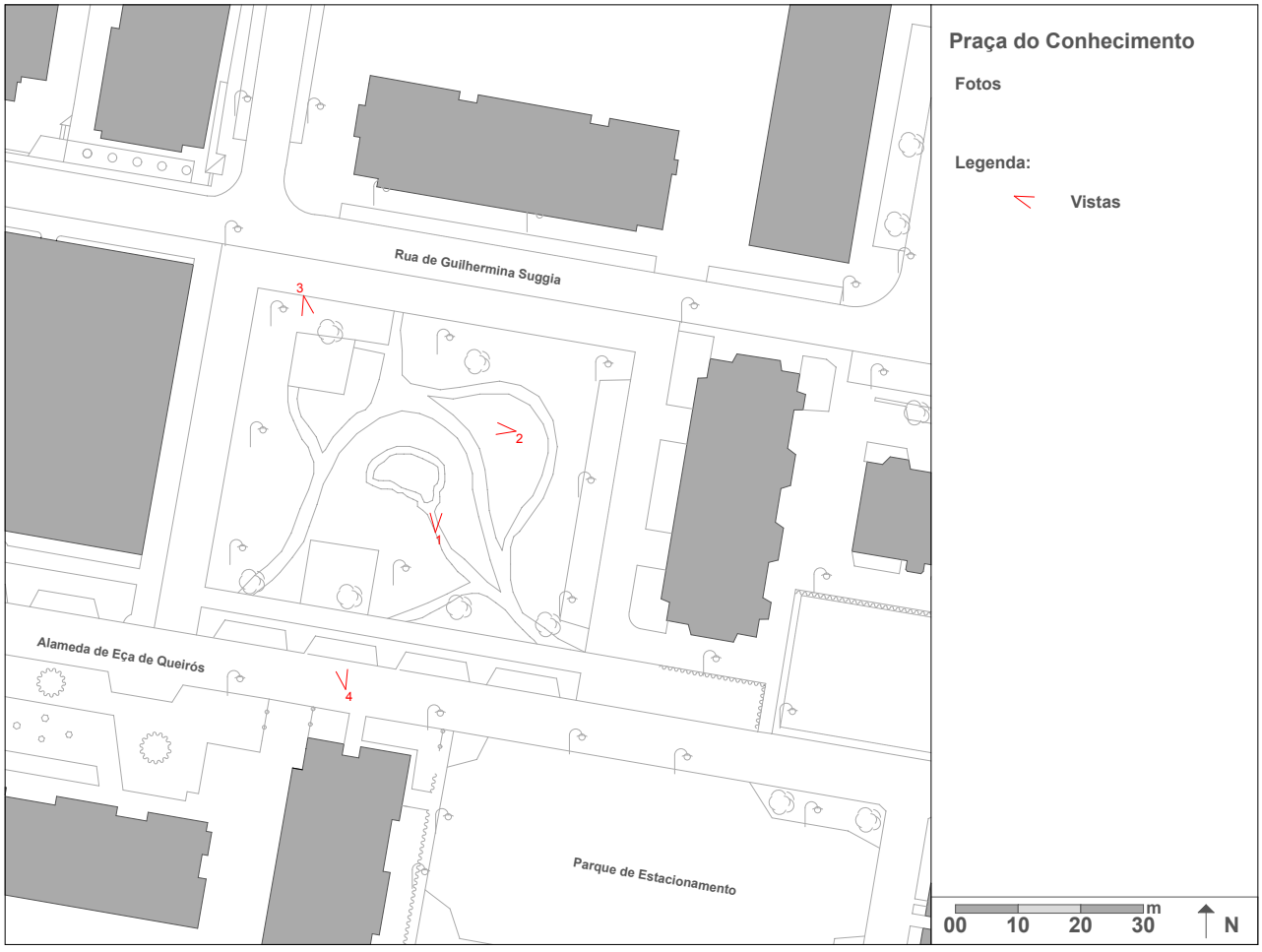
Fig. 3.5 - Questionário de Investigação.

3.4. Estudos de Caso

Praça do Conhecimento

- *Inserção no Meio;*

A Praça do Conhecimento (Fig. 3.6) junto à Alameda Eça de Queirós, foi uma oferta da Câmara Municipal de Ponte de Lima ao município portuense. O núcleo central do jardim esteve exposto no 2º Festival Internacional de Jardins de Ponte de Lima em 2006. O projecto da autoria do Arquitecto Paisagista Manuel de Carvalho Sousa, localizado na freguesia de Campanhã, tem cerca de 2500 m2 e pretende representar o conhecimento através da forma, da cor, da vegetação e da simbologia das plantas. O Jardim possui a forma de um cérebro sobrelevado em relação ao percurso de visita numa analogia à superioridade do conhecimento. A vegetação envolvente de cor cinza procura representar a massa cinzenta, à qual se associa a sabedoria. E as quatro Oliveiras simbolizam o conhecimento dos quatro cantos do mundo e dos quatro elementos constituintes do cosmos da antiguidade clássica.



1

2

3

4

Fig. 3.6 - Vistas da Praça do Conhecimento.

A freguesia de Campanhã, onde se insere a praça do conhecimento, é uma freguesia portuguesa do concelho do Porto, com uma área de 8,13 km2, aproximadamente 32.652 habitantes, perfazendo uma densidade populacional de 4.016,2 hab/km2, Censos (2011).

Futuramente não se prevê alterações nesta praça nem na sua área circundante. Esta análise foi realizada tendo por base o PDM actual do Porto e corroborado em diálogo com a equipa técnica da Câmara Municipal.

Na análise da Praça do Conhecimento constata-se que a função dos imóveis na área circundante à praça (Fig. 3.7) é predominantemente de habitação, ou mistura de funções de comércio ao nível do rés-do-chão e habitação nos pisos superiores.

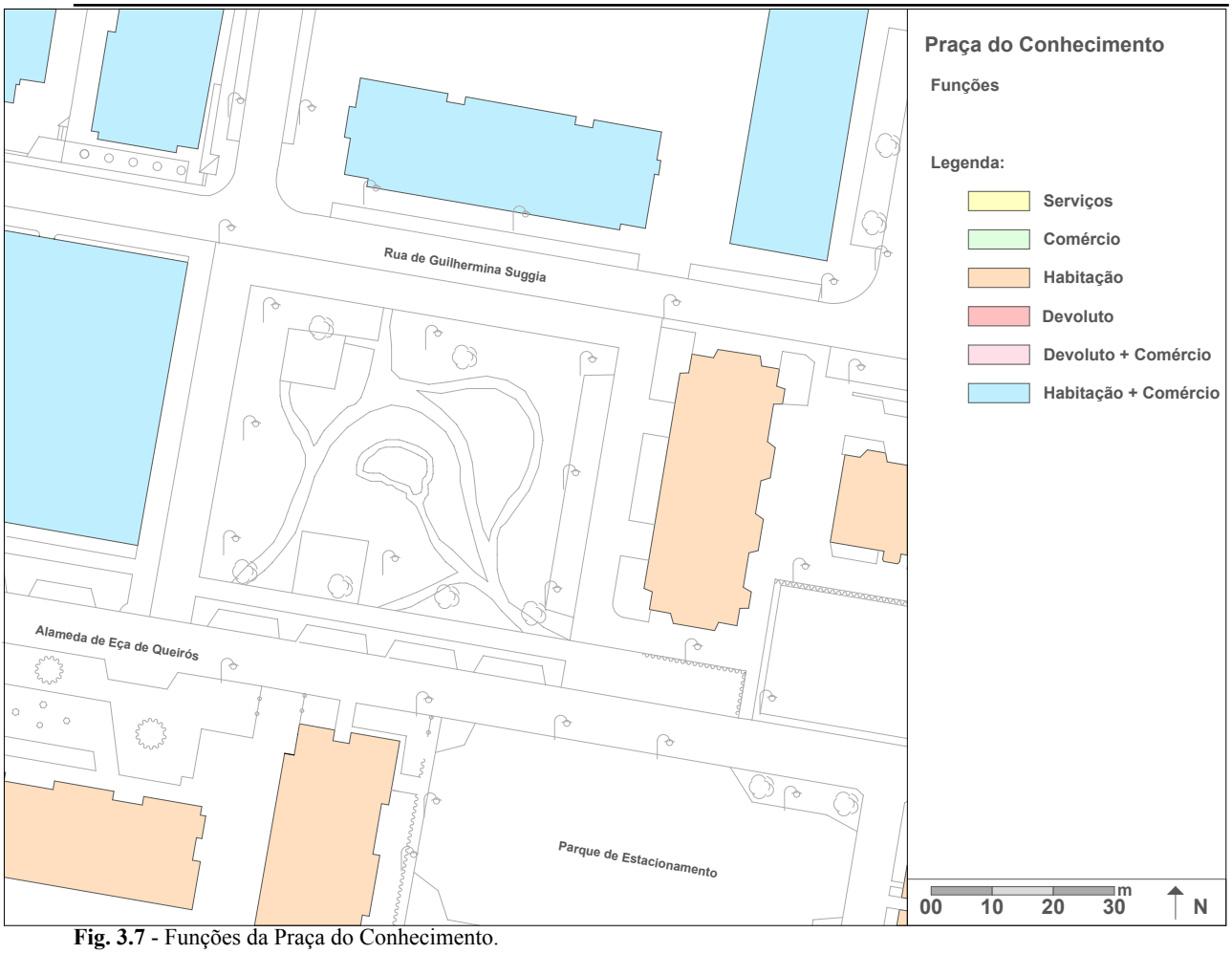


Fig. 3.7 - Funções da Praça do Conhecimento.

Relativamente às ocupações no entorno imediato (Fig. 3.8), verifica-se que os edifícios se encontram praticamente todos ocupados, salvo raras excepções onde se visualizam sinais de "vende-se" da algumas agências imobiliárias.

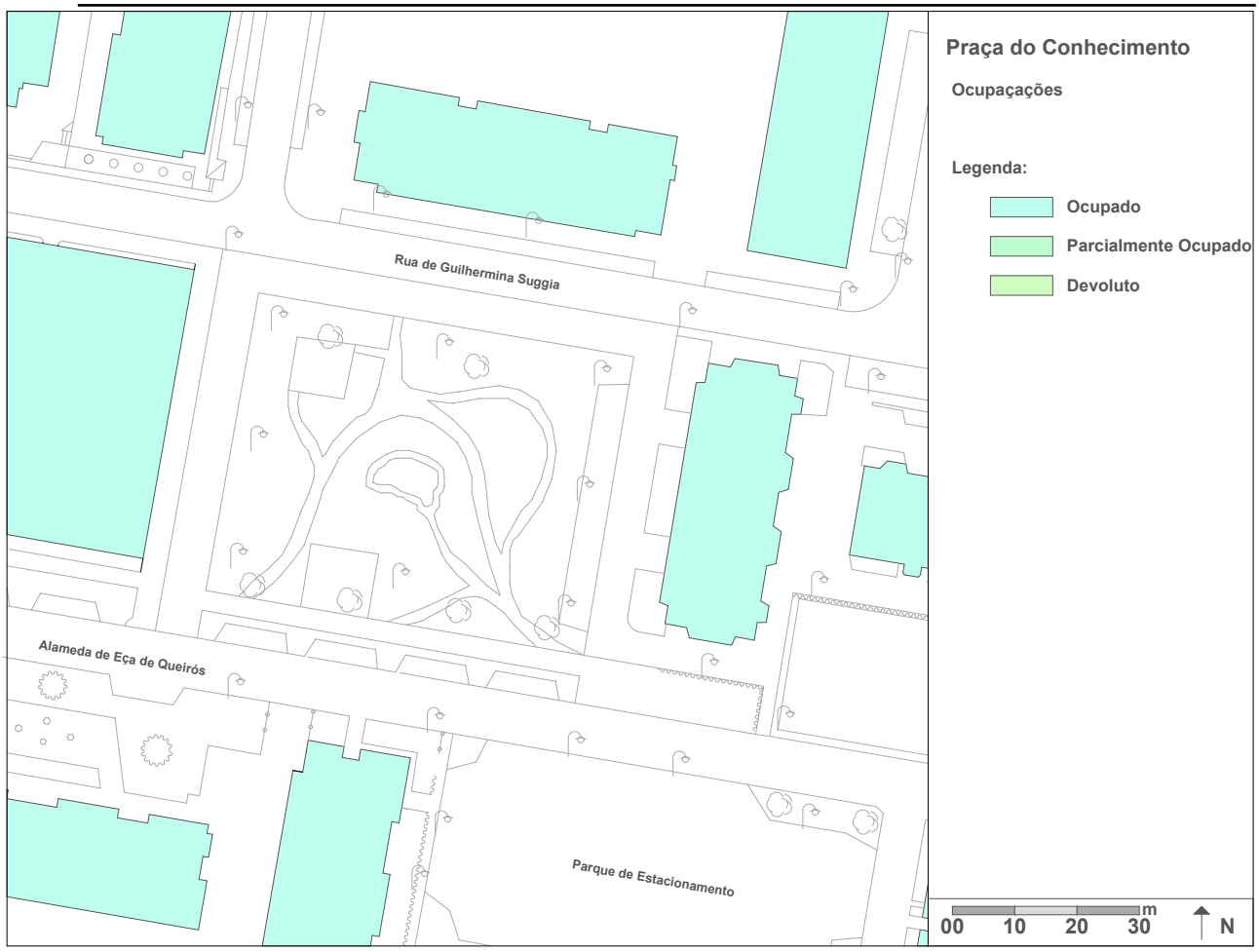


Fig. 3.8 - Ocupações da Praça do Conhecimento.

No que toca às cérceas dos edifícios (Fig. 3.9), verifica-se que possuem uma moda de 10 pisos, sendo que se encontram alguns edifícios mais baixos (2 e 3 pisos) na periferia da área acima analisada.

Fig. 3.9 - Cérceas da Praça do Conhecimento.

Continuando a análise da inserção no meio, verifica-se que o estado de conservação (Fig. 3.10) dos edifícios é muito bom, necessitando apenas de umas limpezas e retoques para se tornar excelente. Desta forma, não existem aspectos fulcrais a salientar.

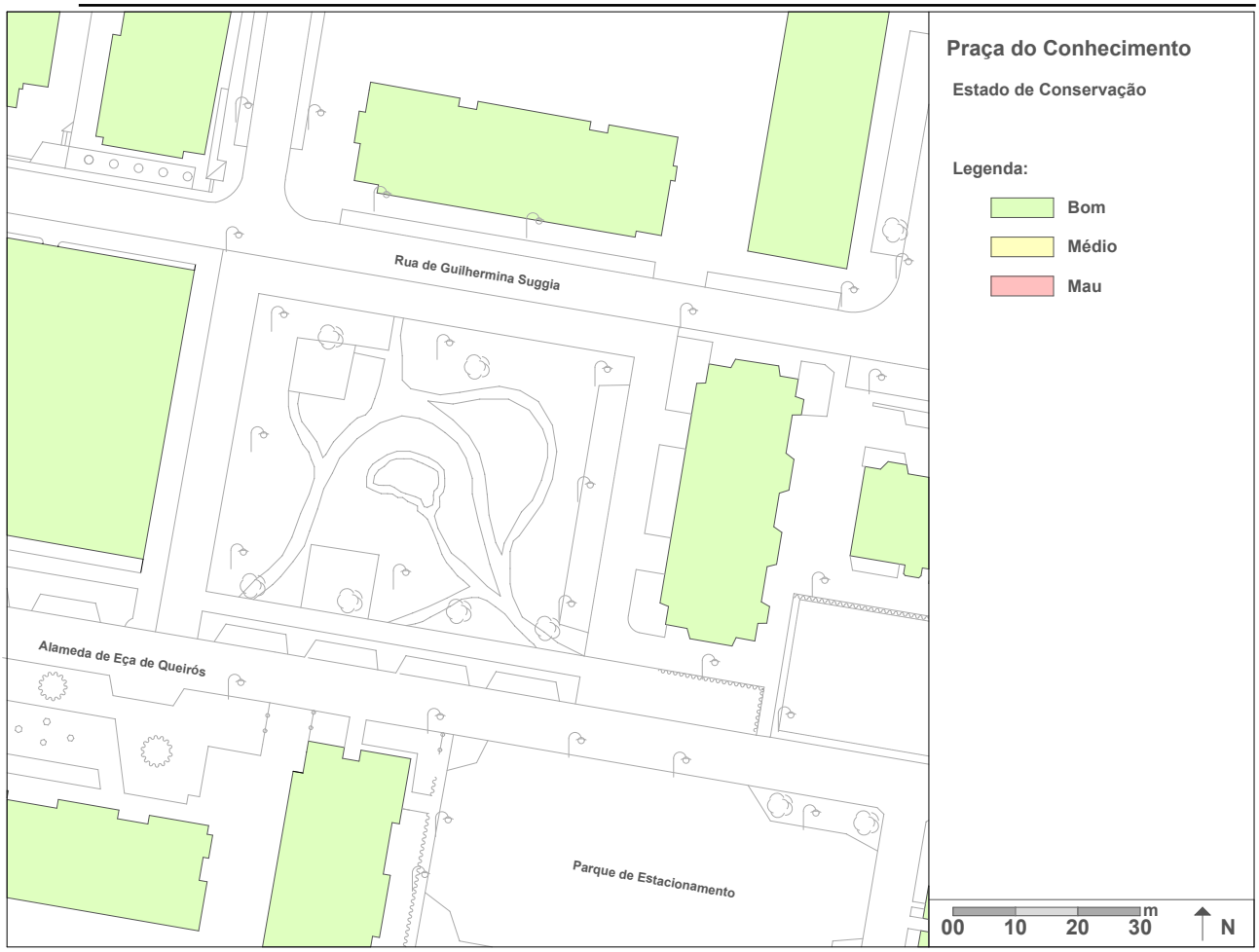


Fig. 3.10 - Estado de Conservação da Praça do Conhecimento.

Em termos de circulações (Fig. 3.11), este local possui condições muito boas ao nível do percurso viário e pedonal. Isto deve-se fundamentalmente às condições físicas do local sem grande variação altimétrica, e ao período em que foi edificado, o que leva a estradas e passeios muito largos e de fácil percurso. Esta situação ocorre tendo em conta as necessidades do local.

Salienta-se as boas conecções em termos de veículos, com o metro a apenas 200m deste local e várias estações de autocarros nas vias principais.

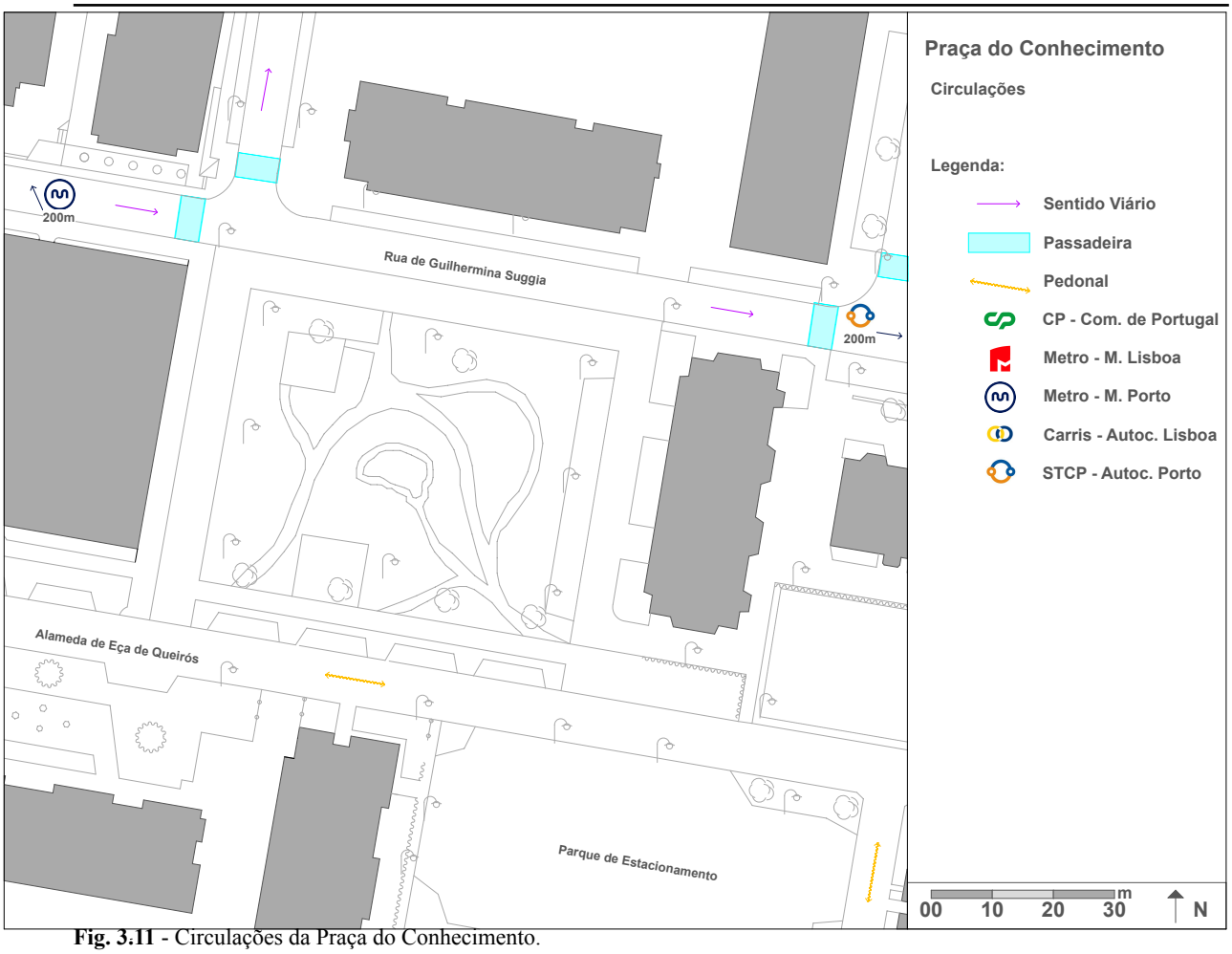


Fig. 3.11 - Circulações da Praça do Conhecimento.

Com a análise de solo (Fig. 3.12) verifica-se que existe uma relação de aproximadamente 70% vs 30% no que toca a zonas não permeáveis e zonas permeáveis. Apesar de não existirem problemas de realce neste aspecto, com apenas alguns depósitos de água nas piores chuvas, não se pode deixar de referir que um aumento das zonas permeáveis poderia ser uma mais valia para este espaço em diversos aspectos (depósitos de água, imagem, qualidade do ar, etc…).

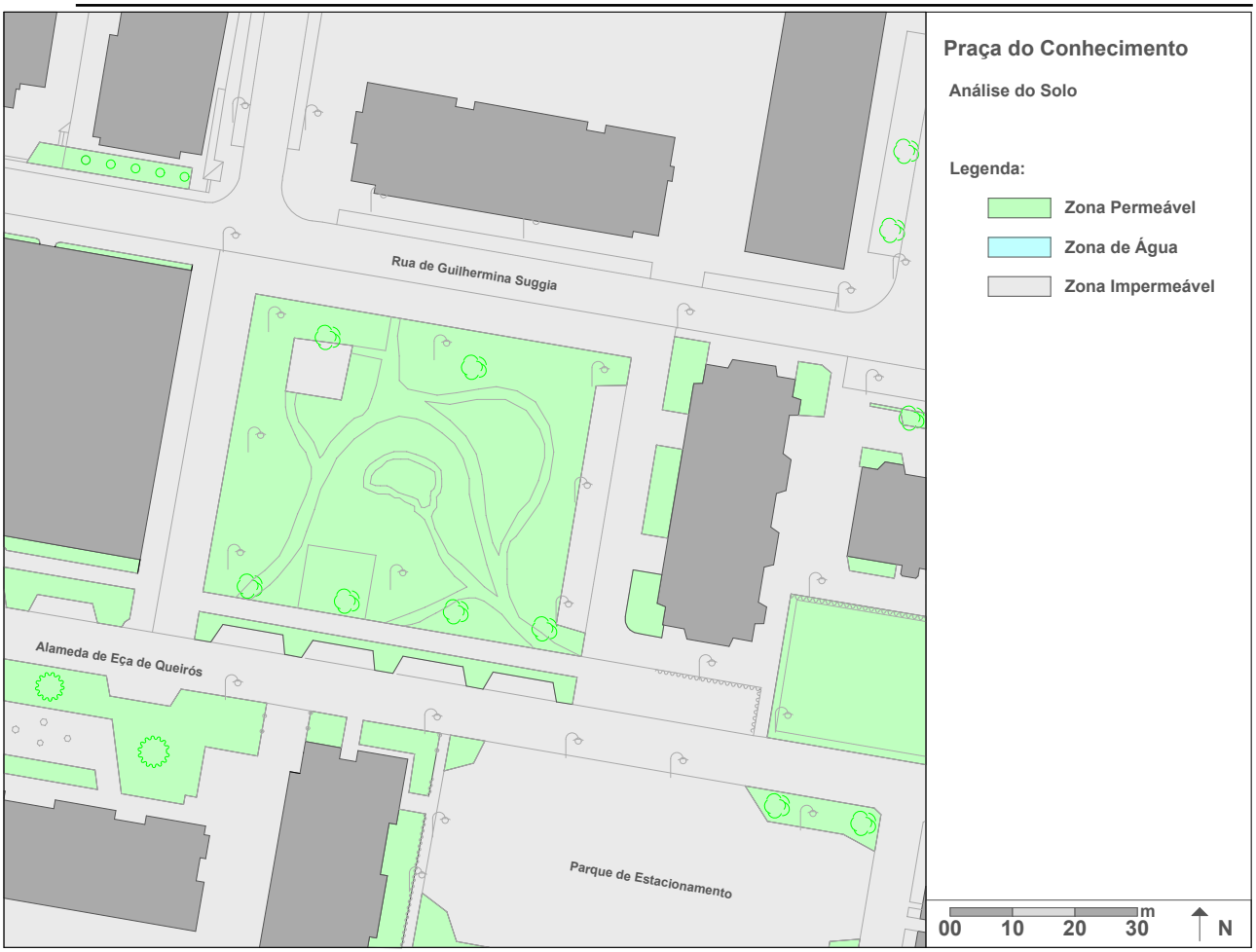


Fig. 3.12 - Análise do Solo da Praça do Conhecimento.

No que toca aos factores climáticos, segundo prof2000 (2013), esta área possui um clima temperado mediterrâneo com influências Atlânticas e com temperaturas médias mensais que oscilam entre os 16 °C e os 23 °C. Quanto à precipitação, esta é escassa e irregular, concentrando-se nos meses de Outono e de Inverno, com uma precipitação total anual superior a 600 mm, mas normalmente inferior a 1200 mm.

Para este tipo de condições climatéricas verifica-se que o território se encontra bem adaptado, exceptuando no percurso pedonal a sul da praça, onde se verifica que em ocasiões de precipitação pode ocorrer algum depósito de água.

Finalmente, realiza-se um estudo solar relativo aos Solstícios. Tal deve-se ao facto de estes serem os extremos, podendo-se colocar todos os outros estudos solares dentro desta variação. Este é o momento em que o Sol durante o seu movimento aparente na esfera celeste, atinge a maior declinação em latitude (medida a partir da linha do equador). Os solstícios ocorrem duas vezes por ano (Dezembro e Junho). O dia e hora exactos variam de um ano para outro. Quando ocorre no Verão significa que a duração do dia é a mais longa do ano.

Analogamente, quando ocorre no Inverno, significa que a duração da noite é a mais longa do ano.

Para o estudo em causa utilizaram-se dados relativos a 2014, colocando o solstício de Verão no dia 21 de Junho (10h51m) e o solstício de Inverno no dia 21 de Dezembro (23h03m) Wikipedia (2013). O estudo solar foi realizado tendo em conta o seu local (Porto/Lisboa) e os horários de estudo são os mesmos usados em outras análises ao longo desta dissertação (9h, 15h e 21h).

Conforme se verifica através dos Solstícios de Verão (Fig. 3.13) e dos Solstícios de Inverno (Fig. 3.14). A Praça do Conhecimento encontra-se maioritariamente exposta à radiação solar, isto deve-se às árvores deslocadas à periferia da praça, podendo surgir nos meses de Inverno sombra dos edifícios e das árvores.

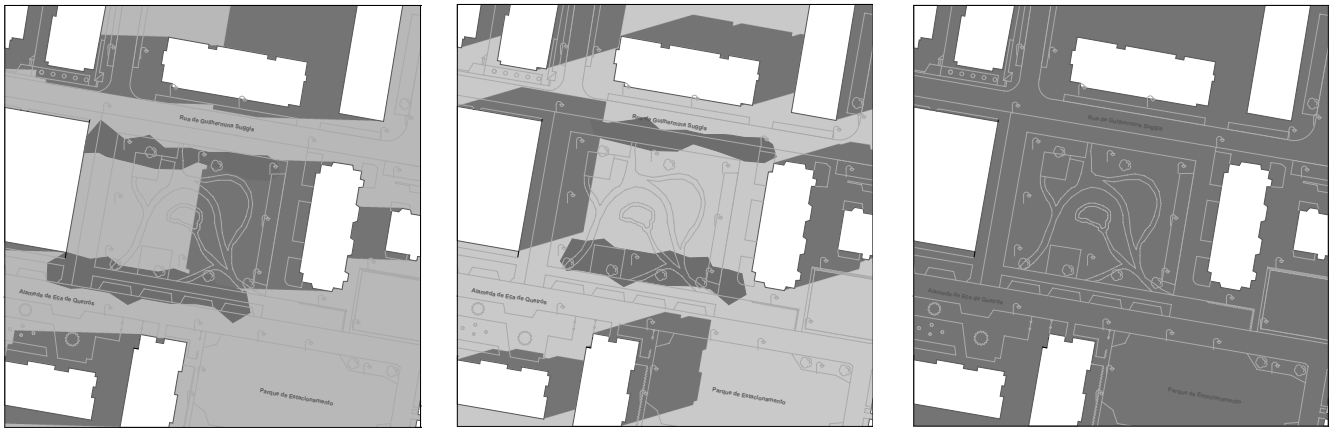


Fig. 3.13 - Solstício de Verão - 9h, 15h e 21h da Praça do Conhecimento.

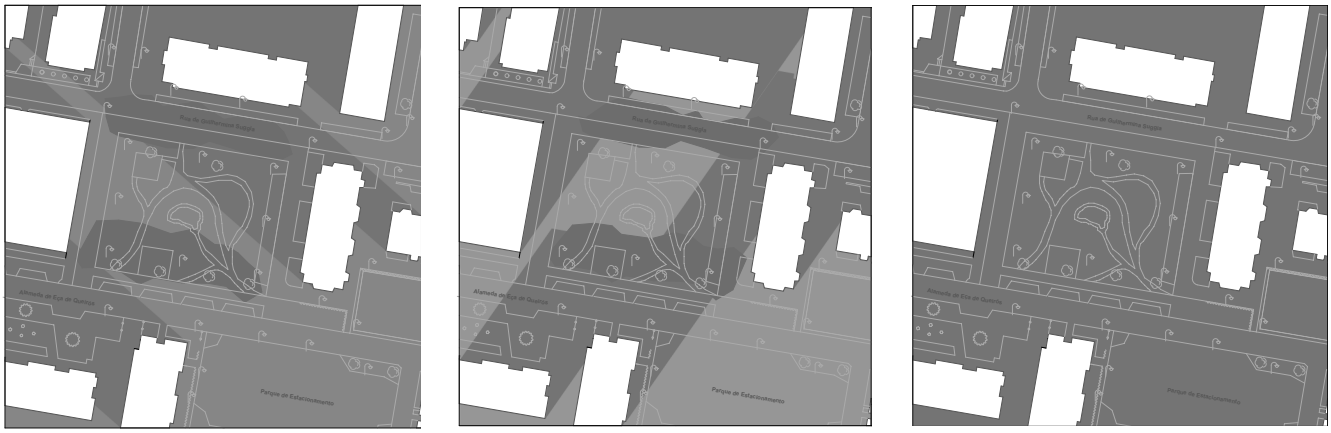


Fig. 3.14 - Solstício de Inverno - 9h, 15h e 21h da Praça do Conhecimento.

- *Tipo-Morfologia;*

A Praça do Conhecimento criada em 2006 ainda não sofreu nenhum tipo de transformação ou evolução relevante.

Em termos de acessibilidades e conecções (Fig. 3.15) esta Praça encontra-se razoavelmente servida, possuindo a cerca de 200m sistema de autocarro (STCP) com paragem em (Monte Aventino) do 301, 305, 401, 402, 805 806 e 8M e estação de metro (Combatentes) a cerca de 200m.

Fig. 3.15 - Estação de Metro dos Combatentes (Porto).

Na morfologia do entorno imediato (Fig. 3.16), encontram-se passeios de cimento reticulado e estradas de paralelos. Este tipo de sistema viário com ruas e passeios largos é tipicamente fruto de planos urbanísticos recentes em Portugal.

Refere-se que do lado sul da praça existe uma rua exclusiva de peões e serviços de urgência em cimento com pigmento vermelho.

Salienta-se a colocação do estacionamento entre o passeio e a estrada.

Fig. 3.16 - Passeios e ruas do entorno imediato.

A construção é composta por edifícios de arquitectura dos anos 80 e 90, com aberturas (portas, janelas, e vitrines) largas. Na sua composição arquitectónica os edifícios possuem uma média de 9 pisos, sendo decorados com pintura de tons garridos e com pouca decoração em termos gerais (Fig. 3.17).

Fig. 3.17 - Edifícios do entorno imediato.

- *Análise Visual;*

Partindo para a análise visual, observa-se que o estado de conservação e manutenção dos edifícios no entorno da praça do conhecimento é muito bom. Os edifícios encontram-se praticamente todos habitados e como tal estão bem cuidados e com uma apresentação muito cuidada (Fig. 3.18). O mesmo se passa com as vias de circulação e passeios.

Fig. 3.18 - Estado de Conservação e Manutenção.

As zonas verdes são diversas e muito bem cuidadas (Fig. 3.19). Esta situação deve-se ao facto deste espaço ser muito utilizado e, como tal, existe interesse da população e do comércio em manter o espaço bem tratado. Também muito importante, é o desenho da praça, esta possui percursos bem delimitados o que evita situações em que o próprio uso da praça leve ao desgaste da zona verde. É de referir que a vegetação existe em vários tamanhos, complementando-se na sua forma e função, permitindo fazer jogos de verde ao nível visual e, por exemplo, manter uma sombra constante nas zonas de bancos na periferia da praça.

Fig. 3.19 - Espaços verdes.

Assim, em termos de estética a praça e o seu entorno apresentam uma linguagem coerente, fruto de um desenho complementar recente onde se observa o bom estado de conservação e imagem, bem como a sua função adaptada às necessidades dos seus utilizadores.

Como se pode verificar, esta praça possui muita transparência. Existem objectos e limites apenas no entorno da praça (edifícios altos) que criam os únicos limites visuais. Os pontos onde possui mais transparência e noção do espaço é nas vias, onde devido ao seu traçado, é possível ter uma maior e melhor compreensão do espaço.

As vistas de aproximação à praça (Fig. 3.20) estão inseridas no mesmo contexto de imagem, com ruas e passeios largos em cimento e paralelo e construção contemporânea, com uma composição geral muito boa.

Fig. 3.20 - Aproximação à praça.

Desta forma, compreende-se que com este nível de complexidade visual, esta praça e o seu entorno possuem um grande interesse visual com muita variedade de objectos, formas e cores na arquitectura e urbanismo. Esta situação acontece também em termos de vegetação, existindo sempre uma linha de coerência entre todos os elementos chave da praça e da sua envolvente.

Salienta-se a quase inexistência de expressões de individualidade ou personalizações no entorno da praça.

- *Percepção;*

Perceptivelmente, esta praça é muito verde, fresca e residencial. Segundo o questionário de investigação (Fig. 3.21), os utilizadores descrevem frequentemente a praça, como sendo um local atractivo, divertido e residencial. Encontram-se, todavia respostas como verde, conveniente, útil, próxima, entre outros.

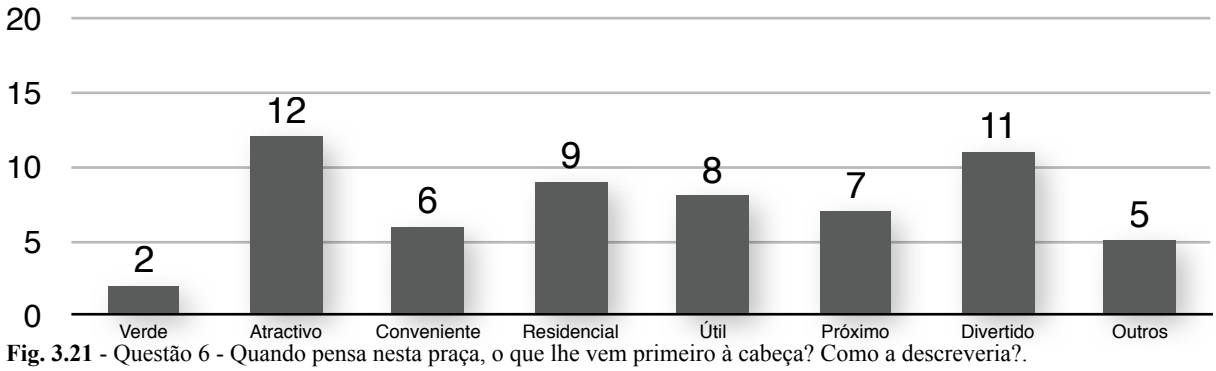


Fig. 3.21 - Questão 6 - Quando pensa nesta praça, o que lhe vem primeiro à cabeça? Como a descreveria?.

Questionando os utilizadores sobre aquilo que mais, ou menos gostam na praça, observa-se que os resultados são bastante idênticos.

Sobre o que os utilizadores mais gostam, as respostas mais frequentes são, o facto de ser uma praça residencial, próxima e útil, existindo respostas como atractivo, divertido, entre outras (Fig. 3.22).

Quanto ao que menos gostam, as respostas são menos dispares, sendo que a maioria dos utilizadores não tem nada a dizer, mas entre as respostas encontra-se alguma falta de mobiliário urbano, o sol, e iluminação à noite (Fig. 3.23).

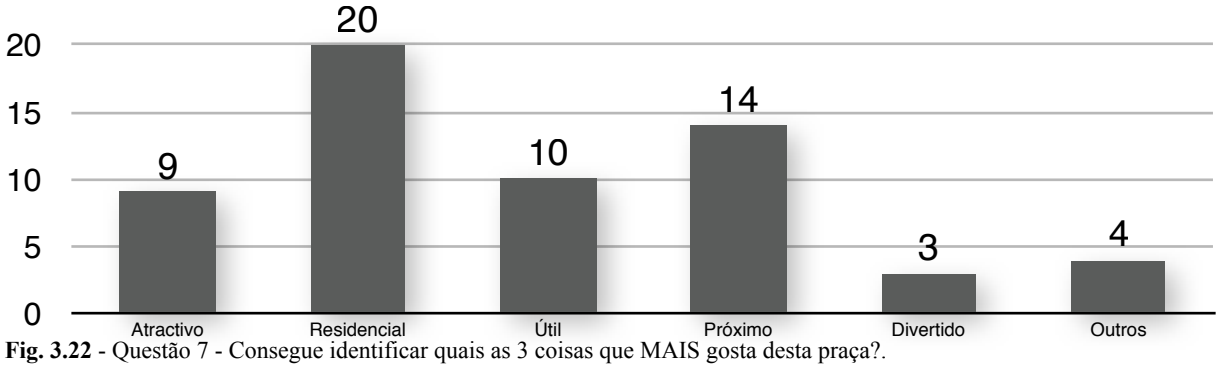


Fig. 3.22 - Questão 7 - Consegue identificar quais as 3 coisas que MAIS gosta desta praça?.

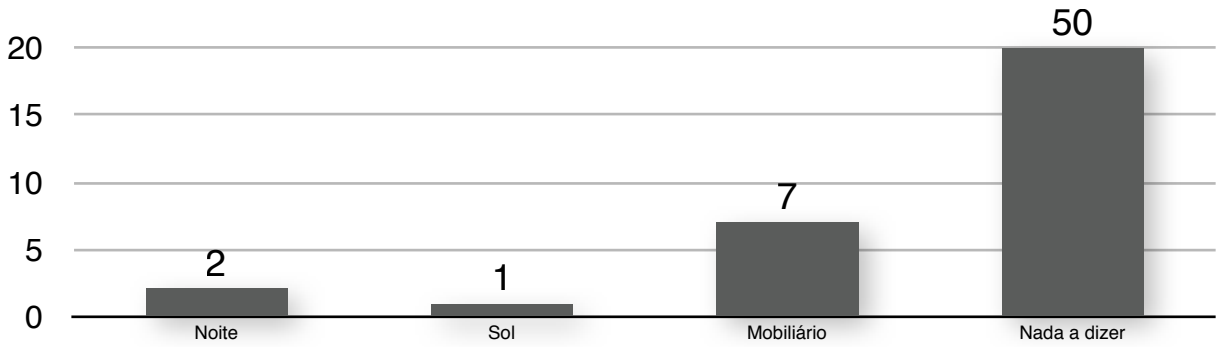


Fig. 3.23 - Questão 8 - Consegue identificar quais as 3 coisas que MENOS gosta desta praça?.

Na continuidade destas últimas questões, perguntou-se as ideias ou expectativas dos utilizadores desta praça, na questão número 9.

Apesar das resposta serem variadas, salientam-se aqui algumas das mais relevantes, nomeadamente, mais mobiliário urbano (bebedouros, mesas, pista de manutenção, entre outros) e melhor distribuição de áreas de sombra pela praça.

Alguns desenhos foram realizados aquando destes questionários sobre o mapa mental dos utilizadores em relação à praça, no qual se observa na generalidade, uma coerência e configuração muito próximas da realidade (Fig. 3.24).

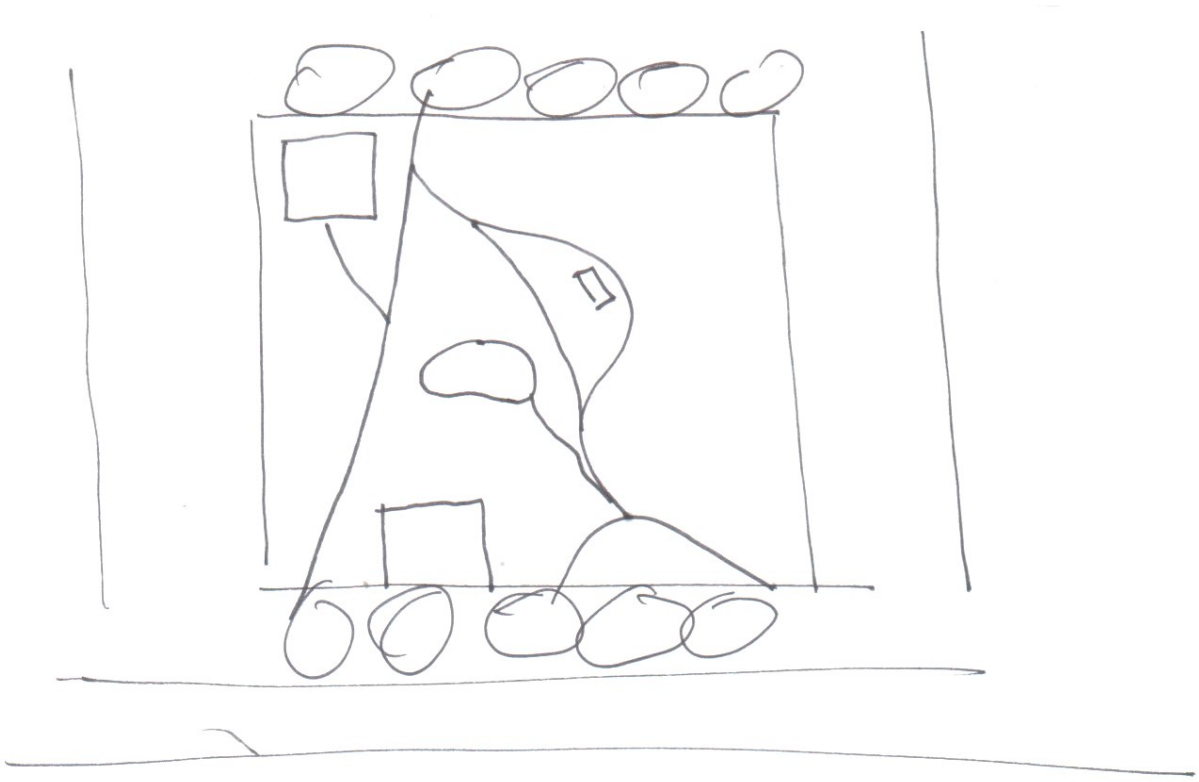


Fig. 3.24 - Questão 10 - Por ultimo, sem olhar e de memória, desenhe esta praça e o que esta à sua volta, indicando todos os elementos de que se lembre?.

- *Comportamento;*

Na análise do comportamento, começa-se por analisar quem são os utilizadores da praça. Através do estudo de caso no local, verifica-se que é muito variado entre sexo e idades.

Analisando os dados do questionário, observa-se que estes utilizadores vêm à praça para encontrar amigos, tomar café/comer e relaxar principalmente. Através do questionário também se verifica que muitas vezes vêem acompanhar as crianças ou apenas percorrem o espaço (Fig. 3.25).

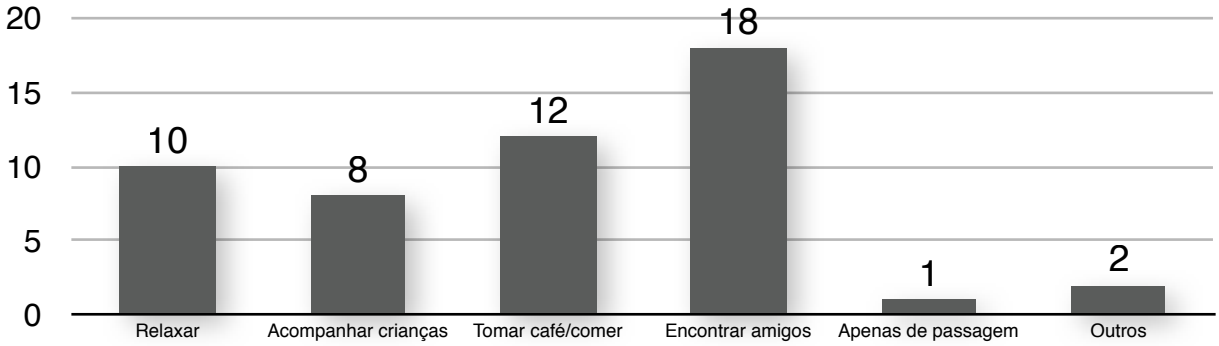


Fig. 3.25 - Questão 1 - Quando vem à praça, o que geralmente vem fazer?.

Continuando a analisar os dados do questionário, verifica-se que existe um grande uso das pessoas da praça, visitando a mesma várias vezes por semana (Fig. 3.26) e durante extensos períodos de tempo (Fig. 3.27).

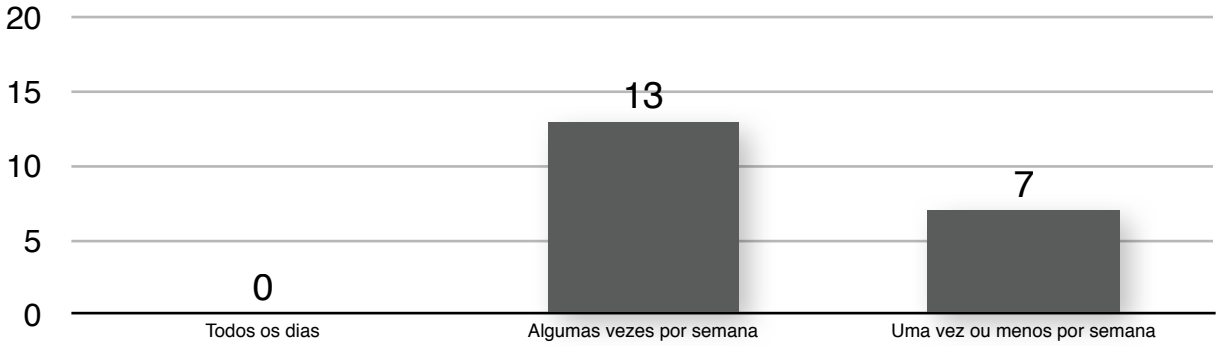


Fig. 3.26 - Questão 2 - Quantas vezes por semana costuma frequentar esta praça?.

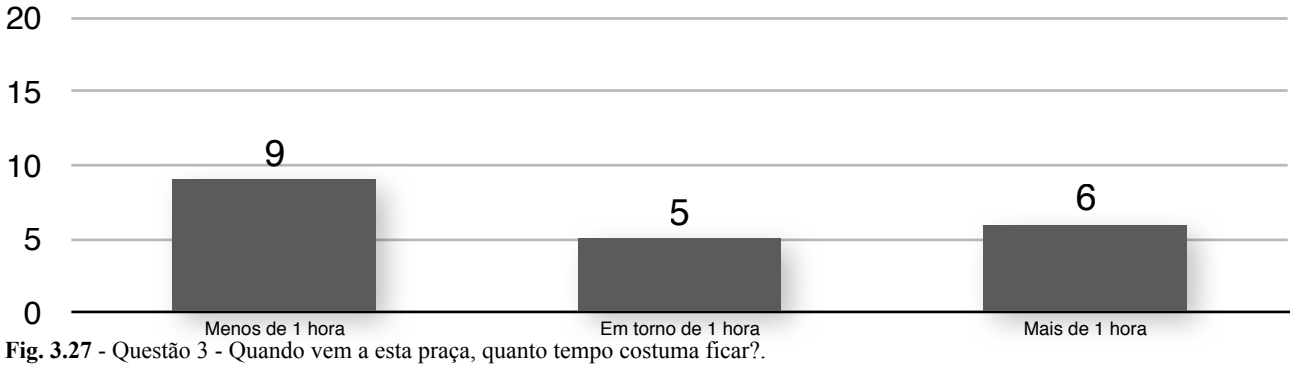


Fig. 3.27 - Questão 3 - Quando vem a esta praça, quanto tempo costuma ficar?.

Outra questão pertinente é relativa aquilo que os utilizadores pensam ser os utilizadores mais frequentes desta praça. Através da análise das respostas do questionário, conclui-se que são os moradores ou, porventura, os trabalhadores da zona, não sendo esta uma praça muito frequentada por turistas segundo os mesmos (Fig. 3.28).

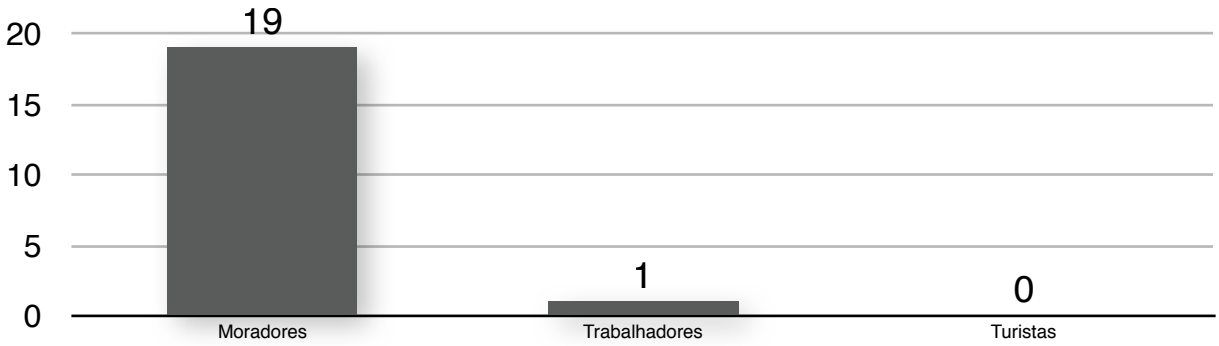


Fig. 3.28 - Questão 4 - Quem diria que mais frequenta esta praça?.

Nesta análise, é de referir que os usuários fazem o seu percurso por caminhos pré-estabelecidos e acompanhando a largura do percurso, ou seja, existe maior fluxo nas zonas mais largas e menor fluxo nas zonas mais estreitas. Isto demonstra que os fluxos e intensidades de uso foram bem pensados na concepção desta praça.

Pelo mesmo motivo não existem pistas ambientais relevantes no espaço, a não ser alguma degradação da relva junto aos bancos.

Para finalizar a análise à Praça do Conhecimento, salienta-se a questão número 5 do questionário, onde se verifica o quanto as pessoas gostam desta praça. Esta questão é chave no trabalho "Indicadores de Sucesso em Praças de Carácter Residencial", pois permite de forma geral, analisar o sucesso desta praça.

Verifica-se que as pessoas, na sua generalidade, gostam muito desta praça, assumindo-se assim como uma praça de sucesso (Fig. 3.29).

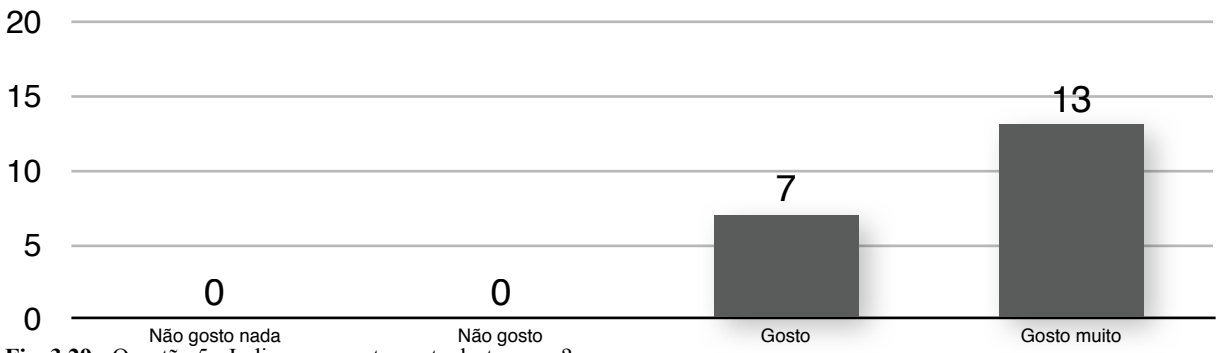


Fig. 3.29 - Questão 5 - Indique o quanto gosta desta praça?.

Esta situação é corroborada pela análise de campo realizada pelo autor deste trabalho onde se verifica a mesma situação (Tab. 3.1). Verifica-se um número de usuários bastante bom ao longo de todo o dia, sendo que no período nocturno é mais frequentado por adolescentes e de dia por crianças e idosos.

Mesmo quando as condições atmosféricas não são as melhores, continua a ser bastante usado, principalmente por adultos a fazer exercício. Como é de prever, aos fins-de-semana e feriados, existe mais utilizadores na praça do que à semana.

Análise		9h - 10h			15h - 16h			21h - 22h		
	Sexo/Faixa Etária	M	F	t	M	F	t	M	F	t
Semana Boas Condições Atmosféricas	Crianças	1	4	**5**	0	2	**2**	1	0	**1**
	Adolescentes	2	0	**2**	4	0	**4**	5	6	**11**
	Adultos	2	2	**4**	3	2	**5**	1	1	**2**
	Idosos	2	3	**5**	5	4	**9**	0	0	**0**
Fim de Semana Boas Condições Atmosféricas	Crianças	4	7	**11**	3	5	**8**	1	2	**3**
	Adolescentes	0	2	**2**	14	9	**23**	16	14	**30**
	Adultos	7	5	**12**	9	6	**15**	7	5	**12**
	Idosos	5	8	**13**	7	8	**15**	2	0	**2**
Feriado Boas Condições Atmosféricas	Crianças	3	4	**7**	3	6	**9**	0	0	**0**
	Adolescentes	2	4	**6**	10	8	**18**	12	8	**20**
	Adultos	7	10	**17**	3	8	**11**	5	9	**14**
	Idosos	4	5	**9**	4	6	**10**	2	0	**2**
Semana Más Condições Atmosféricas	Crianças	0	0	**0**	0	0	**0**	0	0	**0**
	Adolescentes	1	0	**1**	0	0	**0**	6	0	**6**
	Adultos	6	3	**9**	2	0	**2**	9	6	**15**
	Idosos	0	0	**0**	0	0	**0**	0	0	**0**
Fim de Semana Más Condições Atmosféricas	Crianças	0	0	**0**	0	0	**0**	0	0	**0**
	Adolescentes	6	2	**8**	2	0	**2**	5	2	**7**
	Adultos	5	2	**7**	6	4	**10**	4	2	**6**
	Idosos	0	0	**0**	2	0	**2**	0	0	**0**
Feriado Más Condições Atmosféricas	Crianças	0	0	**0**	0	0	**0**	0	0	**0**
	Adolescentes	4	0	**4**	0	0	**0**	0	0	**0**
	Adultos	7	2	**9**	5	3	**8**	0	0	**0**
	Idosos	0	0	**0**	0	0	**0**	0	0	**0**

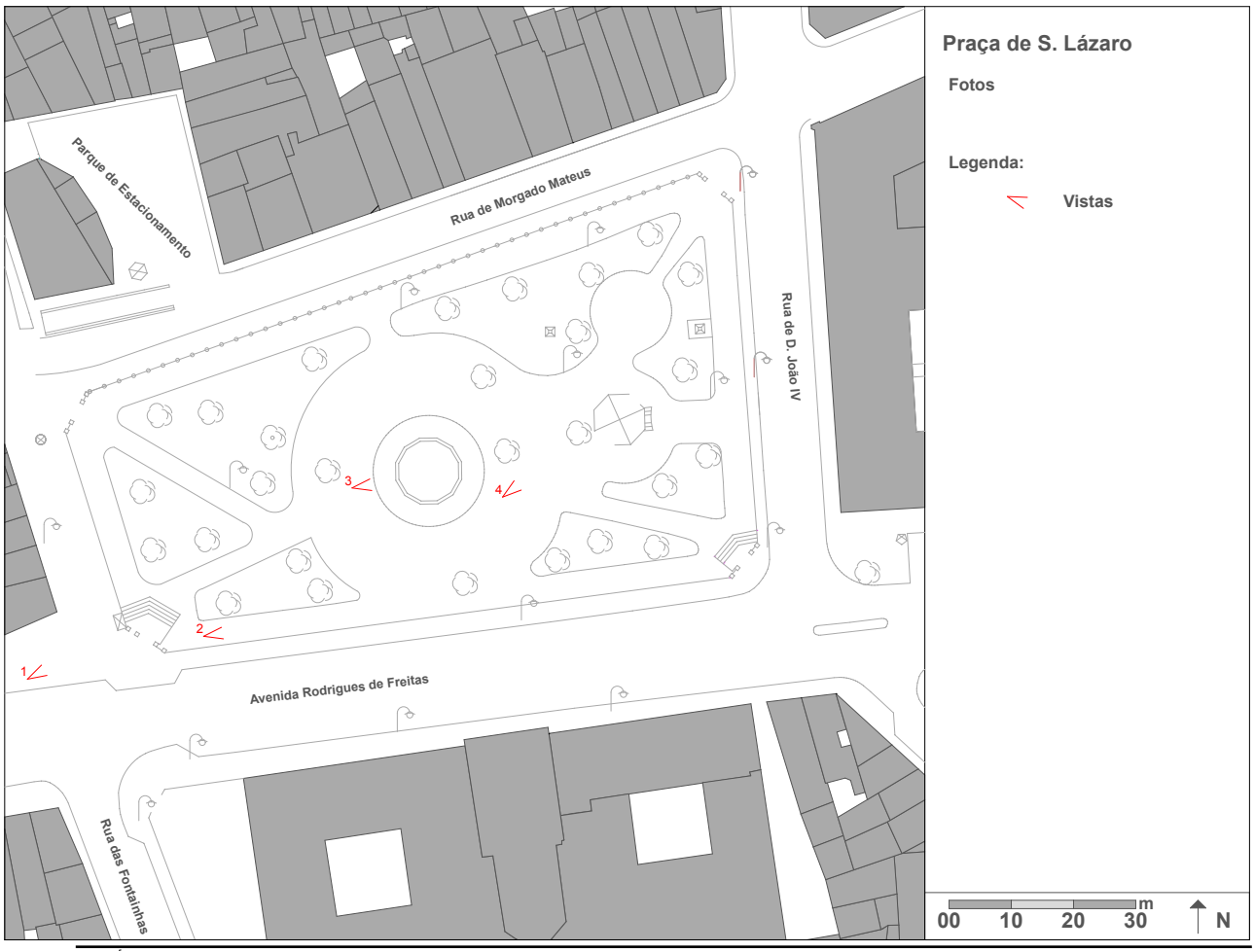
Tab. 3.1 - Análise de campo da Praça do Conhecimento.

Praça de S. Lázaro

- *Inserção no Meio;*

A praça de São Lázaro ou Jardim de Marques de Oliveira (Fig. 3.30), foi o primeiro jardim público a nascer na cidade do Porto. A construção teve início em 1833, por decreto de D. Pedro, num campo onde decorriam a Feira Anual de São Lázaro e a Feira dos Porcos.

A projecção e a execução do projecto ficaram sob a responsabilidade de João José Gomes, o primeiro jardineiro municipal do Porto. Neste espaço localizado na freguesia de Bonfim com 5500 m2, os caminhos foram traçados com um traçado geométrico, consistindo basicamente em canteiros de formas regulares dispostos em torno de um elemento circular central (uma taça de água). Era fechado por portões e gradeamento, estando a sua utilização sujeita a horários pré-definidos. Apesar das obras ainda não estarem prontas, o Jardim de São Lázaro foi oficialmente inaugurado a 4 de Abril de 1834, no dia de aniversário de D. Maria II. Tem um coreto e um monumento aos pintores Marques de Oliveira e Silva Porto entre outros.



1

2

3

4

Fig. 3.30 - Vistas da Praça de S. Lázaro.

A freguesia de Bonfim é uma freguesia portuguesa do concelho do Porto, com uma área de 3,05 km2 e aproximadamente 24.265 habitantes perfazendo uma densidade populacional de 7.955,7 hab/km2, Censos (2011).

Futuramente não se prevê alterações nesta praça, nem na sua área circundante. Esta análise foi realizada tendo por base o PDM actual do Porto e corroborado em diálogo com a equipa técnica da Câmara Municipal.

Na análise da Praça do Conhecimento constata-se que a função dos imóveis na área circundante à praça (Fig. 3.31) é predominantemente de serviços, ou mistura de funções de comércio ao nível do rés-do-chão e habitação nos pisos superiores. Destaca-se também alguma relevância no que toca a edifícios devolutos e de serviços.

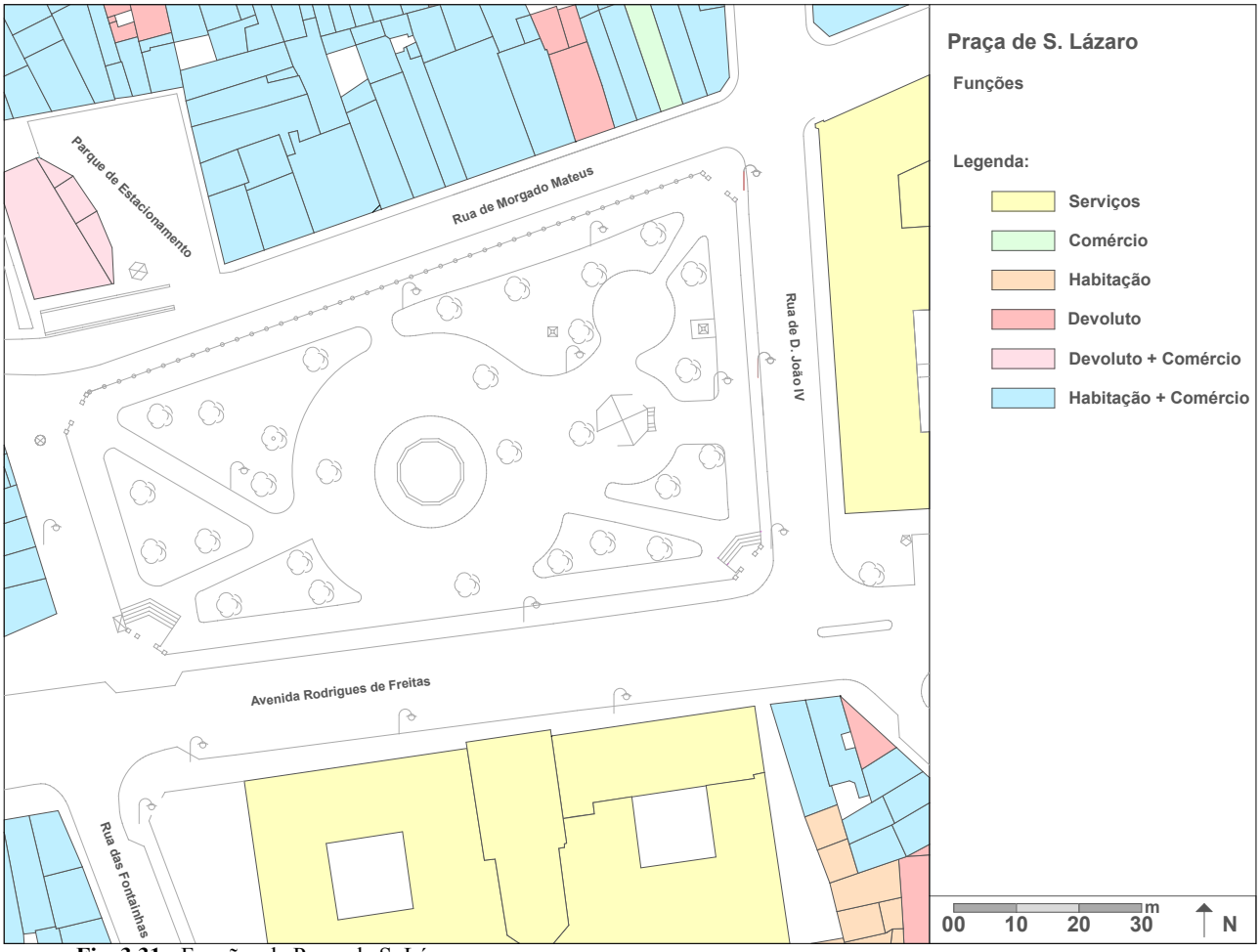


Fig. 3.31 - Funções da Praça de S. Lázaro.

Relativamente às ocupações no entorno imediato (Fig. 3.32), verifica-se que os edifícios se encontram com uma grande taxa de ocupação, existindo todavia alguns edifícios devolutos ou apenas parcialmente ocupados. Observa-se no local, alguma falta de cuidado destes últimos, estando estes bastante degradados.

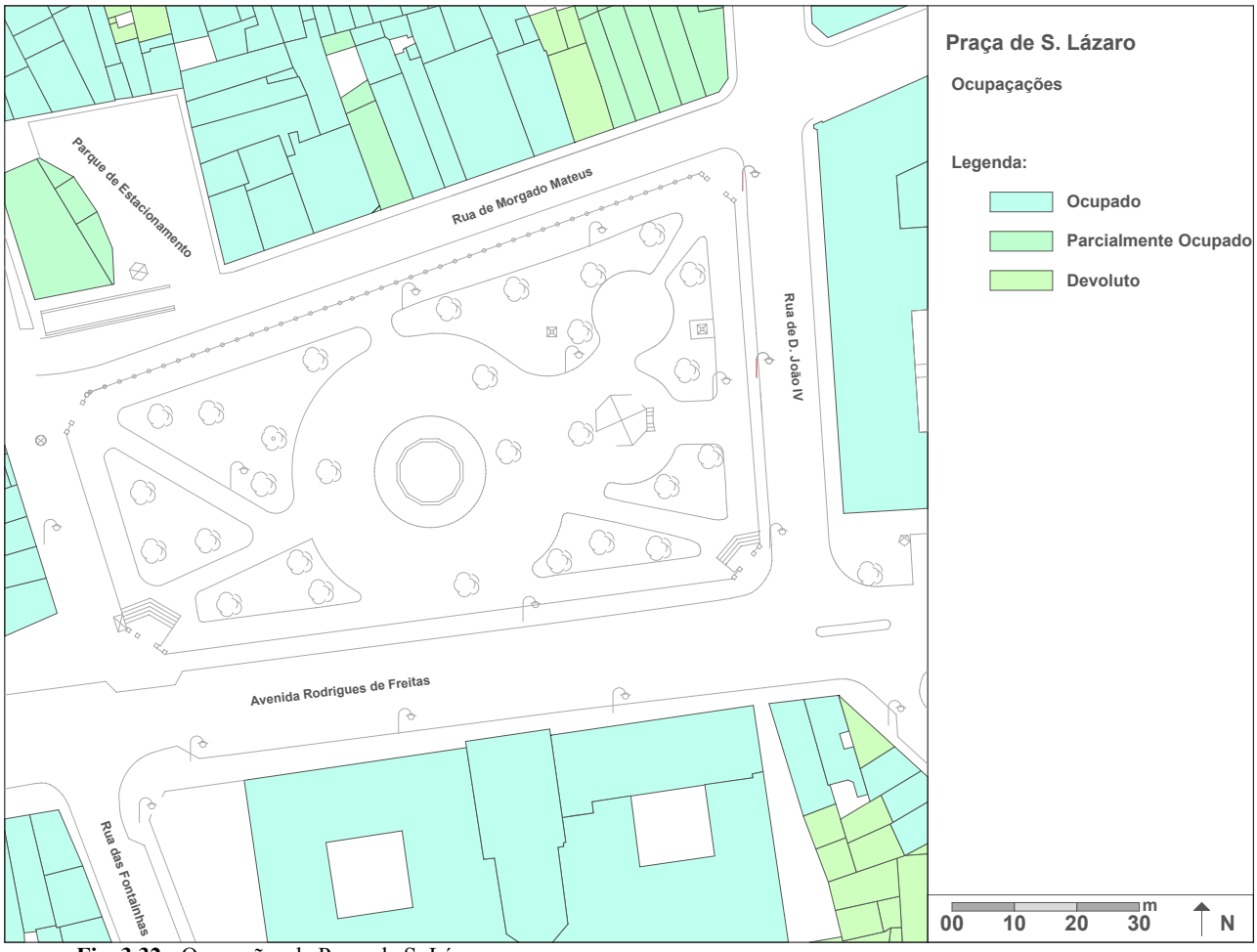


Fig. 3.32 - Ocupações da Praça de S. Lázaro.

No que toca às cérceas dos edifícios (Fig. 3.33), verifica-se que possuem uma moda de 4 pisos, sendo que se encontram alguns edifícios mais baixos no entorno imediato. Salienta-se a questão da cércea da igreja que apesar de possuir na realidade três níveis, é na realidade o edificio mais alto da zona com o seu pico nas torres sineiras.

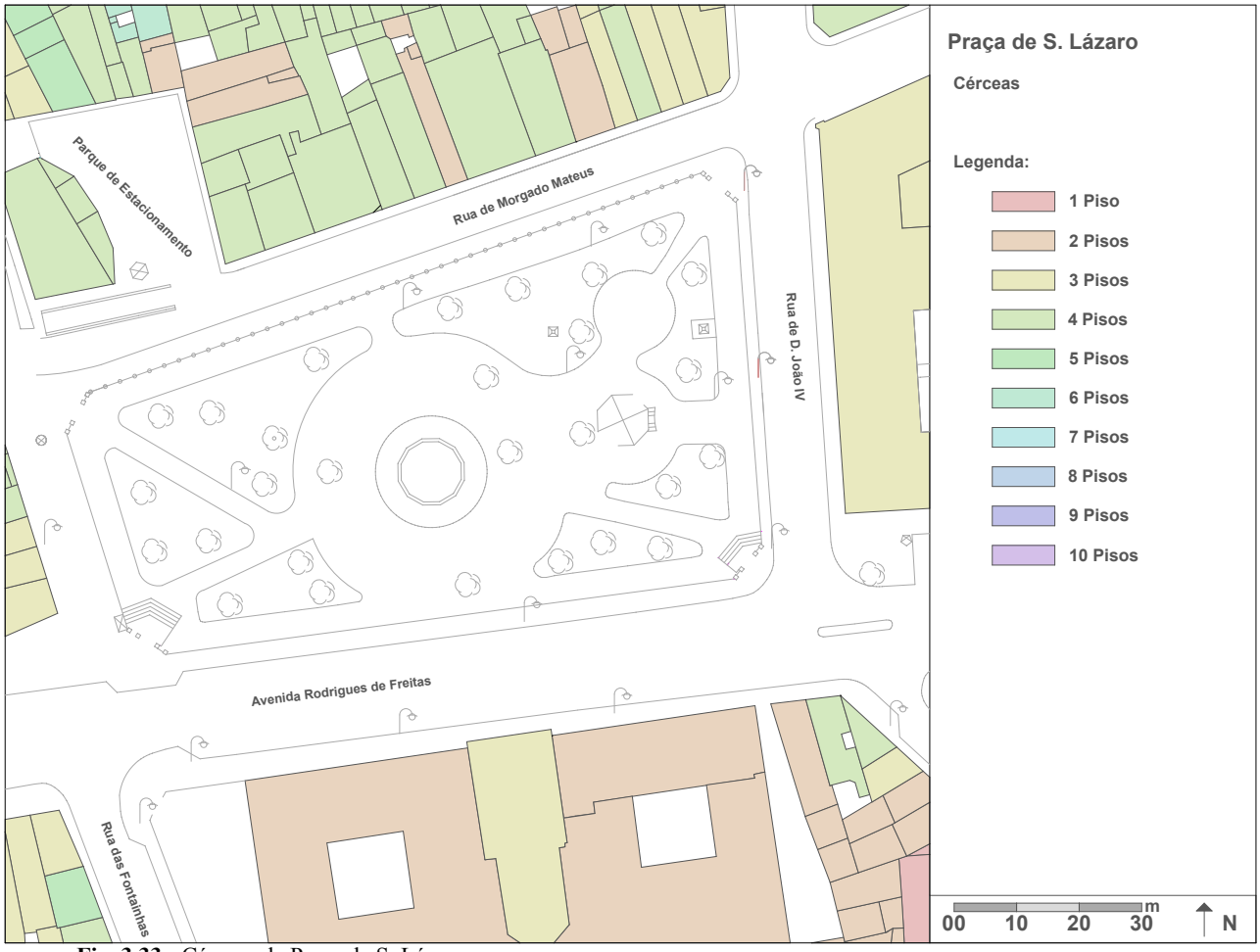


Fig. 3.33 - Cérceas da Praça de S. Lázaro.

Continuando a análise da inserção no meio, verifica-se que o estado de conservação (Fig. 3.34) dos edifícios é muito variado, mas em termos gerais, razoável. Algumas obras de recuperação e manutenção (nalguns casos profunda) seriam convenientes para melhor a qualidade geral desta área.

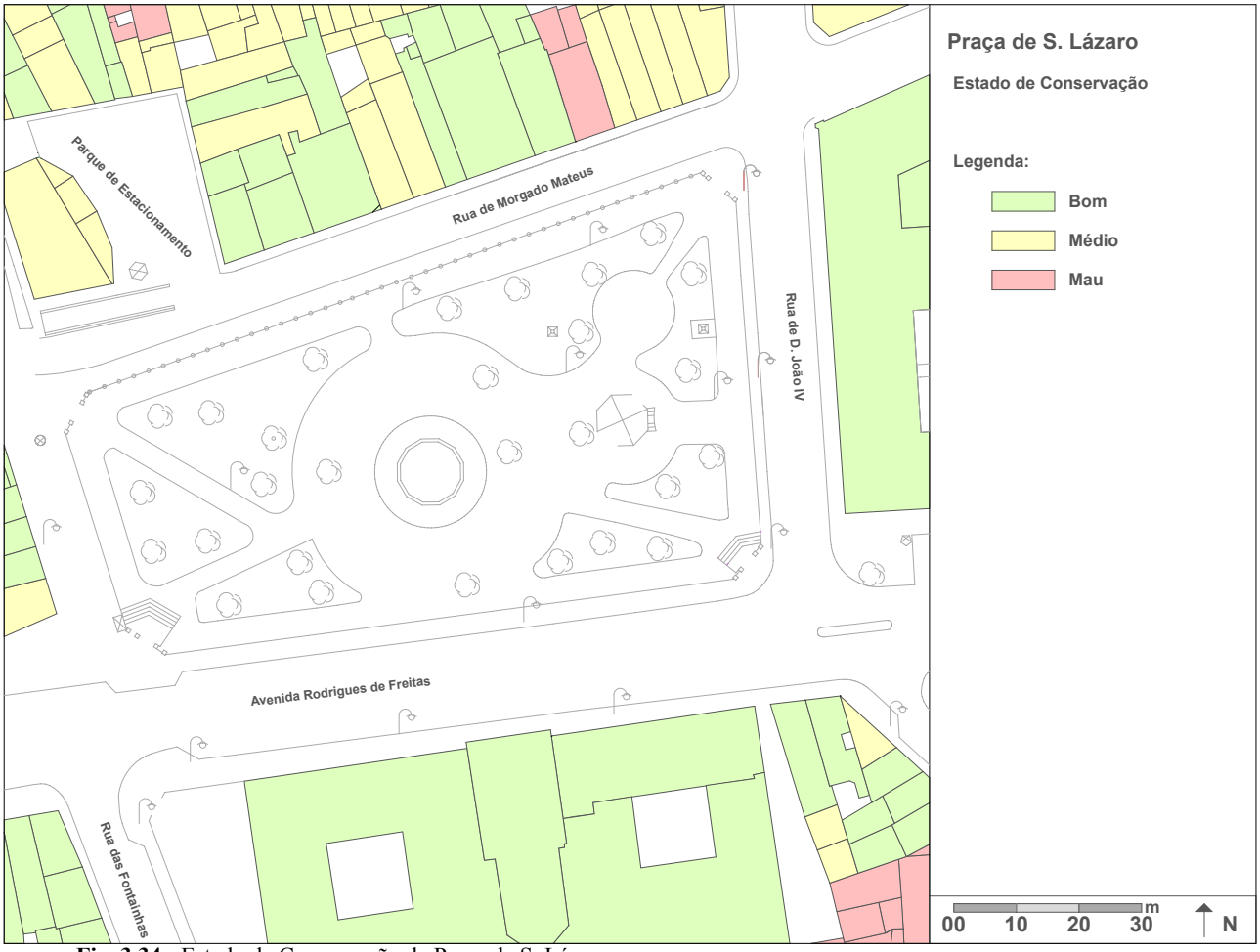


Fig. 3.34 - Estado de Conservação da Praça de S. Lázaro.

Em termos de circulações (Fig. 3.35) este local possui condições razoáveis ao nível do percurso viário e pedonal. Isto deve-se fundamentalmente às condições físicas do local sem grande variação altimétrica e à época em que foi edificado.

Salienta-se as boas conecções em termos de veículos, com o metro e comboio a 400m deste local e várias estações de autocarros nas vias.

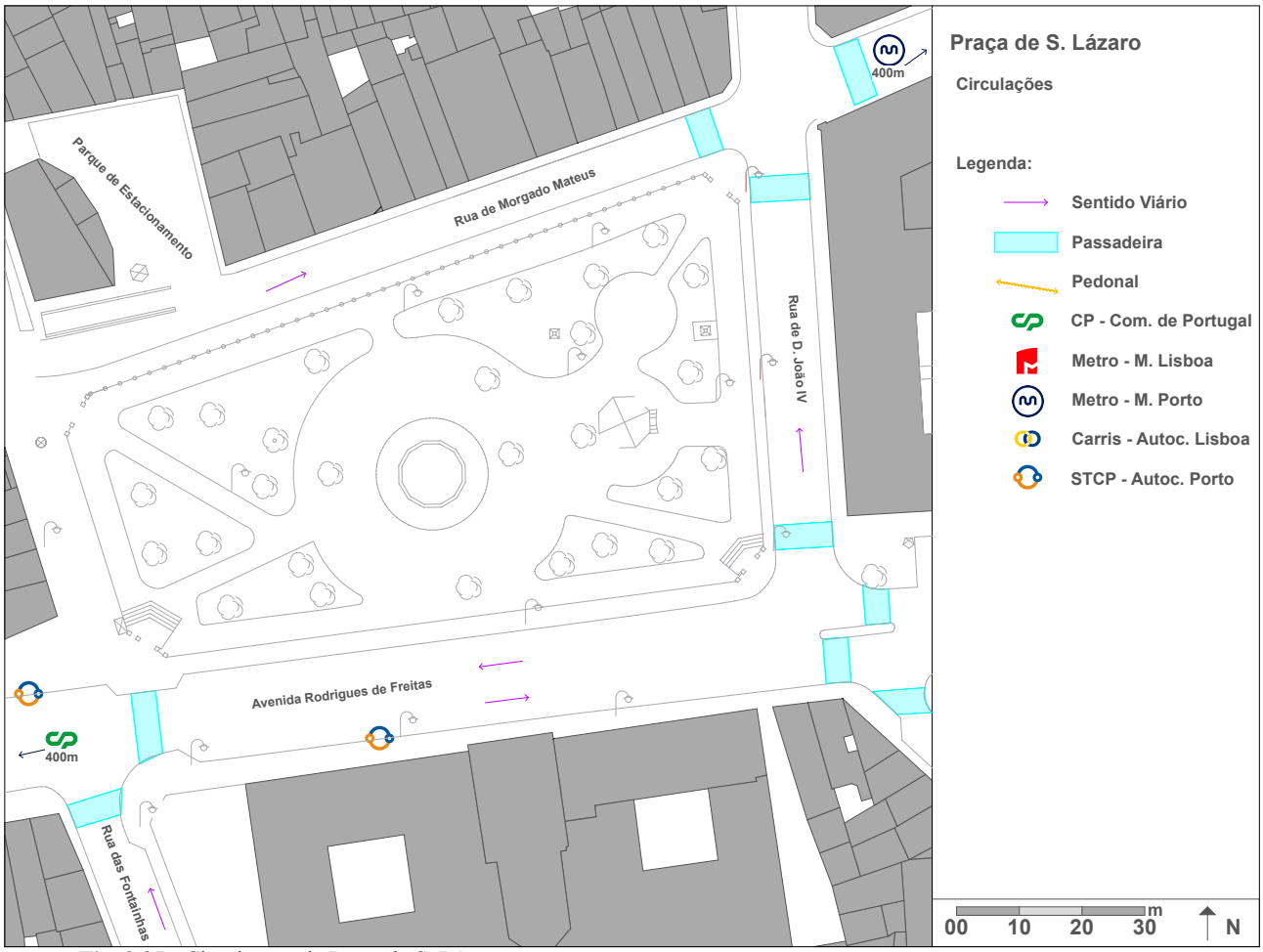


Fig. 3.35 - Circulações da Praça de S. Lázaro.

Com a análise de solo (Fig. 3.36) verifica-se que existe uma relação de aproximadamente 50% vs 50% no que toca a zonas não permeáveis e zonas permeáveis. Isto deve-se principalmente à grande área permeável da praça (5500m2).

Dá-se ênfase a uma característica desta praça, o grande lago no centro com aproximadamente 50m2 que atribui algum conforto visual e térmico ao longo de todo o ano.

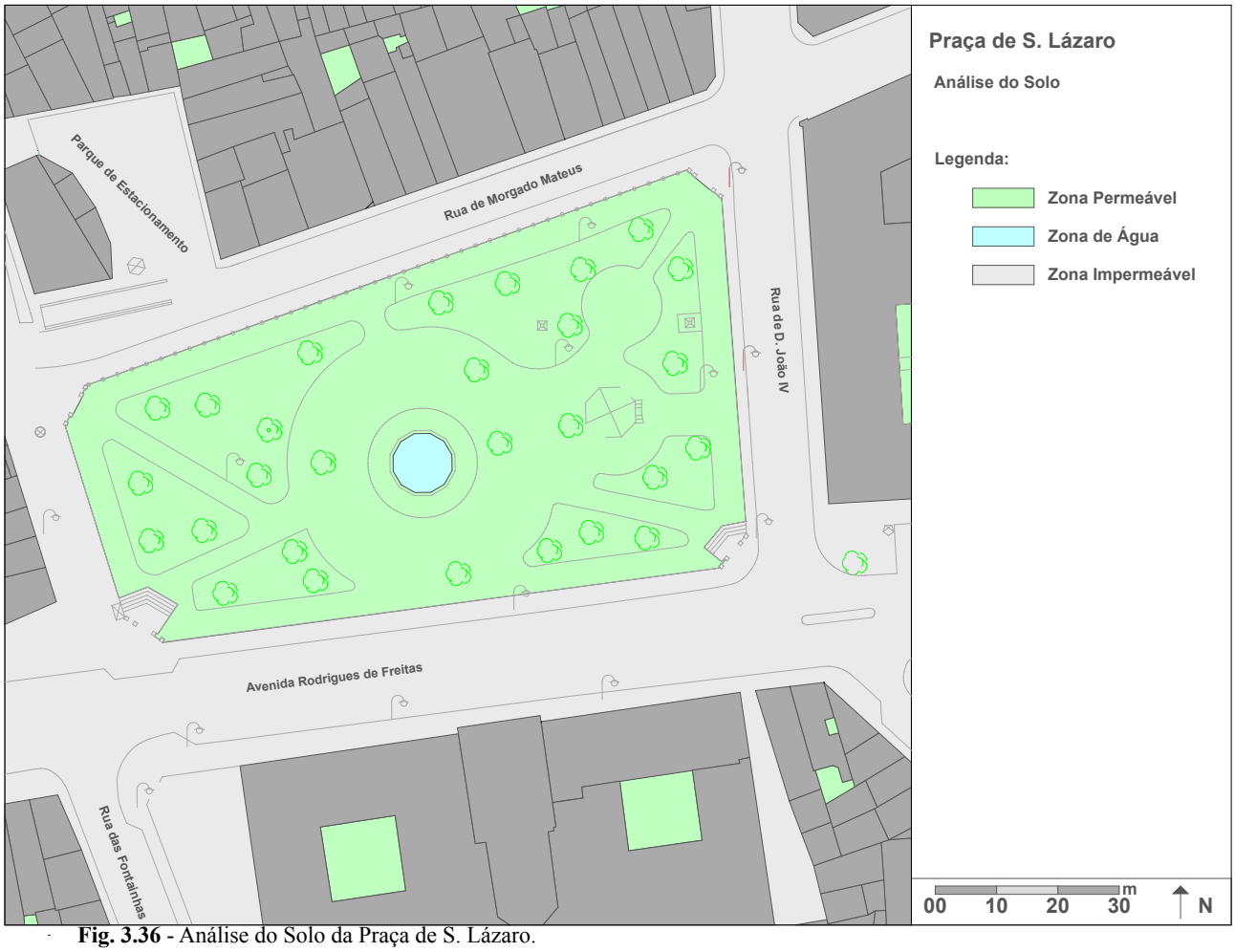


Fig. 3.36 - Análise do Solo da Praça de S. Lázaro.

No que toca aos factores climáticos, segundo prof2000 (2013), esta área possui um clima temperado mediterrâneo com influências Atlânticas e com temperaturas médias mensais que oscilam entre os 16 °C e os 23 °C. Quanto à precipitação, esta é escassa e irregular, concentrando-se nos meses de Outono e de Inverno. A precipitação total anual é superior a 600 mm, mas é normalmente inferior a 1200 mm.

Para este tipo de condições climatéricas verifica-se que o território se encontra bem adaptado, não existindo nenhum factor a salientar.

Por fim, realiza-se um estudo solar relativo aos Solstícios. Tal deve-se ao facto de estes serem os extremos, podendo-se colocar todos os outros estudos solares dentro desta variação. Este é o momento em que o Sol durante o seu movimento aparente na esfera celeste, atinge a maior declinação em latitude, medida a partir da linha do equador. Os solstícios ocorrem duas vezes por ano (Dezembro e Junho). O dia e hora exactos variam de um ano para outro. Quando ocorre no Verão significa que a duração do dia é a mais longa do ano.

Similarmente, quando ocorre no Inverno, significa que a duração da noite é a mais longa do ano.

Para o estudo em causa utilizaram-se dados relativos a 2014, colocando o solstício de Verão no dia 21 de Junho (10h51m) e o solstício de Inverno no dia 21 de Dezembro (23h03m) Wikipedia (2013).

O estudo solar foi realizado tendo em conta o seu local (Porto/Lisboa) e os horários de estudo são os mesmos usados em outras análises ao longo desta dissertação (9h, 15h e 21h).

Conforme se verifica através dos Solstícios de Verão (Fig. 3.37) e dos Solstícios de Inverno (Fig. 3.38). A Praça de S. Lázaro encontra-se maioritariamente em sombra, isto deve-se fundamentalmente às grandes árvores da praça.

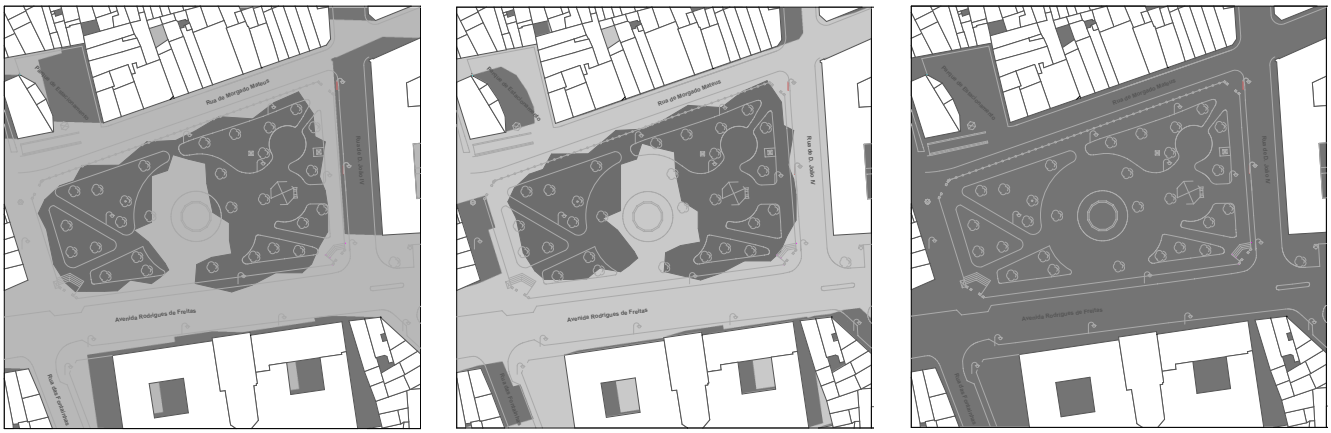


Fig. 3.37 - Solstício de Verão - 9h, 15h e 21h da Praça de S. Lázaro.

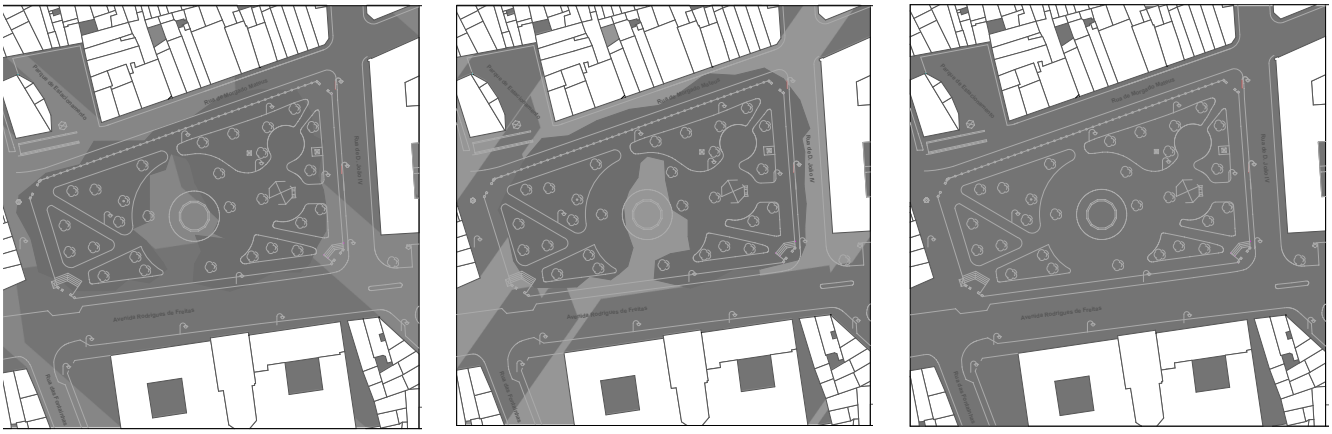


Fig. 3.38 - Solstício de Inverno - 9h, 15h e 21h da Praça de S. Lázaro.

- *Tipo-Morfologia;*

Remontando a 1883, a Praça de S. Lázaro tem sofrido algumas alterações ao longo dos anos. Estas alterações não se traduzem no seu desenho, mas sim, na sua função e equipamento de suporte. A praça de S. Lázaro foi nos seus primórdios um local de feiras e exposições. Assim sendo, existiam menos árvores e menos equipamento para permitir a manipulação do espaço para este tipo de eventos. Actualmente, a Praça funciona como um espaço público, mas, com a aquisição de uma nova função ganhou um aspecto muito mais verde complementado com estátuas, bancos, bebedouros, entre muitos outros, criados para responder às necessidades do local. É importante referir que devido ao facto de esta praça ter sido projectada para ser usada como espaço de feiras e afins com horários de funcionamento, esta é gradeada a toda a volta conferindo-lhe um aspecto muito fechado, o que impede uma melhor relação com os edifícios e áreas circundantes.

Em termos de acessibilidades e conecções (Fig. 3.39) este jardim encontra-se bem servido, possuindo nas suas artérias principais sistema de autocarro (STCP) com a paragem em (S. Lázaro) do 207 e do 400, e a cerca de 400m estação de metro (Campo 24 de Agosto), no sentido inverso a aproximadamente 400m a estação de comboio (CP) (S. Bento).

Fig. 3.39 - STCP de S. Lázaro (Porto).

Na morfologia do entorno imediato, encontramos passeios com cimento reticulado e estradas alcatroadas com ruas largas (Fig. 3.40). Este sistema viário existe desde o séc. XVIII, e é de referir que ganhou estacionamento automóvel entre o passeio e a estrada no inicio do século passado.

Fig. 3.40 - Passeios e ruas do entorno imediato.

A construção é composta por edifícios de arquitectura vernacular do Porto, existindo alguma mistura com edifícios dos anos 60 e 70, criados para substituir algumas edificações em pior estado na época. No caso da construção vernacular, as aberturas dos edifícios para a praça são estreitas com janelas de (120x120) e portas de (90x200) aproximadamente. No caso da construção mais recente, vemos portas, janelas e vitrinas que chegam a alcançar os 6m. Na sua composição arquitectónica os edifícios possuem uma média de 4 pisos, sendo decorados com pintura ou cerâmica de tons pouco garridos e possuindo alguma decoração ao nível dos gradeamentos e dos marcos das portas e janelas (Fig. 3.41).

Fig. 3.41 - Edifícios do entorno imediato.

- *Análise Visual;*

Observa-se que o estado de conservação e manutenção dos edifícios no entorno da praça de S. Lázaro é razoável, os edifícios encontram-se maioritariamente habitados e como tal estão razoavelmente cuidados, sendo necessárias algumas obras de recuperação e manutenção para melhorar esta área (Fig. 3.42). O mesmo se passa com as vias de circulação e passeios.

Fig. 3.42 - Estado de Conservação e Manutenção.

As zonas verdes são amplas e muito bem cuidadas (Fig. 3.43). Esta situação deve-se ao facto de este ser um espaço muito utilizado e, como tal, existe interesse da população e do comércio da zona em manter o espaço cuidado. Por outro lado, devido ao desenho da praça, esta possui percursos bem delimitados o que evita situações em que o próprio uso da praça leve ao desgaste da zona verde. É de referir que a vegetação existe em diversos tamanhos complementando-se na sua forma e função, que permite criar jogos de verde ao nível visual e, por exemplo, manter uma sombra constante por toda praça.

Fig. 3.43 - Espaços verdes.

Assim, em termos de estética, a praça e o seu entorno apresentam uma linguagem coerente, fruto de um desenho evolutivo onde se observa o bom estado de conservação e imagem, bem como a sua função adaptada às necessidades dos seus utilizadores.

Como se pode verificar, esta praça possui muita transparência. Existem objectos e limites apenas no entorno da praça (edifícios altos) que criam os únicos limites visuais. Os pontos que possuem mais transparência e noção do espaço são as vias, onde devido ao seu traçado, é possível ter uma maior e melhor compreensão do espaço.

É de salientar que o desnível e o gradeamento poderão ser penalizadores para a praça. Tal verificou-se na análise do estado da arte e que será corroborado pelos utilizadores no desenvolvimento deste trabalho.

As vistas de aproximação à praça (Fig. 3.44) estão inseridas no mesmo contexto de imagem, com passeios e ruas largas em cimento e alcatrão e de construção maioritariamente vernacular com uma composição geral boa.

Fig. 3.44 - Aproximação à praça.

Desta forma, compreende-se que com este nível de complexidade visual, esta praça e o seu entorno possuem um grande interesse visual com muita variedade de objectos, formas e cores, na arquitectura e urbanismo. Sendo que esta situação acontece também em termos de vegetação, existindo sempre uma linha de coerência entre todos os elementos chave da praça e da sua envolvente. Salienta-se a variada existência de expressões de individualidade e personalizações nos edifícios no entorno da praça, fruto das evoluções temporais e dos gostos dos seus utilizadores.

- *Percepção;*

Perceptivelmente, esta praça é muito verde e fresca. Segundo o questionário de investigação (Fig. 3.45), os utilizadores descrevem frequentemente a praça, como sendo um local relaxante, verde e activo. Encontram-se todavia respostas como especial, histórico, amigável, acolhedor, entre outros.

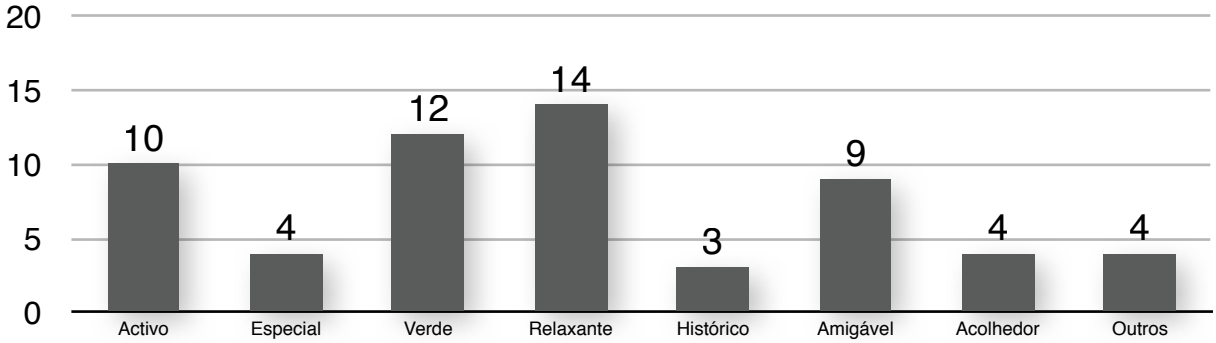


Fig. 3.45 - Questão 6 - Quando pensa nesta praça, o que lhe vem primeiro à cabeça? Como a descreveria?.

Questionando os utilizadores sobre aquilo que mais, ou menos gostam na praça, observa-se que os resultados são bastante dispares.

Sobre o que os utilizadores mais gostam, as respostas mais frequentes são, o facto de ser uma praça relaxante, amigável e verde, existindo respostas como acolhedor, activo, entre outros (Fig. 3.46).

Quanto ao que menos gostam, as respostas são menos dispares, sendo que a maioria dos utilizadores não tem nada a dizer. Entre as respostas destacam-se, reduzir o gradeamento e desnível para as zonas de passeios, praça de desenho antiquado, e necessidade de melhor iluminação e segurança à noite (Fig. 3.47).

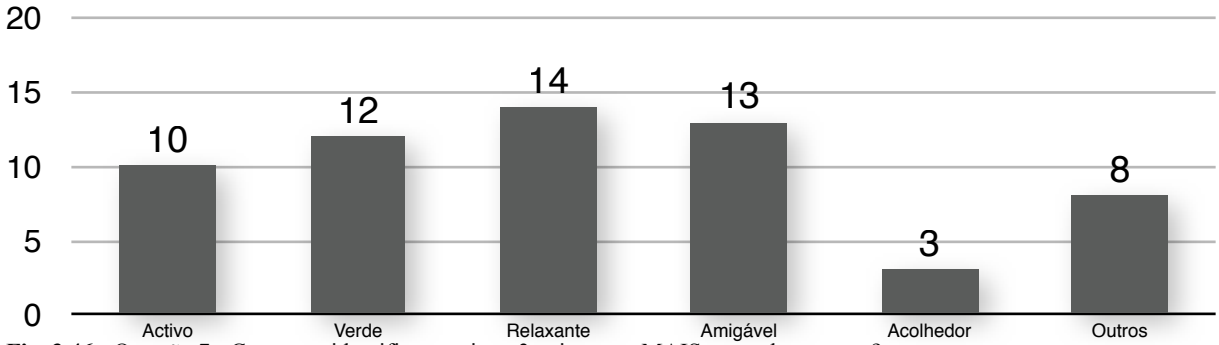


Fig. 3.46 - Questão 7 - Consegue identificar quais as 3 coisas que MAIS gosta desta praça?.

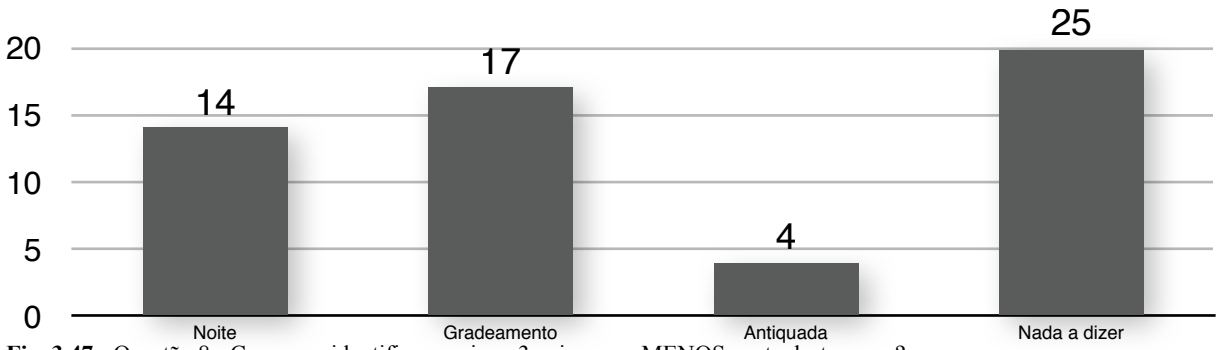


Fig. 3.47 - Questão 8 - Consegue identificar quais as 3 coisas que MENOS gosta desta praça?.

Na continuidade destas últimas questões, perguntaram-se as ideias ou expectativas dos utilizadores nesta praça, na questão número 9.

Apesar das resposta serem variadas, salientam-se aqui algumas das mais relevantes, nomeadamente, melhor iluminação e segurança à noite, e ainda, reduzir o gradeamento e desnível para os passeios circundantes como abordado anteriormente.

Alguns desenhos foram realizados aquando destes questionários sobre o mapa mental dos utilizadores em relação à praça, no qual se observa na generalidade, uma coerência e configuração próximas da realidade (Fig. 3.48). Salienta-se que existe ao longo dos vários desenhos, uma tendência em regularizar a forma e o desenho do espaço.

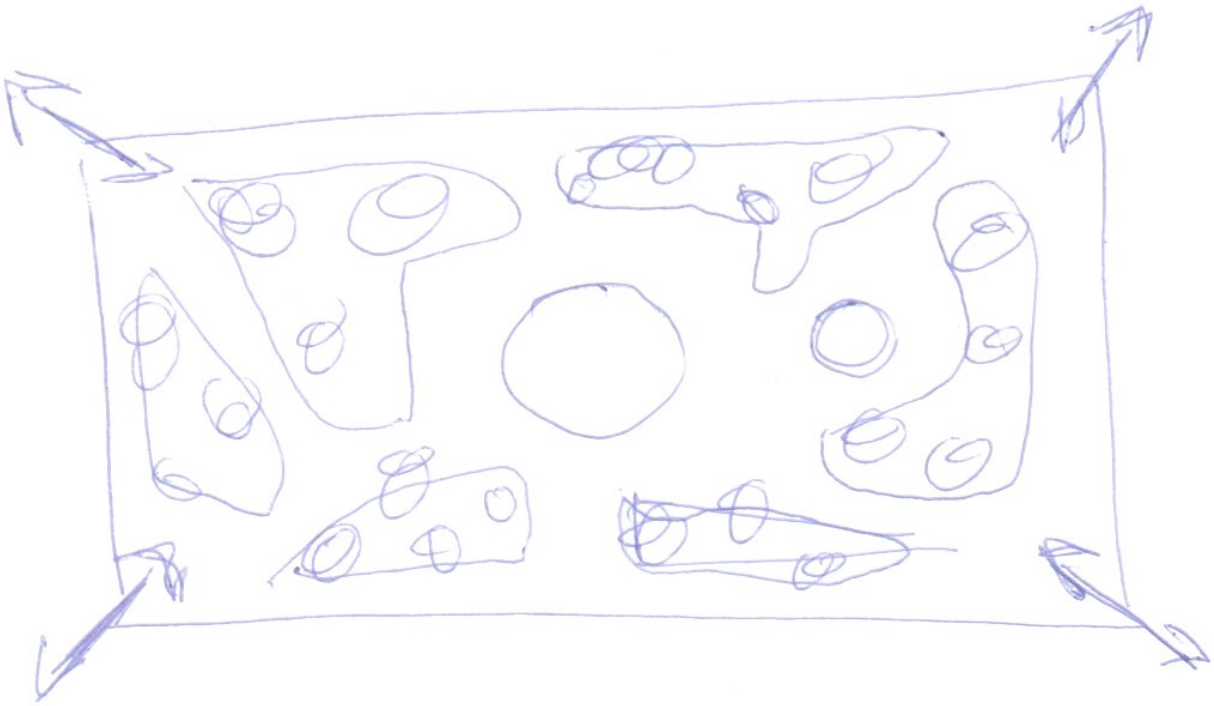


Fig. 3.48 - Questão 10 - Por ultimo, sem olhar e de memória, desenhe esta praça e o que esta à sua volta, indicando todos os elementos de que se lembre?.

- *Comportamento;*

Na análise do comportamento, começa-se por analisar quem são os utilizadores da praça. Através do estudo de caso no local verifica-se que é muito variado entre sexo e idades, mas existindo um relevância maior no que toca à terceira idade.

Obtendo dados do questionário, observa-se que estes utilizadores vêem à praça para relaxar e encontrar amigos. Através do mesmo questionário verifica-se também que algumas vezes vêem acompanhar as crianças e realizar outras actividades.

Salienta-se que não existem pessoas a percorrer a praça, isto deve-se ao facto de esta ser encerrada a toda a volta, com desnível e apenas entradas pelos cantos (Fig. 3.49).

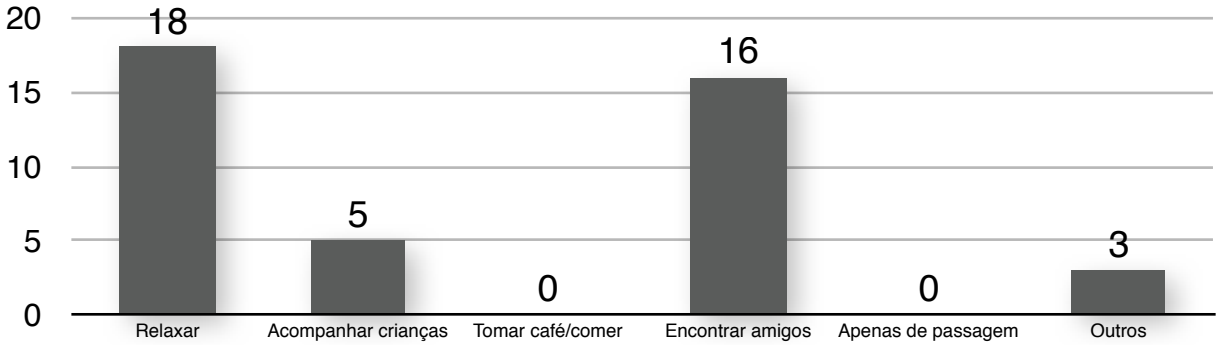


Fig. 3.49 - Questão 1 - Quando vem à praça, o que geralmente vem fazer?.

Continuando a analisar os dados do questionário, verifica-se que existe um grande uso das pessoas da praça, visitando a mesma várias vezes por semana (Fig. 3.50) e durante extensos períodos de tempo (Fig. 3.51).

Fig. 3.50 - Questão 2 - Quantas vezes por semana costuma frequentar esta praça?.

Fig. 3.51 - Questão 3 - Quando vem a esta praça, quanto tempo costuma ficar?.

Outra questão pertinente é relativa aquilo que os utilizadores pensam ser os utilizadores mais frequentes desta praça. Através da análise das respostas do questionário conclui-se que são os moradores, não sendo esta uma praça muito frequentada por turistas ou trabalhadores (Fig. 3.52).

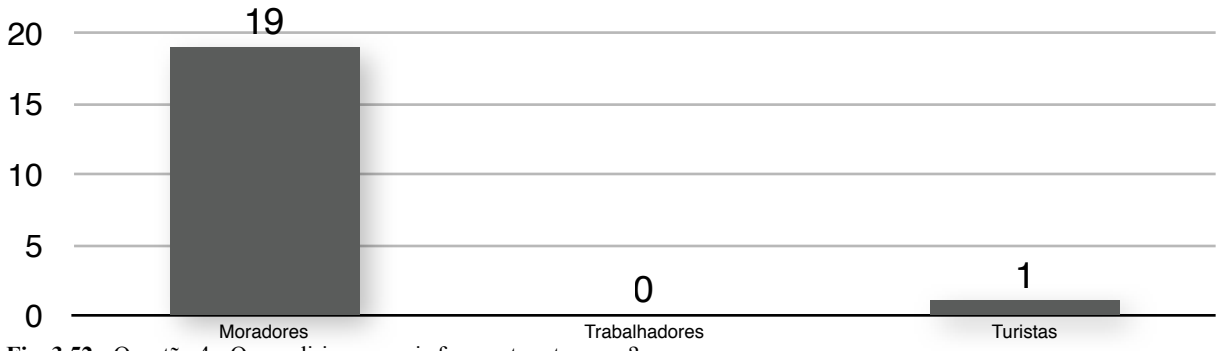


Fig. 3.52 - Questão 4 - Quem diria que mais frequenta esta praça?.

Nesta análise, é de referir que os usuários fazem o seu percurso pelos caminhos pré-estabelecidos.

Pelo mesmo motivo não existem pistas ambientais relevantes no espaço, a não ser alguma degradação da relva junto aos bancos.

Para finalizar a análise à Praça de S. Lázaro, salienta-se a questão número 5 do questionário, onde se verifica o quanto as pessoas gostam desta praça. Esta questão é chave no trabalho "Indicadores de Sucesso em Praças de Carácter Residencial", pois permite, de forma geral, analisar o sucesso desta praça.

Assim, verifica-se que as pessoas na sua generalidade gostam muito desta praça, sendo esta uma praça de sucesso (Fig. 3.53).

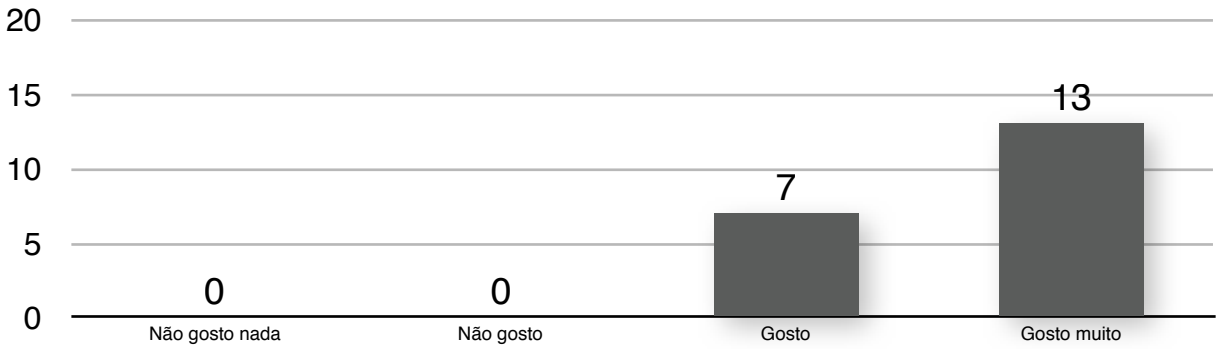


Fig. 3.53 - Questão 5 - Indique o quanto gosta desta praça?.

Esta situação é corroborada pela análise de campo (Tab. 3.2) realizada pelo autor deste trabalho, onde se verifica um número de usuários muito bom ao longo do dia, sendo que no período nocturno é pouco utilizado, e por norma por pessoas de aspecto pouco convidativo (prostitutas, drogados, marginais, etc…).

Os grandes utilizadores deste espaço são idosos, mas existe um equilíbrio entre género e idades.

Quando as condições atmosféricas não são as melhores, nota-se uma quebra muito grande nos utilizadores, visto este espaço não prever usos neste tipo de situação. Como é de prever, aos fins-de-semana e feriados existem mais utilizadores na praça do que à semana.

Análise		9h - 10h			15h - 16h			21h - 22h		
	Sexo/Faixa Etária	M	F	t	M	F	t	M	F	t
Semana Boas Condições Atmosféricas	Crianças	3	4	**7**	0	2	**2**	0	0	**0**
	Adolescentes	4	0	**4**	0	0	**0**	8	6	**14**
	Adultos	7	8	**15**	5	2	**7**	1	5	**6**
	Idosos	12	6	**18**	19	11	**30**	3	0	**3**
Fim de Semana Boas Condições Atmosféricas	Crianças	5	7	**12**	6	9	**15**	1	2	**3**
	Adolescentes	0	2	**2**	14	11	**25**	18	14	**32**
	Adultos	14	6	**20**	7	6	**15**	8	5	**13**
	Idosos	34	26	**60**	40	22	**62**	2	0	**2**
Feriado Boas Condições Atmosféricas	Crianças	3	4	**7**	3	6	**9**	0	0	**0**
	Adolescentes	2	4	**6**	10	8	**18**	12	8	**20**
	Adultos	7	10	**17**	3	8	**11**	5	9	**14**
	Idosos	29	11	**40**	31	24	**55**	2	0	**2**
Semana Más Condições Atmosféricas	Crianças	0	0	**0**	0	0	**0**	0	0	**0**
	Adolescentes	4	0	**4**	3	6	**9**	11	4	**15**
	Adultos	8	3	**11**	2	0	**2**	9	6	**15**
	Idosos	0	0	**0**	4	2	**6**	0	0	**0**
Fim de Semana Más Condições Atmosféricas	Crianças	3	1	**4**	2	0	**2**	0	0	**0**
	Adolescentes	6	2	**8**	6	3	**9**	8	5	**13**
	Adultos	5	2	**7**	6	4	**10**	4	2	**6**
	Idosos	0	0	**0**	2	0	**2**	0	0	**0**
Feriado Más Condições Atmosféricas	Crianças	0	1	**1**	1	2	**3**	0	0	**0**
	Adolescentes	4	0	**4**	5	3	**8**	9	4	**13**
	Adultos	7	2	**9**	5	3	**8**	6	5	**11**
	Idosos	4	0	**4**	6	2	**8**	0	0	**0**

Tab. 3.2 - Análise de campo da Praça de S. Lázaro.

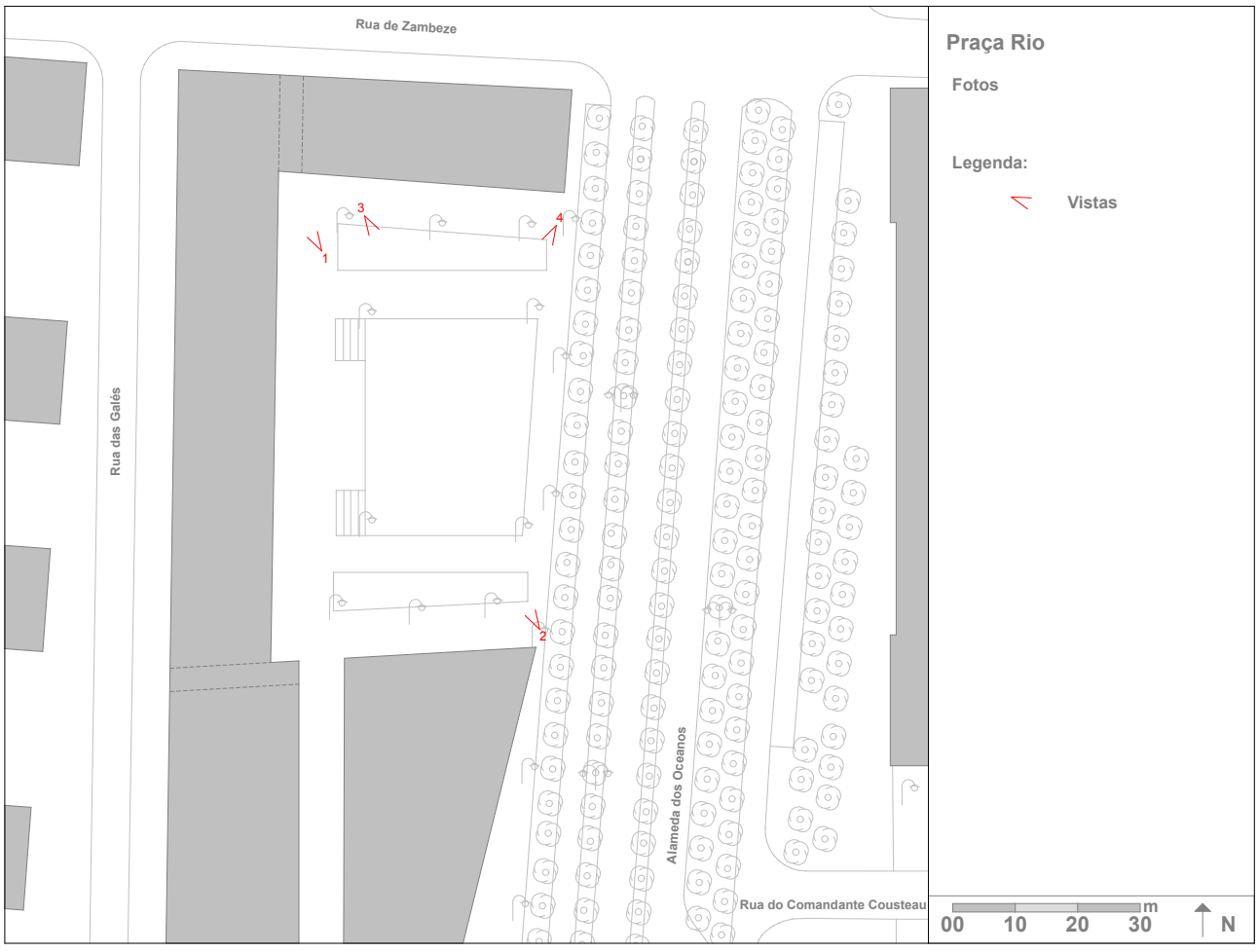
Praça Rio

- *Inserção no Meio;*

A Praça Rio ou Pátio das Pirógas (Fig. 3.54) é um espaço público situado no Parque das Nações em Lisboa. Localiza-se na freguesia de Santa Maria dos Olivais e possui um área aproximada de 2800 m2.

Este espaço inaugurado em 1997 é um espaço com pouca qualidade Arquitectónica e Urbana fruto de um "boom" do sector imobiliário aquando da readaptação do local para a Expo 98.

A Praça Rio encontra-se numa zona com um uso predominante de habitação e comércio, sendo que este último está estagnado com serviços de pouco movimento de pessoas como por exemplo, agências imobiliárias, lojas de decoração entre outros.



1

2

3

4

Fig. 3.54 - Vistas da Praça Rio.

A freguesia de Olivais, antiga Santa Maria dos Olivais é uma freguesia portuguesa do concelho de Lisboa com uma área de 10,66 km2 e aproximadamente 51.036 habitantes, perfazendo uma densidade populacional de 4.787,6 hab/km2, o que faz desta uma das maiores freguesias da cidade de Lisboa, Censos (2011).

Futuramente não se prevê alterações nesta praça, nem na sua área circundante. Esta análise foi realizada tendo por base o PDM actual de Lisboa e corroborado em diálogo com a equipa técnica da Câmara Municipal.

Na análise da Praça do Conhecimento constata-se que a função dos imóveis na área circundante à praça (Fig. 3.55), é de habitação, ou mistura de funções de comércio ao nível do rés-do-chão e habitação nos pisos superiores ou ainda, apenas áreas comerciais.

Fig. 3.55 - Funções da Praça Rio.

Relativamente às ocupações no entorno imediato (Fig. 3.56), verifica-se que os edifícios se encontram praticamente todos ocupados existindo um número diminuto de espaços para venda ou aluguer.

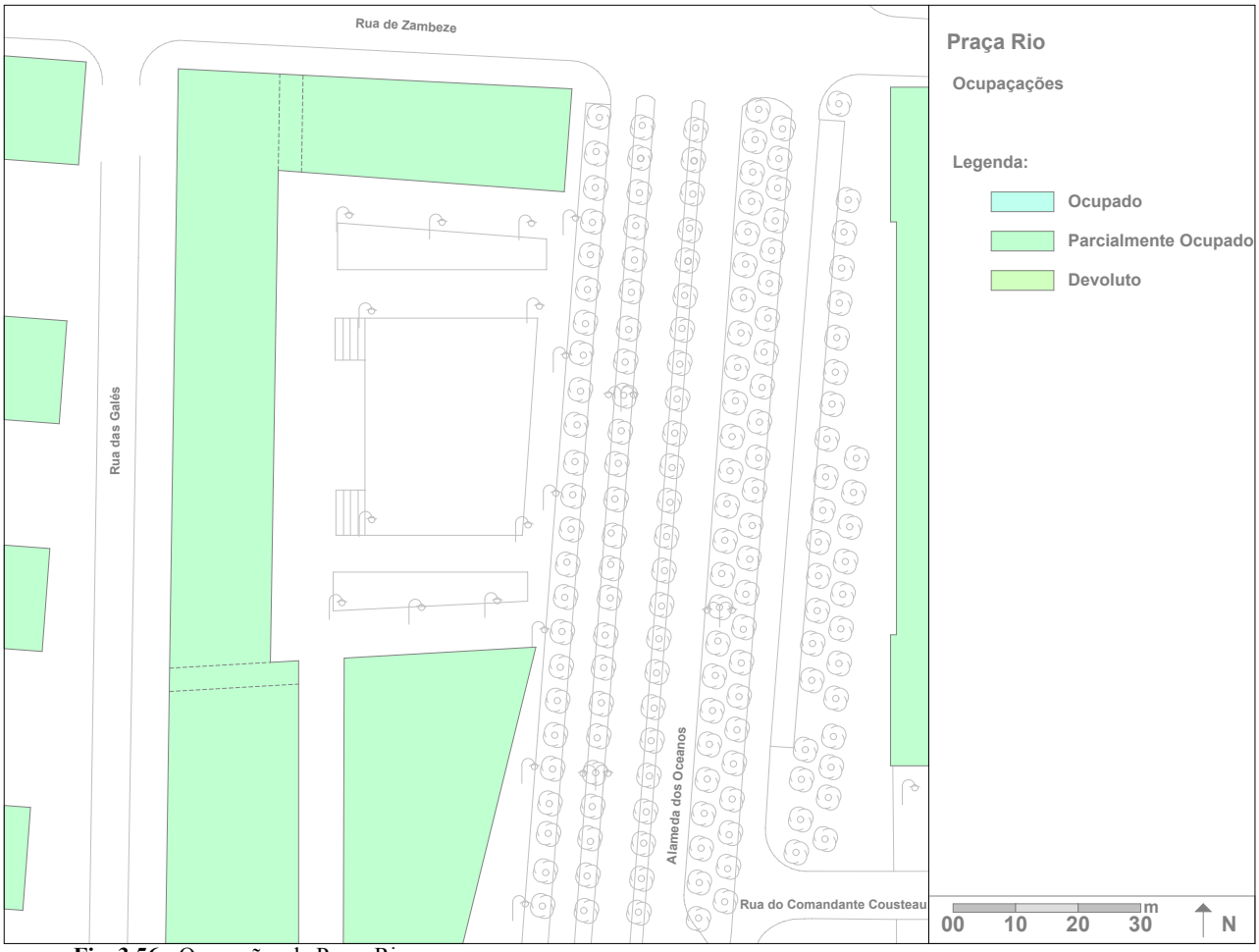


Fig. 3.56 - Ocupações da Praça Rio.

No que toca às cérceas dos edifícios (Fig. 3.57), verifica-se que possuem uma moda de 6 pisos, sendo que se encontram alguns edifícios de comércio mais baixos no entorno imediato.

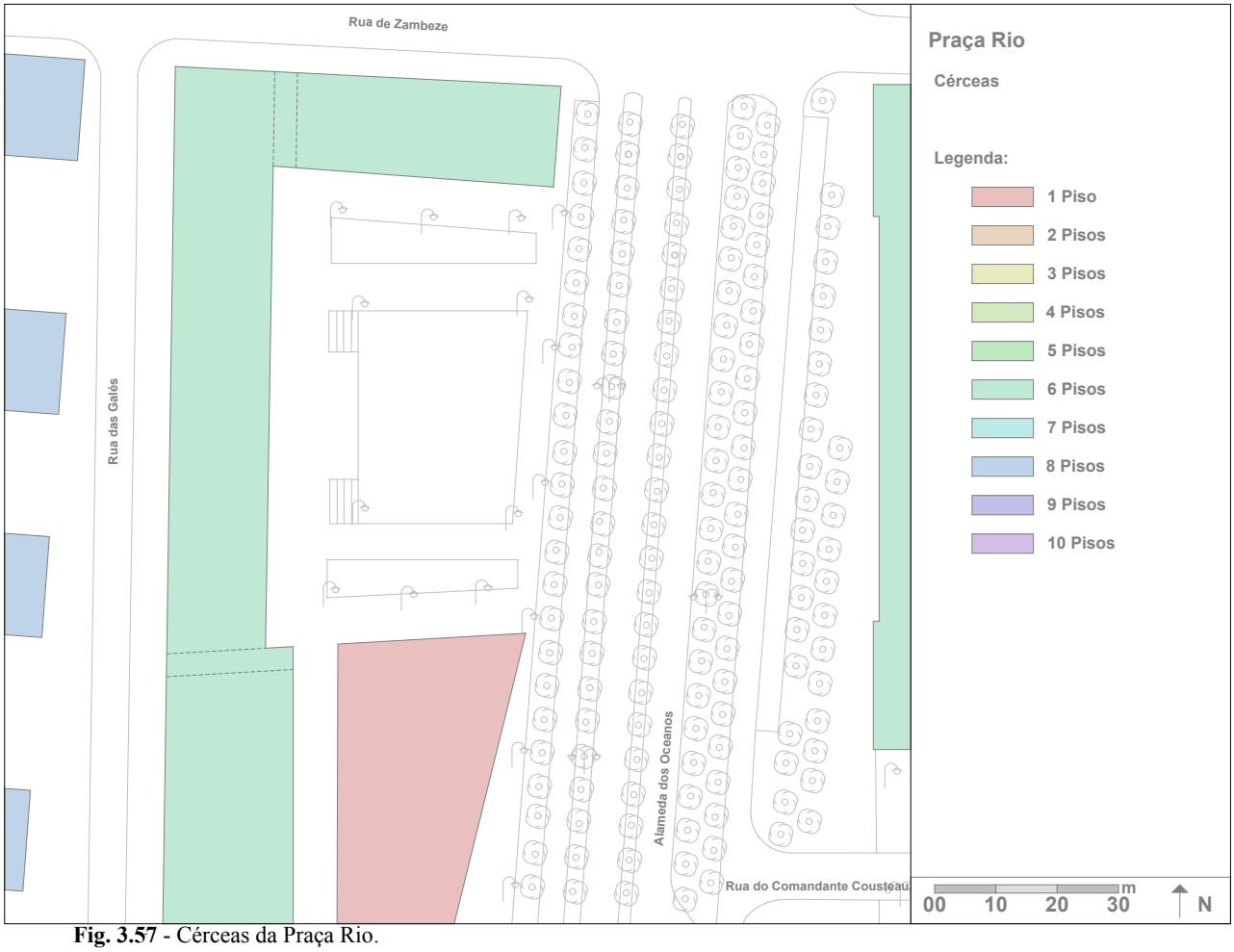


Fig. 3.57 - Cérceas da Praça Rio.

Continuando a análise da inserção no meio, verifica-se que o estado de conservação (Fig. 3.58) dos edifícios é excelente. Isto deve-se bastante à recente idade dos mesmos.

Fig. 3.58 - Estado de Conservação da Praça Rio.

Em termos de circulações (Fig. 3.59), este local possui condições muito boas ao nível do percurso viário e pedonal. Isto deve-se fundamentalmente às condições físicas do local sem grande variação altimétrica e ao recente período em que foi edificado, levando a estradas e passeios muito largos e de fácil percurso.

Salientam-se as boas conecções em termos de meios de transporte, com o metro e comboio a 800m deste local e várias estações de autocarros nas vias.

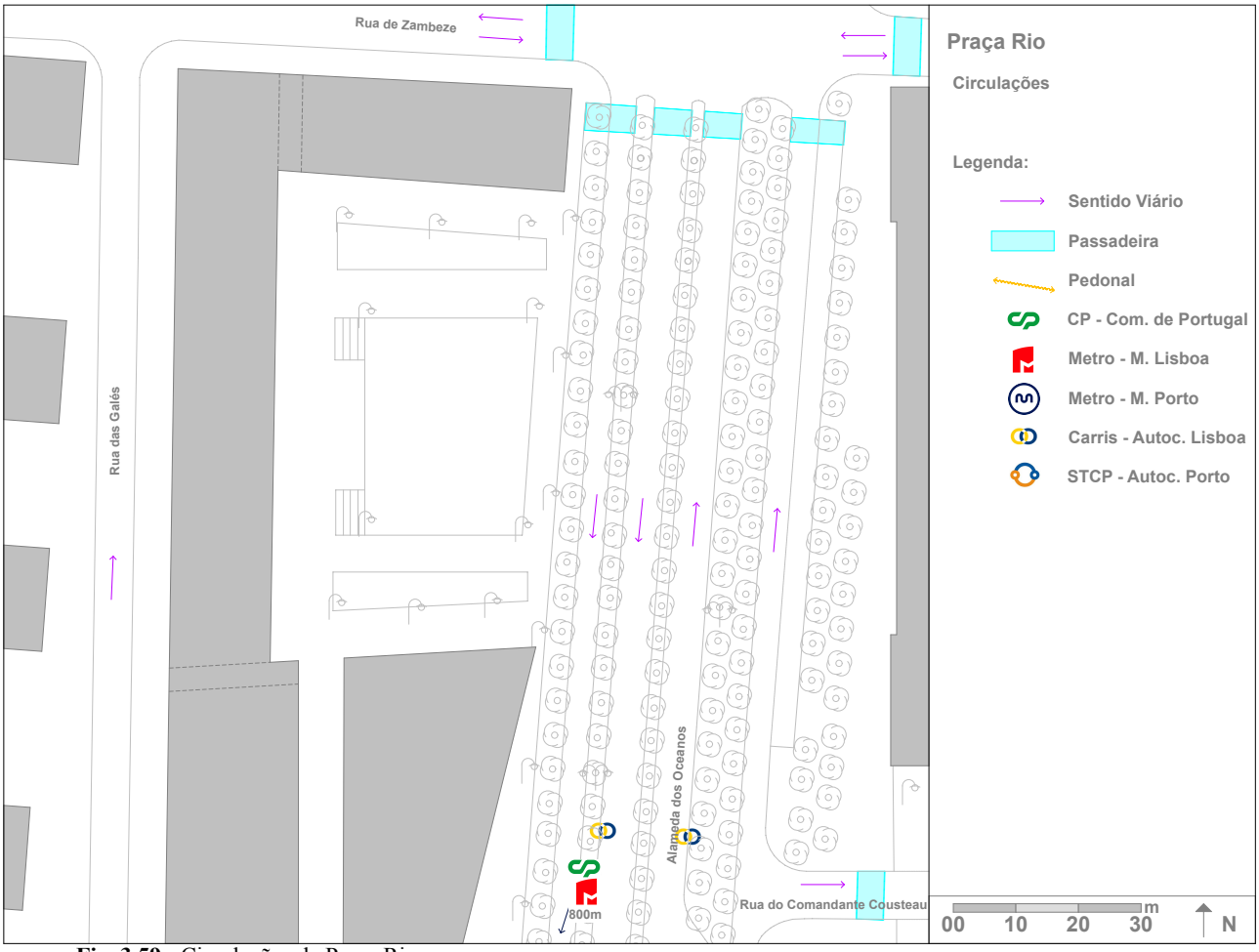


Fig. 3.59 - Circulações da Praça Rio.

Com a análise do solo (Fig. 3.60) verifica-se que existe uma relação de aproximadamente 95% vs 5% no que toca a zonas não permeáveis e zonas permeáveis. Não se pode deixar de salientar que um aumento da área permeável seria uma mais valia para o local, quer em termos de precipitação, imagem, térmica entre outros.

Fig. 3.60 - Análise do Solo da Praça Rio.

No que toca aos factores climáticos, segundo prof2000 (2013), esta área possui um clima temperado mediterrâneo, com temperaturas médias mensais que oscilam entre os 18 °C e os 25 °C. Quanto à precipitação, esta é escassa e irregular, concentrando-se nos meses de Outono e de Inverno. A precipitação total anual é superior a 500 mm mas é normalmente inferior a 1000 mm.

Para este tipo de condições climatéricas verifica-se que o território se encontra mal adaptado devido à falta de áreas permeáveis, o que leva à acumulação de águas em certos pontos da praça e espaços circundantes.

Concluindo, realiza-se um estudo solar relativo aos Solstícios. Tal deve-se ao facto de estes serem os extremos, podendo-se colocar todos os outros estudos solares dentro desta variação. Este é o momento em que o Sol durante o seu movimento aparente na esfera celeste, atinge a maior declinação em latitude, medida a partir da linha do equador. Os solstícios ocorrem duas vezes por ano (Dezembro e Junho). O dia e hora exatos variam de um ano para outro. Quando ocorre no Verão significa que a duração do dia é a mais longa do ano.

Analogamente, quando ocorre no Inverno, significa que a duração da noite é a mais longa do ano.

Para o estudo em causa utilizaram-se dados relativos a 2014, colocando o solstício de Verão no dia 21 de Junho (10h51m) e o solstício de Inverno no dia 21 de Dezembro (23h03m) Wikipedia (2013).

O estudo solar foi realizado tendo em conta o seu local (Porto/Lisboa) e os horários de estudo são os mesmos usados em outras análises ao longo desta dissertação (9h, 15h e 21h).

Conforme se verifica através dos Solstícios de Verão (Fig. 3.61) e dos Solstícios de Inverno (Fig. 3.62). A Praça Rio encontra-se maioritariamente exposta à radiação solar, isto deve-se às árvores deslocadas à periferia da praça, podendo surgir nos meses de Inverno sombra dos edifícios.

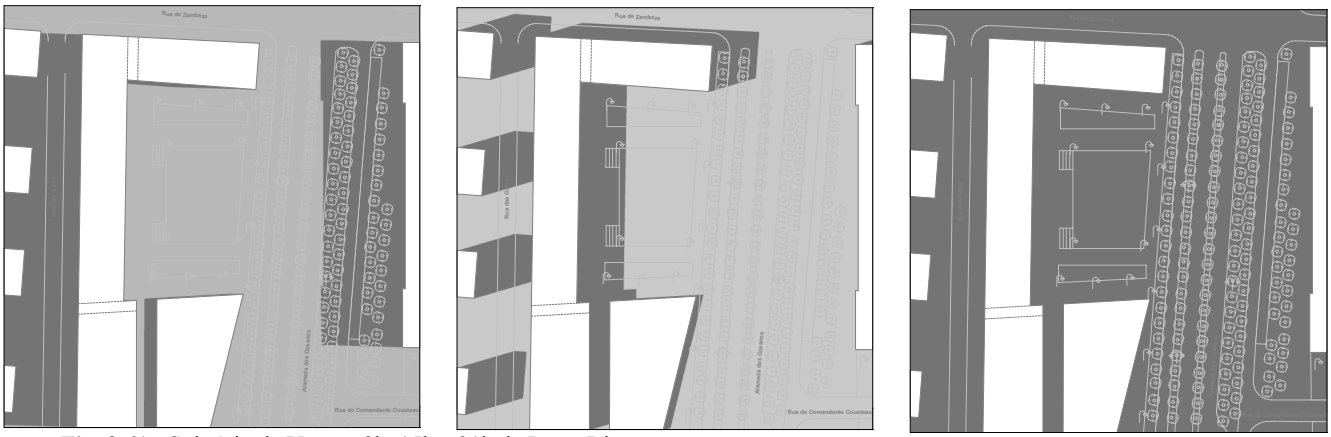


Fig. 3.61 - Solstício de Verão - 9h, 15h e 21h da Praça Rio.

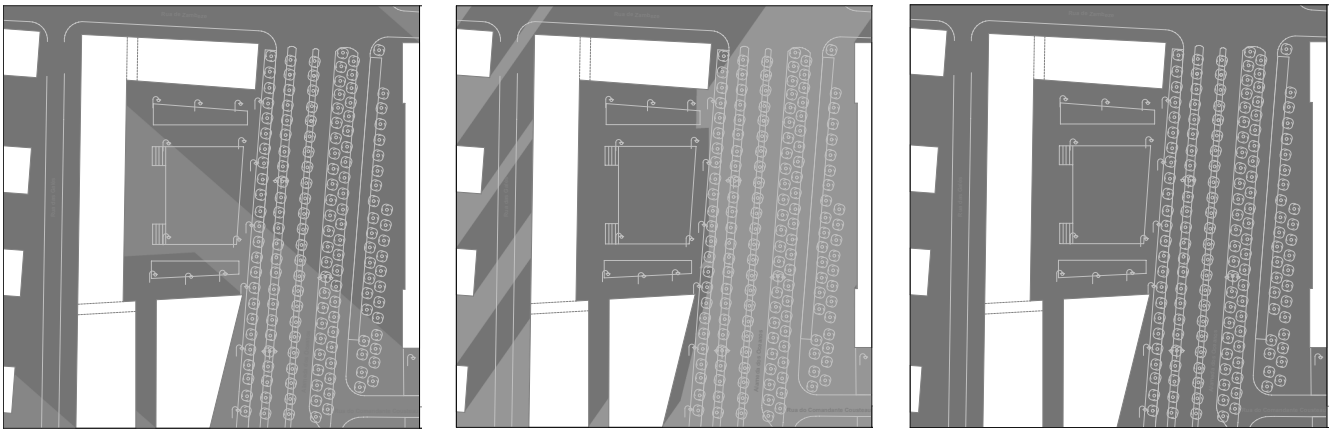


Fig. 3.62 - Solstício de Inverno - 9h, 15h e 21h da Praça Rio.

- *Tipo-Morfologia;*

A Praça Rio criada em 1997 ainda não sofreu nenhum tipo de transformação ou evolução relevante.

Em termos de acessibilidades e conecções (Fig. 3.63) esta Praça encontra-se razoavelmente servida, possuindo na sua artéria principal sistema de autocarro (Carris) com paragem em (Av. D. João II) do 400, 705, 708, 725, 744, 759 e 782 e estação de metro e comboio (Oriente) a cerca de 800m.

Fig. 3.63 - Estação de Metro e Comboio do Oriente (Lisboa).

Na morfologia do entorno imediato (Fig. 3.64) encontramos passeios de calçada portuguesa e estradas em alcatrão com ruas largas, fruto de um plano urbanístico recente. Salienta-se o estacionamento entre o passeio e a estrada que transmite alguma segurança ao peão face ao enorme tráfego da área.

Fig. 3.64 - Passeios e ruas do entorno imediato.

A construção é composta por edifícios de arquitectura dos anos 90 com aberturas (portas, janelas, e vitrines) largas. Na sua composição arquitectónica os edifícios possuem uma média de 6 pisos, decorados com pintura de tons ténues e com alguma decoração simples (Fig. 3.65).

Fig. 3.65 - Edifícios do entorno imediato.

- *Análise Visual;*

Partindo para a análise visual, observa-se que o estado de conservação e manutenção dos edifícios no entorno da praça Rio é bom, os edifícios encontram-se praticamente todos habitados e como tal estão bem cuidados e com uma apresentação muito cuidada (Fig. 3.66). O mesmo se passa com as vias de circulação e passeios.

Fig. 3.66 - Estado de Conservação e Manutenção.

As zonas verdes são escassas e mal cuidadas (Fig. 3.67). Esta situação deve-se ao facto de este ser um espaço pouco utilizado e, como tal, aparentemente não existe um grande interesse da população e do comércio em manter o espaço mais cuidado.

Devido ao desenho da praça, esta possui zonas verdes com uma diferença de nível grande para a zona de percurso, o que evita situações em que o próprio uso da praça leve ao desgaste da zona verde. É de referir que a vegetação é apenas arbórea, sendo o resto dos canteiros de terra e ervas daninhas.

Fig. 3.67 - Espaços verdes.

Em termos de estética a praça e o seu entorno falham, pois apesar de se observar um excelente estado de conservação, a sua manutenção é precária.

Observa-se também que a função não é adaptada às necessidades dos utilizadores.

Como se pode verificar, esta praça possui muita transparência. Existem objectos e limites apenas no entorno da praça (edifícios altos) e árvores, que criam os limites visuais. Os pontos que possuem mais transparência e noção do espaço são as vias, onde devido ao seu traçado, é possível ter uma maior e melhor compreensão do espaço.

As vistas de aproximação à praça (Fig. 3.68) estão inseridas no mesmo contexto de imagem com ruas e passeios largos em cimento e calçada portuguesa, com uma construção contemporânea de composição geral satisfatória.

Fig. 3.68 - Aproximação à praça.

Desta forma, compreende-se que esta praça e o seu entorno possuem pouco interesse visual com pouca variedade de objectos, formas e cores na arquitectura e urbanismo, mas também em termos de vegetação e sistema viário.

Salienta-se a quase inexistência de expressões de individualidade ou personalizações no entorno da praça.

- *Percepção;*

Em termos de percepção esta praça é aborrecida, quente e inútil. Segundo o questionário de investigação (Fig. 3.69) os utilizadores descrevem frequentemente a praça como sendo um local vazio, feio e artificial. Encontram-se todavia respostas como, enfadonho, desagradável, inútil, inactivo, entre outros. Comentários quase sempre negativos.

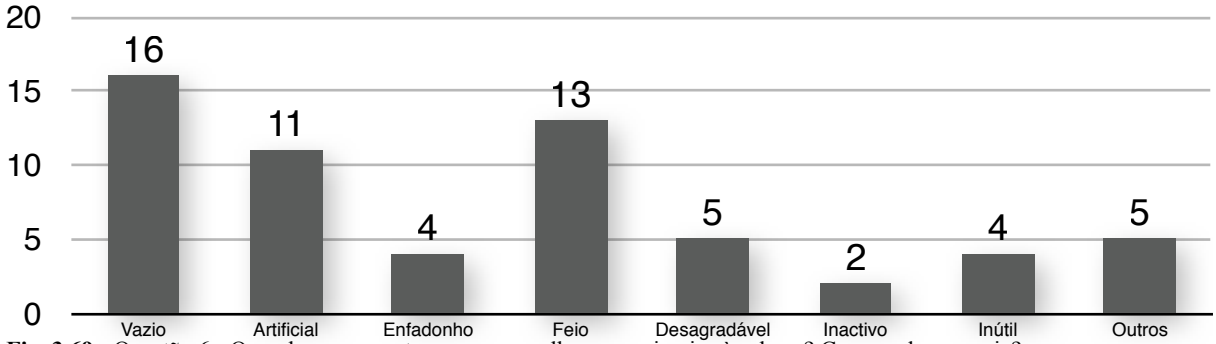


Fig. 3.69 - Questão 6 - Quando pensa nesta praça, o que lhe vem primeiro à cabeça? Como a descreveria?.

Questionando os utilizadores sobre aquilo que mais, ou menos gostam na praça, observa-se que os resultados são bastante dispares.

Sobre o que os utilizadores mais gostam, as respostas são poucas, mas salienta-se o shopping, muito sol, e as ligações (Fig. 3.70).

Quanto ao que menos gostam, existem mais respostas e mais dispares, sendo que a maioria dos utilizadores salienta o facto de ser desagradável, feio e vazio (Fig. 3.71).

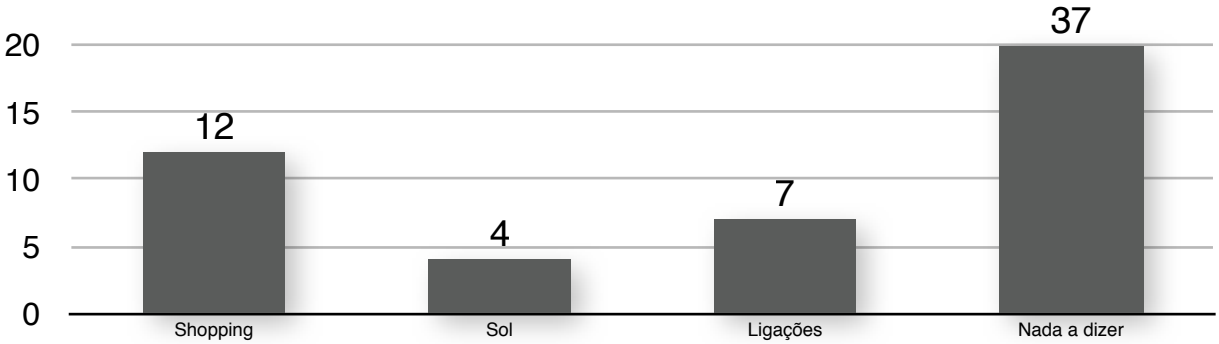


Fig. 3.70 - Questão 7 - Consegue identificar quais as 3 coisas que MAIS gosta desta praça?.

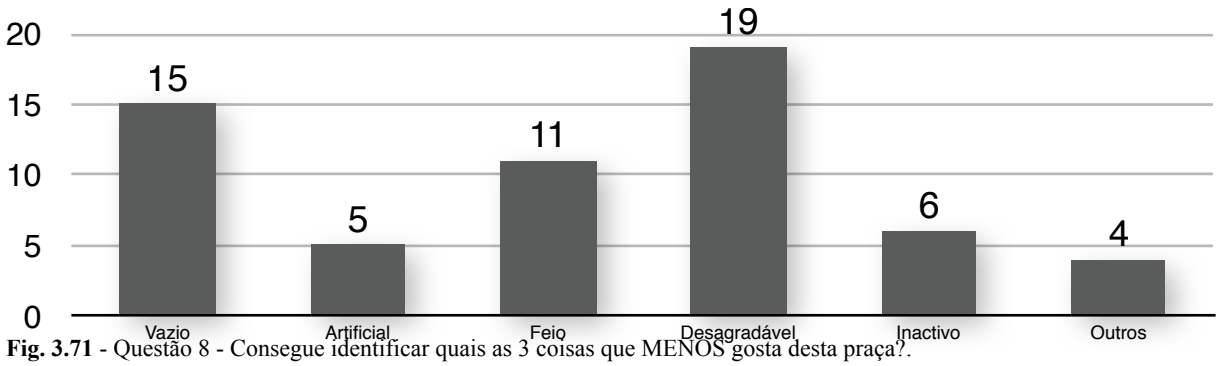


Fig. 3.71 - Questão 8 - Consegue identificar quais as 3 coisas que MENOS gosta desta praça?.

Na continuidade destas últimas questões, perguntou-se as ideias ou expectativas dos utilizadores nesta praça na questão número 9.

Apesar das resposta serem variadas, salientam-se aqui algumas das mais relevantes, nomeadamente a necessidade de mais mobiliário urbano (bebedouros, mesas, bancos, etc…), esplanada e melhor distribuição de áreas de sombra pela praça.

Alguns desenhos foram realizados aquando destes questionários sobre o mapa mental dos utilizadores em relação à praça, no qual se observa na generalidade, uma coerência e configuração muito próximas da realidade (Fig. 3.72) salientando-se em grande parte dos desenhos a ausência das escadas centrais.

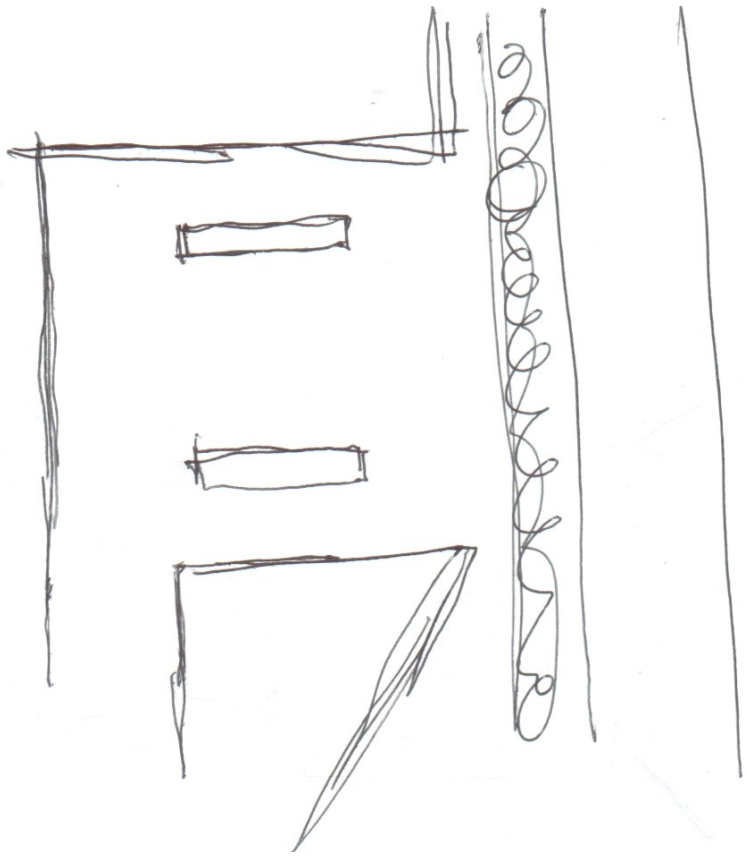


Fig. 3.72 - Questão 10 - Por ultimo, sem olhar e de memória, desenhe esta praça e o que esta à sua volta, indicando todos os elementos de que se lembre?.

- *Comportamento;*

Na análise do comportamento, começa-se por analisar quem são os utilizadores da praça. Através do estudo de caso no local, verifica-se que é muito variado entre sexo e idades.

Obtendo dados do questionário, observa-se que estes utilizadores vêm à praça apenas de passagem e tomar café ou comer (Fig. 3.73).

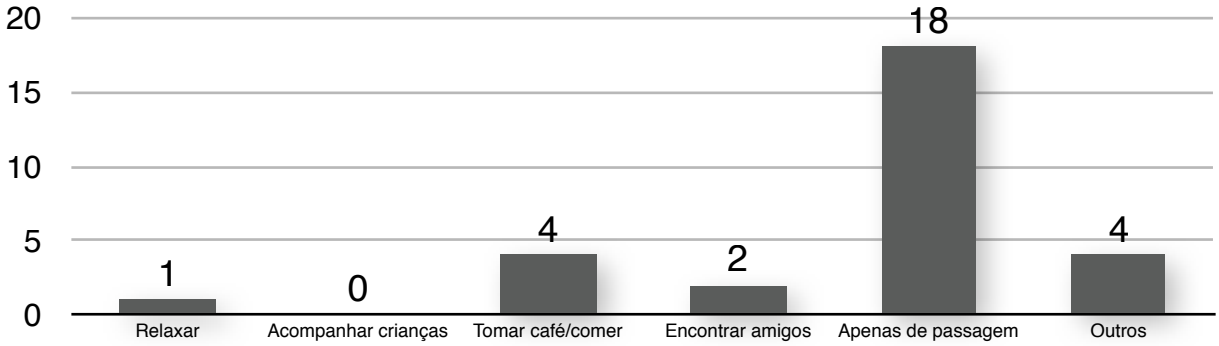


Fig. 3.73 - Questão 1 - Quando vem à praça, o que geralmente vem fazer?.

Continuando a analisar os dados do questionário verifica-se que existe um baixo uso das pessoas da praça, visitando a mesma apenas uma vez ou menos por semana (Fig. 3.74) e por escassos períodos de tempo (Fig. 3.75).

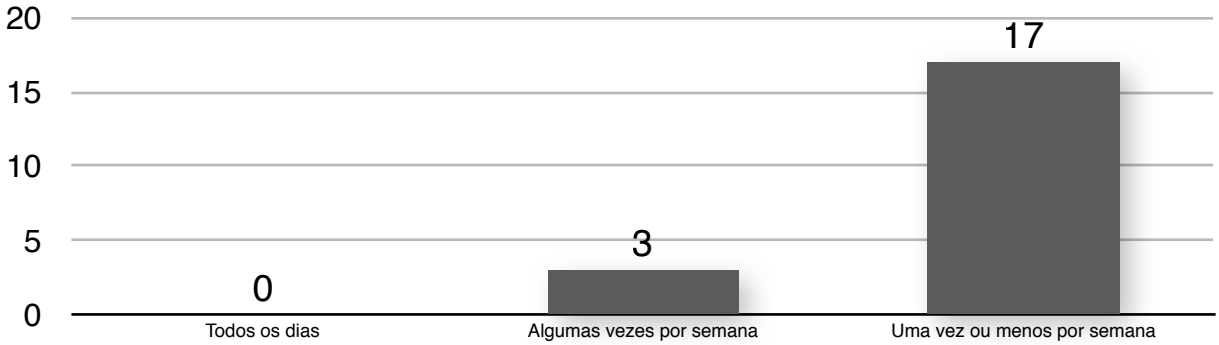


Fig. 3.74 - Questão 2 - Quantas vezes por semana costuma frequentar esta praça?.

Fig. 3.75 - Questão 3 - Quando vem a esta praça, quanto tempo costuma ficar?.

Outra questão pertinente é relativa aquilo que os utilizadores pensam ser os utilizadores mais frequentes desta praça. Através da análise das respostas do questionário, conclui-se que são os moradores e trabalhadores da zona, não sendo esta uma praça muito frequentada por turistas, segundo os mesmos (Fig. 3.76).

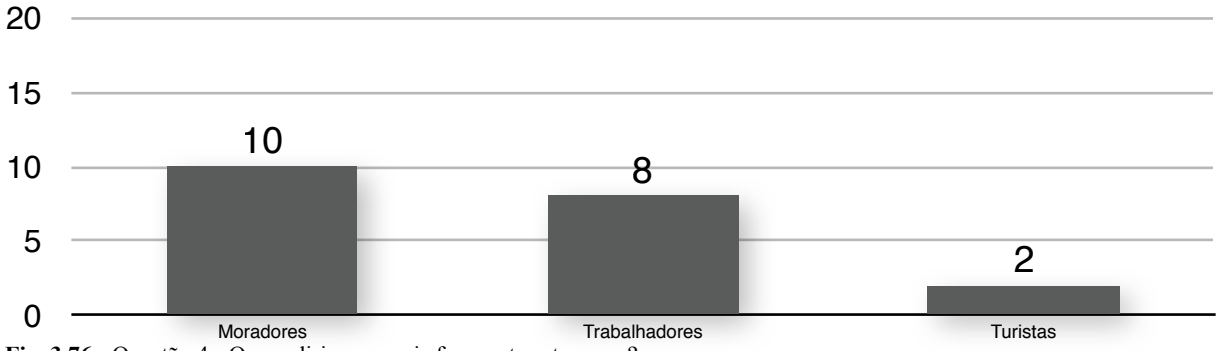


Fig. 3.76 - Questão 4 - Quem diria que mais frequenta esta praça?.

Nesta análise é de referir que os usuários fazem o seu percurso pelas zonas pré-estabelecidas e, por este motivo não existem pistas ambientais relevantes.

Para finalizar a análise à Praça Rio, salienta-se a questão número 5 do questionário, onde se verifica o quanto as pessoas gostam desta praça. Esta questão é chave no trabalho "Indicadores de Sucesso em Praças de Carácter Residencial", pois permite de forma geral analisar o sucesso desta praça.

Desta forma, verifica-se que as pessoas na sua generalidade não gostam desta praça, assumindo-se assim como uma praça de insucesso (Fig. 3.77).

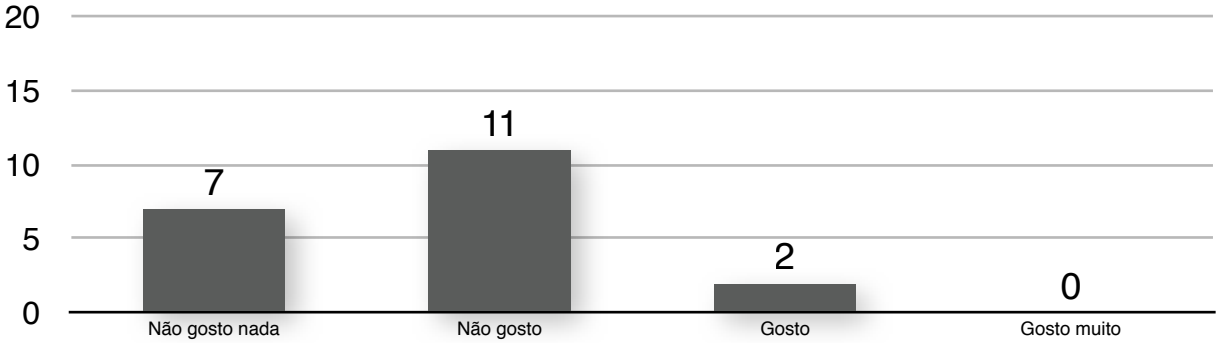


Fig. 3.77 - Questão 5 - Indique o quanto gosta desta praça?.

Esta situação é corroborada pela análise de campo realizada pelo autor deste trabalho, onde se verifica esta situação (Tab. 3.3). Verifica-se um número de usuários bastante baixo ao longo de todo o dia, sendo que o seu uso é equilibrado entre idades e género.

Quando as condições atmosféricas não são as melhores, a situação piora, mas visto o seu contexto geral ser tão mau e segundo a análise do estado da arte, pode-se concluir que a situação não piora muito devido a este tipo de uso ser do tipo de actividade necessárias e, como tal, as pessoas fazem-no porque tem de ser. Como é de prever, aos fins-de-semana e feriados existe uma melhoria no número de utilizadores na praça em relação à semana, continuando sempre com valores muito baixos.

Análise		9h - 10h			15h - 16h			21h - 22h		
	Sexo/Faixa Etária	M	F	t	M	F	t	M	F	t
Semana Boas Condições Atmosféricas	Crianças	1	0	**1**	0	0	**0**	1	0	**1**
	Adolescentes	0	0	**0**	0	0	**0**	5	3	**8**
	Adultos	2	2	**4**	0	2	**2**	1	1	**2**
	Idosos	0	0	**0**	0	0	**0**	0	0	**0**
Fim de Semana Boas Condições Atmosféricas	Crianças	0	0	**0**	0	4	**4**	1	2	**3**
	Adolescentes	0	0	**0**	6	0	**6**	4	0	**4**
	Adultos	3	5	**8**	2	2	**4**	2	0	**2**
	Idosos	0	0	**0**	1	0	**1**	0	0	**0**
Feriado Boas Condições Atmosféricas	Crianças	1	0	**0**	0	0	**0**	0	0	**0**
	Adolescentes	0	0	**0**	2	0	**0**	0	0	**0**
	Adultos	1	1	**2**	1	0	**1**	0	0	**0**
	Idosos	0	0	**0**	1	0	**1**	0	0	**0**
Semana Más Condições Atmosféricas	Crianças	0	0	**0**	0	0	**0**	0	0	**0**
	Adolescentes	1	0	**1**	0	0	**0**	6	0	**6**
	Adultos	2	2	**4**	0	0	**0**	3	2	**5**
	Idosos	0	0	**0**	0	0	**0**	0	0	**0**
Fim de Semana Más Condições Atmosféricas	Crianças	0	0	**0**	0	0	**0**	0	0	**0**
	Adolescentes	2	0	**2**	2	0	**2**	0	0	**0**
	Adultos	3	4	**7**	2	4	**6**	0	0	**0**
	Idosos	0	0	**0**	2	0	**2**	0	0	**0**
Feriado Más Condições Atmosféricas	Crianças	0	0	**0**	0	0	**0**	0	0	**0**
	Adolescentes	2	0	**2**	0	0	**0**	0	0	**0**
	Adultos	0	4	**4**	1	3	**5**	0	0	**0**
	Idosos	0	0	**0**	0	0	**0**	0	0	**0**

Tab. 3.3 - Análise de campo da Praça Rio.

Praça das Flores

- *Inserção no Meio;*

A Praça das Flores ou Jardim Fialho de Almeida (Fig. 3.78) é um espaço público situado na cidade de Lisboa. Localiza-se na freguesia da Mercês e possui uma área aproximada de 1500 m2. Pensa-se que esta praça terá sido doada pelo escritor Fialho de Almeida à cidade de Lisboa, adquirindo assim o seu nome.

Possui diversas espécies arbóreas (plátanos, tílias, magnólias, paineiras, entre outras), um lago ao centro, existindo percursos devidamente marcados e mobiliário urbano diversificado. É um jardim para toda a família, soalheiro, aconchegante, com um pequeno parque infantil, um lago e algumas árvores espalhadas pelos canteiros. O jardim conta ainda com um quiosque recuperado e a funcionar como ponto de venda em Lisboa desde 1900.

1

2

3

4

Fig. 3.78 - Vistas da Praça das Flores.

A freguesia de Mercês onde se insere a Praça das Flores, é uma praça portuguesa do concelho de Lisboa, que possuí uma área de 0,30km2 e aproximadamente 4.345 habitantes, perfazendo uma densidade populacional de 14.483,3 hab/km2, Censos (2011).

Futuramente não se prevê alterações nesta praça, nem na sua área circundante. Esta análise foi realizada tendo por base o PDM actual de Lisboa e corroborado em diálogo com a equipa técnica da Câmara Municipal.

Na análise da Praça das Flores constata-se que a função dos imóveis na área circundante à praça (Fig. 3.79) é predominantemente de habitação, ou mistura de funções de comércio ao nível do rés-do-chão e habitação nos pisos superiores.

Existe também alguma relevância de edifícios devolutos.

Fig. 3.79 - Funções da Praça das Flores.

Relativamente às ocupações do entorno imediato (Fig. 3.80) verifica-se que os edifícios se encontram maioritariamente ocupados existindo todavia algumas excepções.

Fig. 3.80 - Ocupações da Praça das Flores.

No que toca às cérceas dos edifícios (Fig. 3.81) verifica-se que possuem uma moda de 4 pisos sendo que se encontram edifícios até aos 6 pisos no entorno imediato.

Fig. 3.81 - Cérceas da Praça das Flores.

Continuando a análise da inserção no meio verifica-se que o estado de conservação (Fig. 3.82) dos edifícios é bom, todavia, existem algumas excepções pouco relevantes de alguns edifícios devolutos ou a necessitar de alguma manutenção.

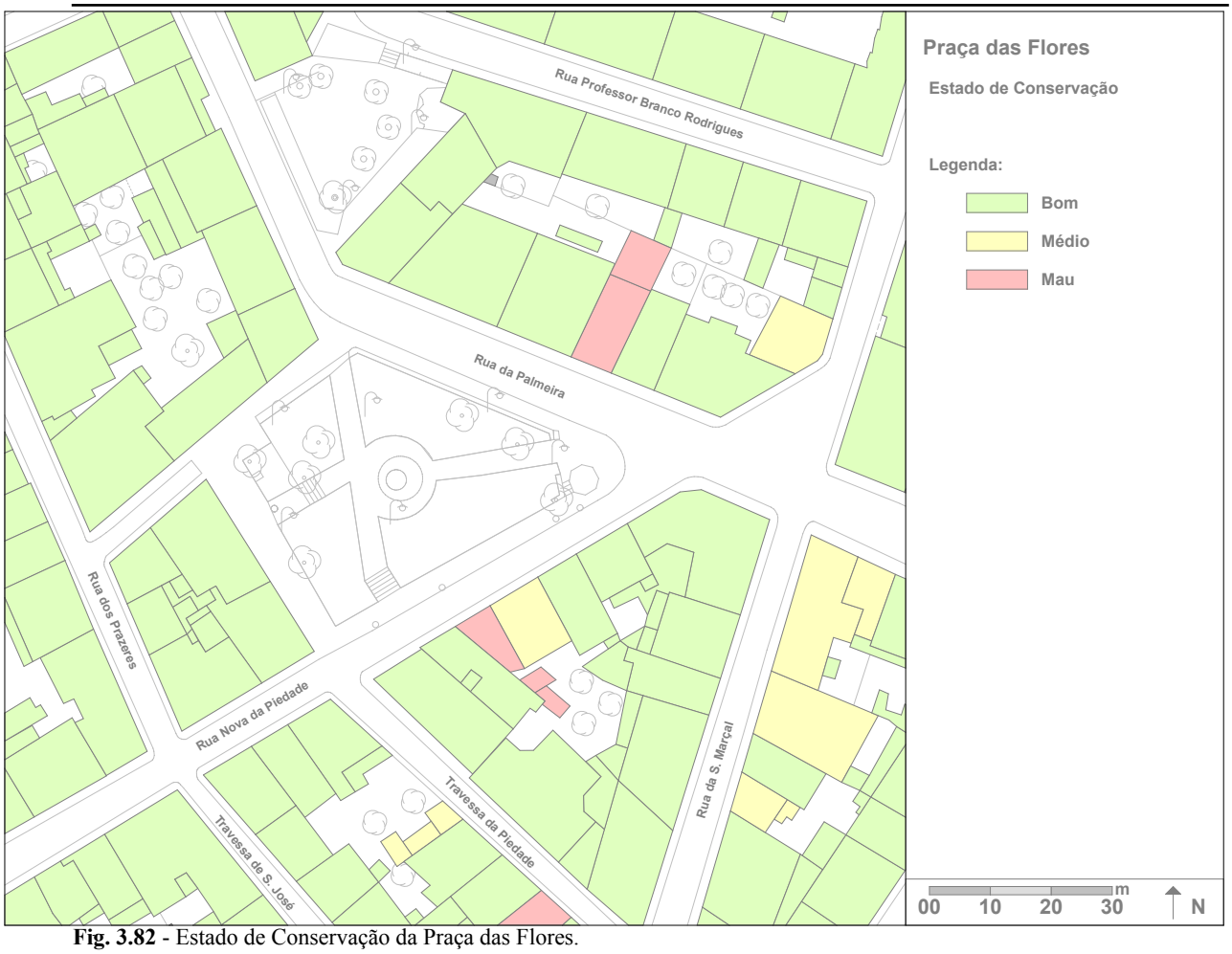


Fig. 3.82 - Estado de Conservação da Praça das Flores.

Em termos de circulações (Fig. 3.83), este local possui condições médias ao nível do percurso viário e pedonal. Isto deve-se fundamentalmente às condições físicas do local, que tem uma grande variação altimétrica e também ao período em que foi edificado, o que levou à construção de estradas e passeios muito estreitos. Salientam-se as boas conecções em termos de meios de transporte, com o metro a cerca de 200m deste local e várias estações de autocarros nas vias.

Fig. 3.83 - Circulações da Praça das Flores.

Com a análise de solo (Fig. 3.84) verifica-se que existe uma relação de aproximadamente 60% vs 40% no que toca a zonas não permeáveis e zonas permeáveis. Refere-se um ponto de água no centro da praça que devido às suas proporções não apresenta grande relevância na área.

Fig. 3.84 - Análise do Solo da Praça das Flores.

No que toca aos factores climáticos, segundo prof2000 (2013), esta área possui um clima temperado mediterrâneo, com temperaturas médias mensais que oscilam entre os 18 °C e os 25 °C. Relativamente à precipitação, esta é escassa e irregular, concentrando-se nos meses de Outono e de Inverno. A precipitação total anual é superior a 500 mm mas é normalmente inferior a 1000 mm.

Para este tipo de condições climatéricas verifica-se que o território se encontra perfeitamente adaptado.

Finalmente, realiza-se um estudo solar relativo aos Solstícios. Isto deve-se ao facto de estes serem os extremos, podendo-se colocar todos os outros estudos solares dentro desta variação. Este é o momento em que o Sol durante o seu movimento aparente na esfera celeste, atinge a maior declinação em latitude, medida a partir da linha do equador. Os solstícios ocorrem duas vezes por ano (Dezembro e Junho). O dia e hora exatos variam de um ano para outro. Quando ocorre no verão significa que a duração do dia é a mais longa do ano.

Analogamente, quando ocorre no inverno, significa que a duração da noite é a mais longa do ano.

Para o estudo em causa utilizaram-se dados relativos a 2014, colocando o solstício de Verão no dia 21 de Junho (10h51m) e o solstício de Inverno no dia 21 de Dezembro (23h03m), Wikipedia (2013).

O estudo solar foi realizado tendo em conta o seu local (Porto/Lisboa) e os horários de estudo são os mesmos usados em outras análises ao longo desta dissertação (9h, 15h e 21h).

Conforme se verifica através dos Solstícios de Verão (Fig. 3.85) e dos Solstícios de Inverno (Fig. 3.86). A Praça das Flores encontra-se maioritariamente em sombra, isto deve-se às árvores da praça e dos edifícios.

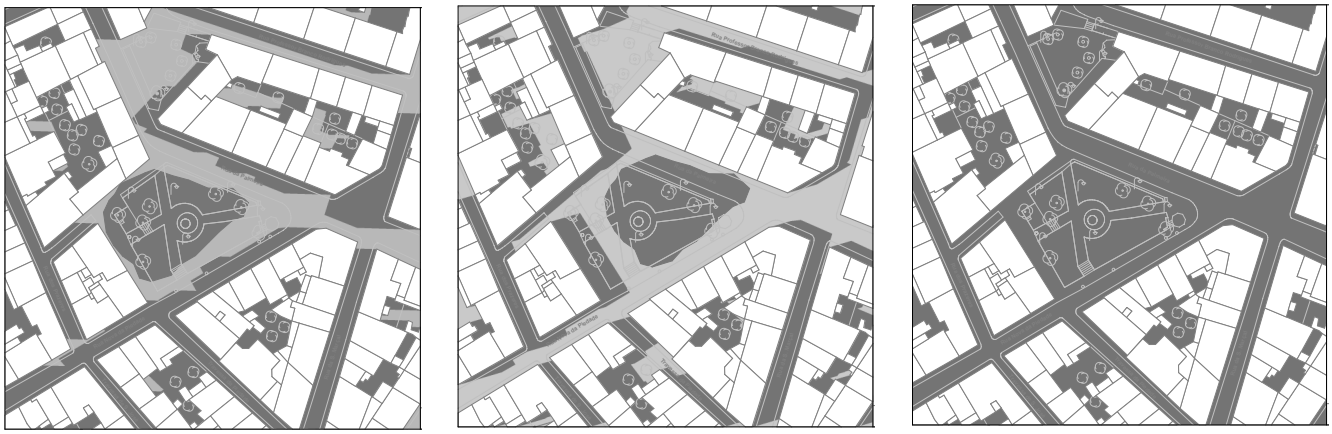


Fig. 3.85 - Solstício de Verão - 9h, 15h e 21h da Praça das Flores.

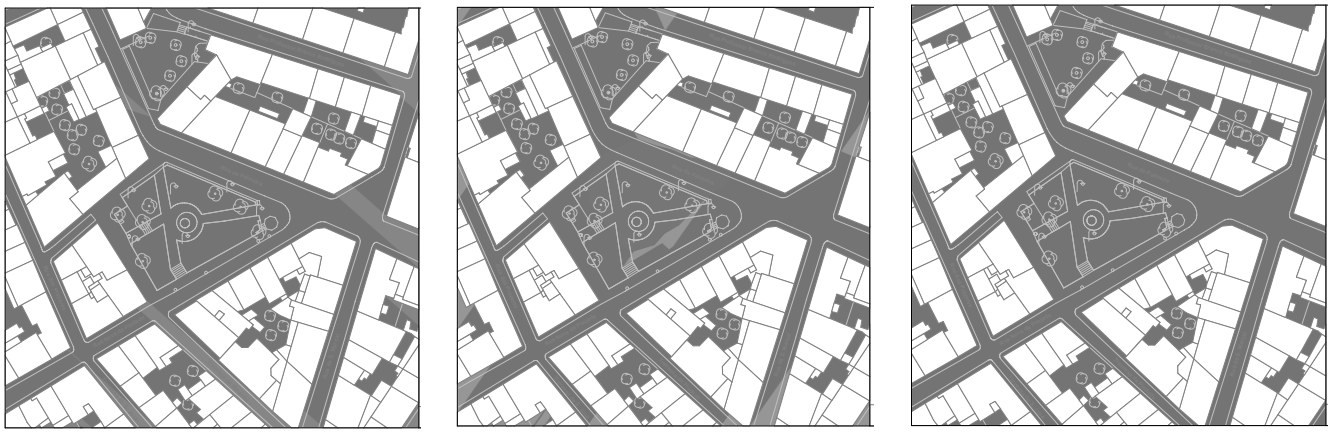


Fig. 3.86 - Solstício de Inverno - 9h, 15h e 21h da Praça das Flores.

- *Tipo-Morfologia;*

Remontando a 1900, a Praça de S. Lázaro tem sofrido algumas alterações ao longo dos anos. Estas alterações apareceram sobretudo ao nível do equipamento, que para responder às novas necessidades, obteve um bebedouro, um parque infantil, sinalização, entre outros. É de referir a adaptação do espaço que rodeia a praça, pois aproveitou a existência da mesma para criar comércio de suporte, tal como cafés, padarias e restaurantes, levando a uma relação muito forte entre a praça e os edifícios circundantes.

Em termos de acessibilidades e conecções (Fig. 3.87), esta Praça encontra-se bem servida, possuindo nas suas artérias principais sistema de autocarro (Carris) com paragem em (Praça das Flores) do 730 e do 790 e estação de metro (Rato) a cerca de 200m.

Fig. 3.87 - Carris das Flores (Lisboa).

Na morfologia do entorno imediato, encontramos passeios com calçada Portuguesa com mecos de segurança para peões, as estradas são alcatroadas com ruas estreitas, fruto de um plano urbanístico pensado para a época (Fig. 3.88).

Fig. 3.88 - Passeios e ruas do entorno imediato.

A construção é composta por edifícios de arquitectura vernacular da zona de Lisboa, sendo assim, as suas aberturas para a praça são estreitas com janelas de (120x120) e portas de (90x200) aproximadamente. Na sua composição arquitectónica os edifícios possuem uma média de 4 pisos, decorados com pintura ou cerâmica de tons pouco garridos e possuindo alguma decoração ao nível dos gradeamentos e dos marcos das portas e janelas (Fig. 3.89).

Fig. 3.89 - Edifícios do entorno imediato.

- *Análise Visual;*

Partindo para a análise visual, observa-se que o estado de conservação e manutenção dos edifícios no entorno da praça das flores é bom, os edifícios encontram-se praticamente todos habitados (poucos casos de edifícios abandonados) e como tal estão bem cuidados e com uma apresentação muito cuidada (Fig. 3.90). O mesmo se passa com as vias de circulação e passeios.

Fig. 3.90 - Estado de Conservação e Manutenção.

As zonas verdes são boas e muito bem cuidadas (Fig. 3.91). Esta situação deve-se ao facto de este ser um espaço muito utilizado e, como tal, existe interesse da população e do comércio em manter o espaço cuidado. Por outro lado, devido ao desenho da praça, esta possui gradeamentos e zonas de percursos bem delimitadas, o que evita situações em que o próprio uso da praça leve ao desgaste da zona verde. É de referir que a vegetação existe em diversos tamanhos, complementando-se na sua forma e função, permitindo fazer jogos de verde ao nível visual e, por exemplo, manter uma sombra constante em grande parte da praça.

Fig. 3.91 - Espaços verdes.

Assim, em termos de estética, a praça e o seu entorno apresentam uma linguagem coerente, fruto de um desenho complementar, onde se observa o bom estado de conservação e imagem, bem como uma função adaptada às necessidades dos seus utilizadores.

Como se pode verificar, esta praça não possui muita transparência. Existem muitos objectos e limites, quer na praça (árvores, gradeamentos, mobiliário urbano), quer no seu entorno imediato (edifícios altos) que criam limites visuais à praça. Os únicos pontos em que se possui alguma transparência e noção do espaço é nas vias, onde, devido ao seu traçado, é possível ter uma maior e melhor compreensão do espaço.

As vistas de aproximação à praça (Fig. 3.92) estão inseridas no mesmo contexto de imagem com ruas e passeios estreitos em alcatrão ou paralelo e construção vernacular lisboeta com uma composição geral muito boa.

Fig. 3.92 - Aproximação à praça.

Desta forma, compreende-se que com este nível de complexidade visual, esta praça e o seu entorno possuem um grande interesse visual com muita variedade de objectos, formas e cores na arquitectura e no urbanismo. Isto acontece também em termos de vegetação, onde existe uma linha de coerência entre todos os elementos chave desta praça e da sua envolvente.

Salienta-se a existência de expressões de individualidade ou personalizações na área privada com algumas pinturas (com cores que fogem um pouco à regra) ou mesmo caixilharias diferentes, mas quando percepcionados no contexto geral compreende-se que a sua forma não empobrece a imagem geral deste local.

- *Percepção;*

Perceptivelmente, esta praça é muito verde e fresca. Segundo o questionário de investigação (Fig. 3.93), os utilizadores descrevem frequentemente a praça como sendo um local relaxante, verde e agradável. Encontram-se todavia respostas como, acolhedor, histórico, amigável, residencial, entre outros.

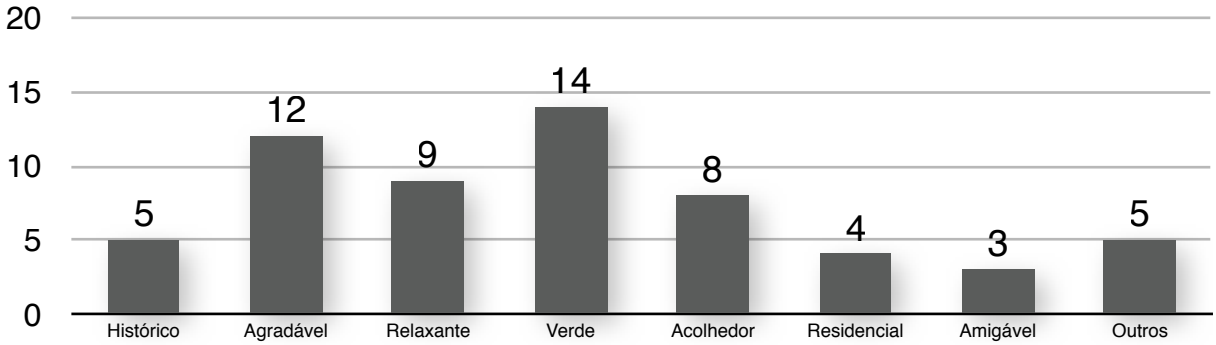


Fig. 3.93 - Questão 6 - Quando pensa nesta praça, o que lhe vem primeiro à cabeça? Como a descreveria?.

Questionando os utilizadores sobre aquilo que mais, ou menos gostam na praça, observa-se que os resultados são bastante dispares.

Sobre aquilo que os utilizadores mais gostam, as respostas mais frequentes são, o facto de ser uma praça agradável, relaxante e verde, existindo respostas como acolhedor e amigável, entre outros (Fig. 3.94).

Quanto ao que menos gostam, as respostas são menos dispares, sendo que a maioria dos utilizadores não tem nada a dizer, mas entre as respostas salienta-se a falta de espaços com sol, praça de desenho antiquado e a necessidade de melhor iluminação e segurança à noite (Fig. 3.95).

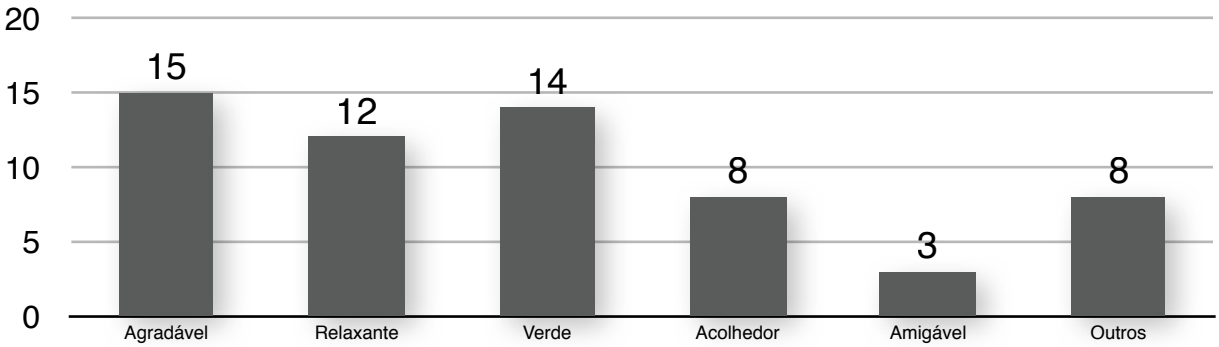


Fig. 3.94 - Questão 7 - Consegue identificar quais as 3 coisas que MAIS gosta desta praça?.

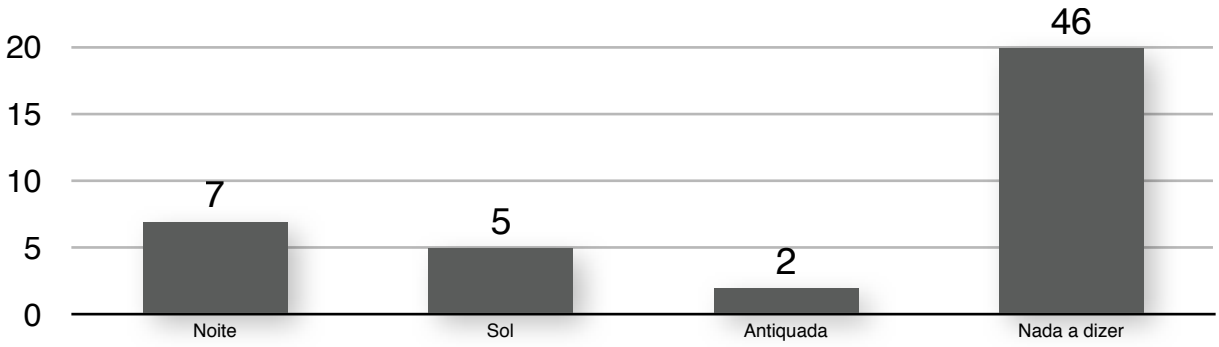


Fig. 3.95 - Questão 8 - Consegue identificar quais as 3 coisas que MENOS gosta desta praça?.

Na continuidade deste estudo, questionaram-se as ideias ou expectativas dos utilizadores nesta praça na questão número 9.

Apesar das resposta serem variadas, salientam-se aqui as mais relevantes, nomeadamente melhor segurança e iluminação à noite.

Alguns desenhos foram realizados aquando destes questionários sobre o mapa mental dos utilizadores em relação à praça, no qual se observa na generalidade uma coerência e configuração muito próximas da realidade (Fig. 3.96). Salienta-se que existe ao longo dos vários desenhos, uma tendência em regularizar a forma e o desenho do espaço.

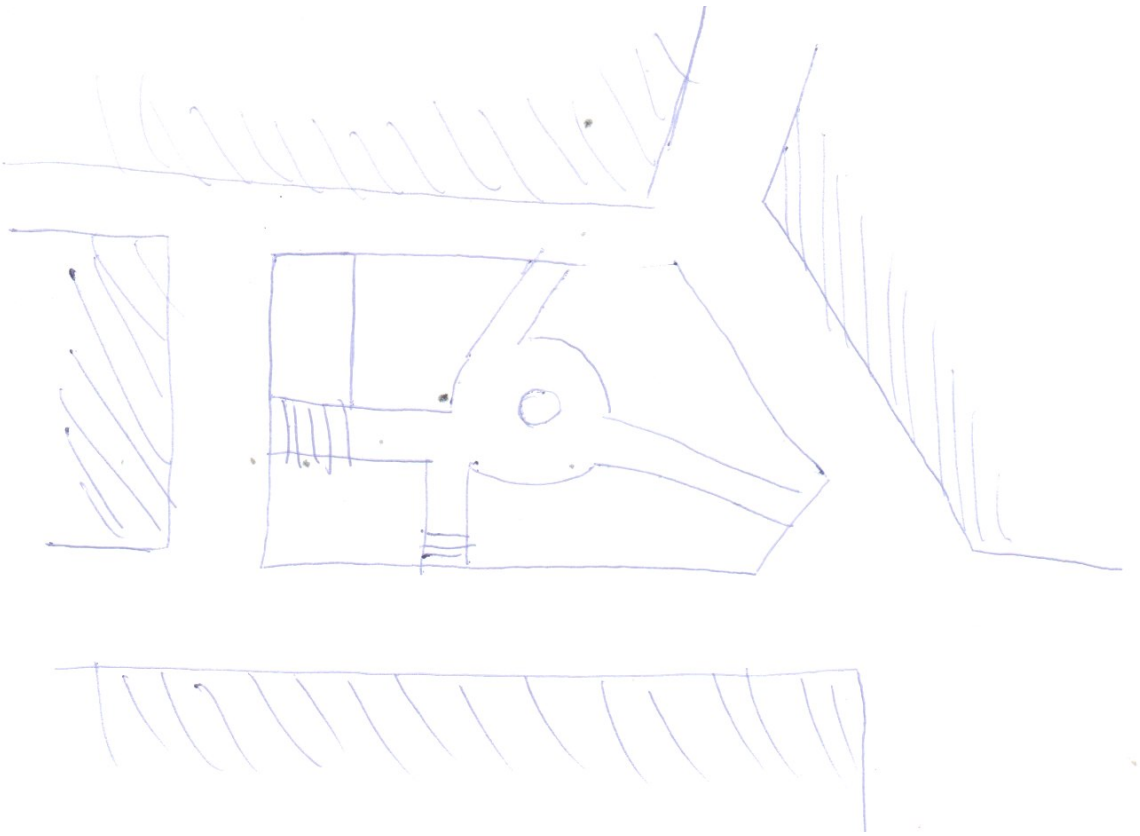


Fig. 3.96 - Questão 10 - Por ultimo, sem olhar e de memória, desenhe esta praça e o que esta à sua volta, indicando todos os elementos de que se lembre?.

- *Comportamento;*

Na análise dos comportamentos, começa-se por analisar quem são os utilizadores da praça. Através do estudo de caso no local, verifica-se que é muito variado entre sexo e idades.

Obtendo dados do questionário, observa-se que estes utilizadores vêem à praça para relaxar e encontrar amigos. Através deste mesmo questionário, também se verifica que algumas vezes vêem acompanhar as crianças e realizar outras actividades, não existindo pessoas a percorrer a praça (isto dever-se-à ao facto de esta ser encerrada a toda a volta, com desnível e apenas entradas pelos cantos) (Fig. 3.97).

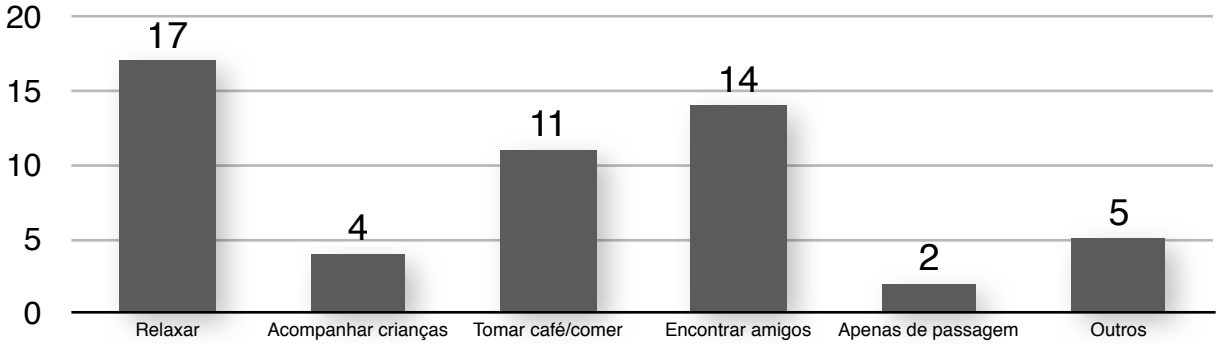


Fig. 3.97 - Questão 1 - Quando vem à praça, o que geralmente vem fazer?.

Continuando a analisar os dados do questionário, verifica-se que existe um grande uso das pessoas da praça, visitando a mesma várias vezes por semana (Fig. 3.98) mas por curtos períodos de tempo (Fig. 3.99).

Fig. 3.98 - Questão 2 - Quantas vezes por semana costuma frequentar esta praça?.

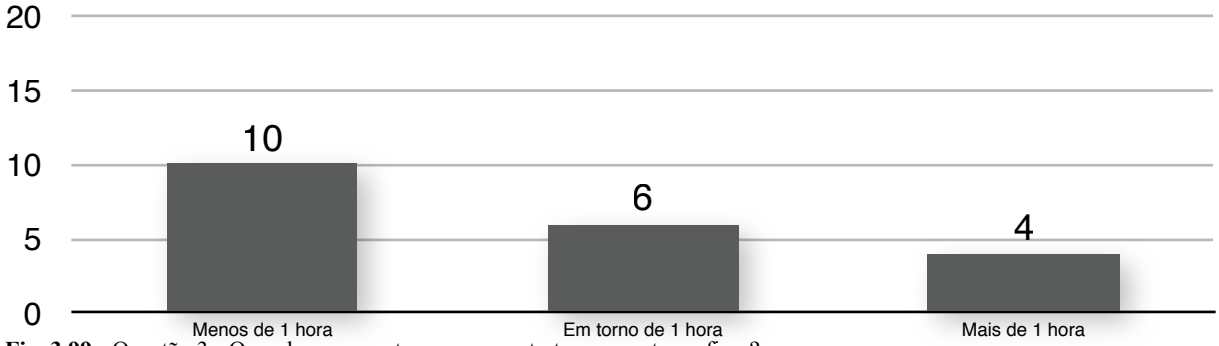


Fig. 3.99 - Questão 3 - Quando vem a esta praça, quanto tempo costuma ficar?.

Outra questão pertinente é relativa aquilo que os utilizadores pensam ser os utilizadores mais frequentes desta praça. Através da análise das respostas do questionário conclui-se que são os moradores, sendo que os turistas e os trabalhadores também apresentam aqui alguma relevância (Fig. 3.100).

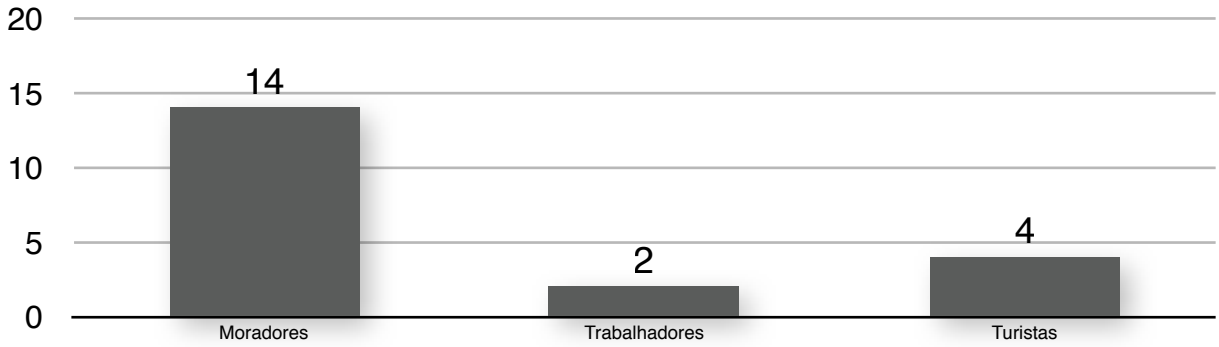


Fig. 3.100 - Questão 4 - Quem diria que mais frequenta esta praça?.

Nesta análise, é de referir que os usuários fazem o seu percurso pelos caminhos pré-estabelecidos. Pelo mesmo motivo não existem pistas ambientais relevantes no espaço.

Para finalizar a análise à Praça de S. Lázaro, mais uma vez salienta-se a questão número 5 do questionário, onde se verifica o quanto as pessoas gostam desta praça. Esta questão é chave neste trabalho sobre os "Indicadores de Sucesso em Praças de Carácter Residencial", pois conforme abordado anteriormente, permite de forma geral analisar o sucesso desta praça.

Assim, verifica-se que as pessoas na sua generalidade gostam muito desta praça, sendo esta uma praça de sucesso (Fig. 3.101).

Fig. 3.101 - Questão 5 - Indique o quanto gosta desta praça?.

Esta situação é corroborada pela análise de campo realizada pelo autor deste trabalho onde se verifica a mesma situação (Tab. 3.4). Verifica-se um número de usuários muito bom ao longo do dia, sendo que no período nocturno este espaço é pouco utilizado.

Os grandes utilizadores deste espaço estão distribuídos de forma equilibrada entre géneros e idades.

Quando as condições atmosféricas não são as melhores, nota-se uma quebra muito grande nos utilizadores. Como é de prever, aos fins-de-semana e feriados existem mais utilizadores na praça do que à semana.

Análise		9h - 10h			15h - 16h			21h - 22h		
	Sexo/Faixa Etária	M	F	t	M	F	t	M	F	t
Semana Boas Condições Atmosféricas	Crianças	1	4	**5**	0	2	**2**	1	0	**1**
	Adolescentes	2	0	**2**	6	0	**6**	9	12	**21**
	Adultos	2	2	**4**	6	7	**13**	3	1	**4**
	Idosos	7	9	**16**	5	4	**9**	0	0	**0**
Fim de Semana Boas Condições Atmosféricas	Crianças	8	7	**15**	9	5	**14**	1	1	**2**
	Adolescentes	0	2	**2**	14	12	**26**	19	16	**35**
	Adultos	12	5	**17**	13	8	**21**	9	6	**15**
	Idosos	5	8	**13**	4	8	**12**	4	0	**4**
Feriado Boas Condições Atmosféricas	Crianças	7	4	**11**	8	6	**14**	0	0	**0**
	Adolescentes	2	8	**10**	12	8	**20**	12	8	**20**
	Adultos	7	10	**17**	3	8	**11**	5	9	**14**
	Idosos	4	5	**9**	4	6	**10**	2	0	**2**
Semana Más Condições Atmosféricas	Crianças	0	0	**0**	0	0	**0**	0	0	**0**
	Adolescentes	2	0	**2**	0	0	**0**	4	0	**4**
	Adultos	2	3	**5**	2	0	**2**	4	0	**4**
	Idosos	0	0	**0**	0	0	**0**	0	0	**0**
Fim de Semana Más Condições Atmosféricas	Crianças	0	0	**0**	0	0	**0**	0	0	**0**
	Adolescentes	2	2	**4**	2	0	**2**	3	2	**5**
	Adultos	1	2	**3**	3	4	**7**	3	2	**5**
	Idosos	0	0	**0**	2	0	**2**	0	0	**0**
Feriado Más Condições Atmosféricas	Crianças	0	0	**0**	0	0	**0**	0	0	**0**
	Adolescentes	8	0	**8**	4	0	**4**	4	0	**4**
	Adultos	7	2	**9**	5	4	**9**	2	0	**2**
	Idosos	0	0	**0**	2	2	**4**	0	0	**0**

Tab. 3.4 - Análise de campo da Praça das Flores.

3.5. Síntese

No presente ponto realiza-se uma síntese dos estudos de caso acima realizados para uma melhor comparação e compreensão dos "Indicadores de Sucesso em Praças de Carácter Residencial".

Dentro do campo "Inserção no Meio" verifica-se que a praça que se situa na Freguesia com mais habitantes é a Praça Rio, não obstante, esta é a praça com menos utilizadores das quatro praças, o que demonstra que o campo da população por si só não é um elemento chave para o sucesso de uma praça. Esta situação é também corroborada pela Praça das Flores, pois apesar de ter doze vezes menos população, caracteriza-se por ser uma praça de muita ocupação.

Quanto à análise de alterações previstas para estas praças, verificou-se na documentação legal em vigor e em conversa com a equipa técnica das câmaras do Porto e Lisboa que não existem alterações previstas. No contexto em que o país se encontra à data de realização desta análise, compreende-se a superfluidade de investir nestas praças, salientando que na opinião do realizador deste trabalho, apenas a Praça Rio demonstra uma necessidade imediata de alterações substanciais.

As funções predominantes dos imóveis são quase sempre de habitação ou habitação + comércio. Exceptua-se aqui a Praça do Conhecimento, pois não possui praticamente comércio nenhum na área. Esta situação também reflecte que, por vezes, não são necessários elementos "captantes" à praça, pois se esta tiver qualidade as pessoas usam-na pela sua qualidade intrínseca.

No tocante às ocupações, verifica-se que as áreas envolventes às praças em estudo se encontram praticamente todas ocupadas, sendo que os edifícios parcialmente ocupados ou devolutos apresentam uma percentagem quase irrelevante.

Relativamente às cérceas dos edifícios envolventes às praças, constata-se que variam bastante, denotando-se uma cércea maior nas praças mais recentes (Praça do Conhecimento e Praça Rio) e menor nas praças mais antigas (Praça de S. Lázaro e Praça das Flores). Esta situação deve-se às capacidades de construção e necessidades populacionais de cada época.

O estado de conservação dos edifícios, conforme sugere o ponto acima, é melhor nas praças mais recentes, sendo que nas praças mais antigas possuem os seus edifícios razoavelmente cuidados e com uma aparência bastante aceitável.

Em termos de circulações e acessos todas as praças encontram-se bem equipadas, referindo que a Praça Rio se encontra (ao contrário das outras praças) mais longe do transporte de grande envergadura como os comboios e metro e, por outro lado, as vias de acesso à praça são vias principais que potenciam o uso de veículos e não o uso pedonal.

Na análise do solo verificam-se valores de permeabilidade bastante razoáveis. Constata-se todavia, que as praças mais recentes possuem percentagens de solos menos permeáveis que as praças mais antigas.

Os factores climáticos (devido à dimensão do território Português) não são muito dispares, sendo que as praças do Porto têm temperaturas entre 16 e 23 graus enquanto Lisboa possui temperaturas entre os 18 e os 25 graus. A precipitação ocorre entre 600mm e 1200mm no Porto e 500mm e 1000mm em Lisboa. Verifica-se que juntando este ponto com a análise do solo, existe alguma acumulação de água nas alturas de maior precipitação, sendo a Praça Rio o único caso mais grave.

Relativamente ao estudo solar, constata-se que apesar de as Praças Lisboetas terem mais horas de radiação solar por ano, as praças mais recentes possuem um total de horas de exposição solar por m2 maior. Esta situação deve-se à arborização densa da Praça das Flores e de S. Lázaro (praças mais antigas).

Chegando ao campo da "Morfologia" observa-se que apenas as praças mais antigas (Praça de S. Lázaro e Praça das Flores) sofreram alterações desde que foram criadas. Estas alterações são normalmente cosméticas ou de acrescento de mobiliário e equipamento urbano necessário ao bom funcionamento da praça.

Em termos de acessibilidades, todas as praças se encontram bem servidas. É de referir que a Praça Rio se encontra a uma distância considerável dos meios de transporte de grande escala, o que poderá ser penalizador na deslocação de utilizadores a esta praça específica, ao invés de outras praças de mais fácil acesso.

Quanto ao entorno imediato das praças, verifica-se que estas possuem bons acessos e percursos. Salienta-se pela positiva a Praça do Conhecimento, que junto a si possui uma via de trânsito condicionado, sendo esta muito usada por crianças com actividades de skate,

bicicleta, etc… e adultos e adolescentes que fazem a sua corrida de manutenção ou exercícios, trazendo grande afluência e dinamismo à praça. Por outro lado, a Praça Rio localiza-se junto a uma via de circulação primária, o que devido aos níveis de tráfego e ao mau estar que cria nas pessoas, reduz drasticamente o uso pedonal de pessoas na área, independentemente da boa qualidade aparente dos passeios e percursos. Refere-se também que existe estacionamento entre as estradas e os passeios, exceptuando na Praça das Flores, o que nos demonstra (devido ao excelente uso da Praça das Flores e péssimo uso da Praça Rio) que este tipo de situação não define o sucesso da praça.

Analisando a edificação da envolvente, verifica-se que é bastante boa e cuidada, com uma imagem apelativa e agradável, não existindo situações relevantes a salientar.

Com a "Análise Visual", observa-se que o estado de conservação e manutenção dos edifícios é muito bom. Refere-se todavia, que na Praça de S. Lázaro e na Praça das Flores (praças mais antigas) existem alguns edifícios que se encontram devolutos ou a necessitar de algumas obras de manutenção.

As zonas verdes são diversificadas e muito bem cuidadas nas praças estudadas, exceptuando a Praça Rio, onde existe pouca área verde e de má aparência, apenas com algumas árvores e ervas daninhas.

Excluindo a Praça Rio que tem muita falta de coerência e imagem tanto nos edifícios como na praça em si, as outras praças são muito agradáveis e captantes, tendo uma imagem e função adaptada às necessidades dos utilizadores.

As vistas de aproximação nestas quatro praças são de curta distância. Tal deve-se aos traçados das ruas, edificações e outros objectos que limitam a transparência do espaço. Todavia, não se poderá considerar estes espaços "escondidos", pois a própria forma da malha urbana separa-os dos demais espaços.

Conforme se percebe pelos pontos acima abordados, isentando a Praça Rio, as demais praças possuem complexidade visual. Enquanto que as outras praças possuem diversidade de formas, vegetação, mobiliário, arquitectura, etc.., a Praça Rio não possui nenhumas características que lhe atribua complexidade ou mesmo interesse aos olhos do utilizador.

Compreendendo os parâmetros arquitectónicos contemporâneos, verifica-se que existem mais e maiores disparidades de expressões de individualidade e personalizações nas

praças mais antigas (Praça de S. Lázaro e Praça das Flores), ao invés de uma imagem mais limpa e estandardizada das praças mais recentes (Praça do Conhecimento e Praça Rio). Salienta-se que durante algumas visitas de análise a estes espaços, os utilizadores tinham mais tendência em ter actividade visuais (olhar em redor, tirar fotografias e passear à volta da praça) nas praças mais antigas, enquanto que este tipo de actividade era quase inexistente nas praças recentes. Isto poderá ser fruto da curiosidade humana em ver estas personalizações e expressões de individualidade que cativam o olhar através das suas nuances e complexidades.

No campo da "Percepção" a análise do primeiro ponto é relativa à imagem instantânea que as pessoas têm da praça. Neste ponto verifica-se que tirando a Praça Rio, todas as outras levam as pessoas a pensar em características positivas, o que demonstra que existe uma tomada de posição e conecção das pessoas relativamente ao espaço.

No ponto seguinte, questionaram-se as pessoas quanto ao que mais e menos gostam nas praças. As respostas, por norma, foram algo dispersas no que mais gostam, sendo que quando se perguntava o que menos gostam, por norma as pessoas não tinham nada a salientar. Esta situação só não se revelou na Praça Rio, onde a situação se inverte, ou seja, as pessoas não têm coisas que gostam a apontar, mas têm muitas negativas. Desta forma, compreende-se o quanto as pessoas apreciam um espaço ou não, sendo que na Praça Rio se demonstra claramente uma posição negativa das pessoas face à praça.

Na continuidade dos últimos pontos analisaram-se os desenhos mentais que as pessoas têm da praça. Estes desenhos demonstram uma tentativa muito forte de regularizar o espaço face à realidade, como também em dar ênfase aos usos na praça, ou seja, verifica-se num desenho de uma pessoa que se costuma sentar nos bancos, um enorme realismo da posição dos mesmos no espaço, por outro lado, um corredor que percorra o espaço desenha sempre vias muito mais largas do que são em proporção na realidade. Outro aspecto a salientar é que os desenho possuem por norma elementos muito próprios do espaço que as pessoas tentam representar nos seus desenhos. Esta situação não se verifica nos desenhos da Praça Rio talvez pelas pessoas não darem atenção ou passarem muito tempo neste espaço.

No campo do "Comportamento" começou-se por distinguir os utilizadores por sexo e idades. Apesar da distribuição ser muito homogénea relativamente à dimensão de cada grupo dentro da população portuguesa, existe uma situação muito particular na Praça Rio que se prende com o facto de quase não se ver crianças, e as poucas que se vêem, estão a percorrer o

espaço acompanhadas por adultos, o que demonstra que este não é um espaço adaptado para crianças.

Quanto ao que as pessoas vêem fazer à praça, as respostas mais comuns são encontrar amigos e relaxar, ou seja, actividades estacionarias e de permanência na praça. Por outro lado, na Praça Rio a resposta mais comum é apenas de passagem, o que corrobora o estudo que está a ser realizado.

Esta situação denota-se quando se pergunta aos utilizadores quantas vezes por semana usam o espaço e por que períodos de tempo, onde mais uma vez a Praça Rio demonstra falhar face às outras praças pela precariedade de uso que possui por parte dos seus utilizadores.

Outra ponto pertinente relativo aos utilizadores era saber qual a sua opinião quanto a quem costuma frequentar estas praças. A resposta mais comum foram os moradores, sendo que os trabalhadores e turistas também aparecem em pequena quantidade. Salvaguarda-se o caso da Praça das Flores onde se verificou alguma relevância de turistas.

Em todos os casos é praticamente inexistente a degradação do espaço devido ao uso, o que demonstra que o espaço em certos aspectos foi bem concretizado.

Para finalizar, salienta-se uma questão em que se verifica o quanto as pessoas gostam desta praça. Esta questão é chave no trabalho "Indicadores de Sucesso em Praças de Carácter Residencial", pois permite de forma geral analisar o sucesso desta praça. Conforme se verifica, exceptuando a Praça Rio que teve um resultado negativo, todas as outras são praças muito apreciadas e, como tal, esta questão corrobora toda a análise supra-referida.

Na seguinte tabela realizou-se um "overall score" tendo por base uma classificação de 1 a 5 de cada ponto dentro das cinco dimensões de indicadores. O somatório destes pontos criará uma classificação geral a cada praça. Quanto mais elevado for esse valor, melhores são os indicadores de sucesso dessa praça.

Observando a (Tab. 3.5) conclui-se que, com a excepção da Praça Rio, todas as praças possuem uma pontuação elevada justificando assim o seu sucesso. Por outro lado, a baixa pontuação da Praça Rio justifica e corrobora a análise de resultados negativos que lhe foi feita.

Indicadores	Praça Conhecim.	Praça S. Lázaro	Praça Rio	Praça Flores
Inserção no Meio	41	40	34	42
Tipo-Morfologia	20	19	12	16
Análise Visual	25	26	14	27
Percepção	14	13	4	14
Comportamento	29	30	18	29
Total	**129/145**	**127/145**	**82/145**	**128/145**

Tab. 3.5 - Quadro Síntese.

4. Conclusões

4.1. Introdução

Para finalizar, realiza-se no presente capítulo os comentários finais onde se interpretam os resultados obtido ao longo deste trabalho. Estes comentários pretendem dar uma resposta concisa e concreta aos assuntos abordados neste trabalho sobre os "Indicadores de Sucesso em Praças de Carácter Residencial".

Como complemento deste trabalho e sugerindo uma continuidade ao mesmo, realiza-se no último ponto um guia de sugestões para trabalhos futuros. Este ponto pretende agarrar na temática deste trabalho e usando-o como base, criar novos trabalhos que podem seguir a mesma metodologia, mas ligados a outras áreas do urbanismo ou mesmo dentro desta análise trabalhar alguns pontos com mais pormenor.

4.2. Comentários Finais

O presente trabalho levantou a hipótese de que a intervenção do urbanista em praças residências pode levar ao aumento do seu sucesso, isto se a prática do projecto de intervenção se conjugue com os indicadores abordados anteriormente neste trabalho. A hipótese foi comprovada a nível teórico e prático, e confirmada pela avaliação dos indicadores nas praças em estudo, nomeadamente Praça do Conhecimento e Praça de S. Lázaro (Porto) e ainda Praça Rio e Praça das Flores (Lisboa).

Apesar dos resultados obtidos, é importante salientar a limitação dos resultados pelo próprio carácter qualitativo da metodologia e da limitação da amostra. Estas limitações impedem que as conclusões e comentários presentes neste trabalho tenham aplicabilidade universal.

No entanto este trabalho, estudos e observações comprovam a importância dos indicadores escolhidos, apontando para a importância dos mesmos para o desenvolvimento do projecto urbanístico de praças residênciais.

Conclui-se que as praças sempre tiveram um papel importante e único nas cidades e no dia a dia dos seus cidadãos e que por este motivo, ao longo dos tempos, elas foram-se transformando e adaptando às necessidades e aspirações da sociedade, por meio de processos de renovação, redesenho, adaptação, entre outros.

Constatou-se que o abandono e o desleixo na manutenção das praças, ocorridos durante o século XX, degradou o ambiente e as relações sociais no espaço urbano e que a constatação deste facto no último quartel do presente século, impulsionou uma onda de renovação na procura do sucesso das praças de carácter residencial. Compreendeu-se que na renovação, está sempre implícita a necessidade de responder às necessidades actuais e ao mesmo tempo de salvaguardar a identidade da praça.

Compreende-se que face às exigências contemporâneas que se traduzem nos factores de qualidade de vida, do espaço e da segurança nas vivências e rapidez das deslocações, na renovação das praças é formalmente aceite respeitar-se estes indicadores que promovem o sucesso das mesmas. Assim se justifica que na renovação da praça, o uso dos indicadores seja a componente essencial para uma intervenção arquitectónica e urbanística bem sucedida.

Numa síntese deste trabalho conclui-se que existem dois componentes chave para o sucesso da praça (Fig. 4.1), sendo estes o espaço e o utilizador. Quanto maior a relação entre estes dois componentes, maior o sucesso da praça e vice-versa.

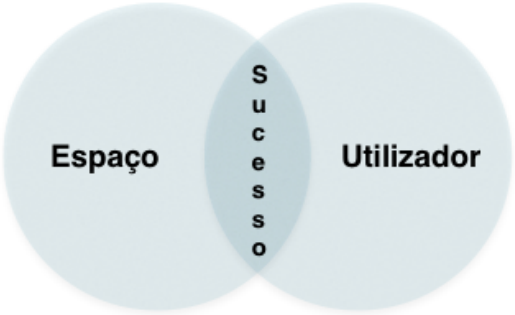


Fig. 4.1 - Componentes Chave.

O uso dos indicadores implica a conjugação de diversos princípios e mecanismos de análise, por vezes antagónicos, mas que fazem parte do complexo processo que levará ao sucesso da praça residencial e, que por este motivo devem ser geridos de uma forma equilibrada e realista. Assim, depois de uma pesquisa intensa sobre o universo dos indicadores de sucesso nas praças residênciais, foram definidos neste trabalho, algumas dimensões essenciais para o sucesso das praças, nomeadamente a Inserção no Meio, Tipo-Morfologia, Analise Visual, Percepção, e Comportamento.

Através da sua análise no estudo de caso, concluiu-se que a conjugação entre estas dimensões de indicadores levam ao sucesso da praça, desde que todas sejam respeitadas. Quando maior for a aplicabilidade destes indicadores, maior é o sucesso da praça, sendo que esta noção é presente ao longo de todo este trabalho.

Estas dimensões desenvolvem uma função específica no espaço e verificou-se que, para cada dimensão, as boas práticas apresentam soluções diversificadas e inovadoras.

Para sintetizar e tornar o processo de renovação mais metodológico, conclui-se que é necessário criar um esquema para resumir os principais pontos chave que levam ao sucesso das praças.

Assim, na (Fig. 4.2) verifica-se de que forma todas estas dimensões que parecem separadas, se unem para demonstrar que os indicadores contidos nas mesmas, são complementares, transversais, e que no seu todo levam ao sucesso da praça residencial.

Fig. 4.2 - Pontos Chave.

Da análise dos casos de estudo surgiram várias conclusões. Em primeiro lugar, conclui-se que da teoria dos indicadores à prática arquitectónica e urbanística, o processo é complicado e moroso. São muitas as influências, os condicionalismos e as limitações que dificultam este processo, o que faz com que as praças estejam ainda longe de promover o seu total potencial. Em segundo lugar, constatou-se que cada praça é única, com as suas características, com os seus problemas e com as suas necessidades e potencialidades, o que faz com que as intervenções em cada praça também sejam únicas, de forma a responder eficazmente ao bom desempenho da praça. Assim, as boas práticas, as estratégias a adoptar e a sua aplicabilidade arquitectónica e urbanística dependem inevitavelmente do espaço a intervir e dos seus utilizadores.

Os dados e recomendações obtidos em cada praça devem ser receitas objectivas e praticáveis para o sucesso destas e de outras praças. As recomendações traduzem-se nas

acções que directamente vão intervir nos indicadores da praça, como por exemplo, sugerir melhores percursos, imagem, usos, mobiliário, etc…, como verificado ao longo do trabalho.

A intervenção em praças de carácter residencial têm como fim tornar estes espaços em lugares de sucesso, fazendo cumprir os indicadores anteriormente abordados, sendo que existem variadíssimas maneiras de o fazer, pelo que não é necessária a existência de dois projectos iguais. A proposta dos indicadores apresentados neste trabalho são uma solução, entre muitas outras possíveis, para o alcance dos objectivos definidos para a praça residencial. Tentou-se, com base em todo o conhecimento teórico, científico e técnico recolhido ao longo deste trabalho, construir um modelo de indicadores que fosse viável na sua aplicação prática e que contribuísse para o uso sustentável da praça.

O sucesso das praças residenciais visa a incorporação de indicadores, como a imagem, a iluminação pública, os cestos de lixo, a drenagem das águas pluviais, os usos do solo, entre muitos outros no espaço público e tende a fazê-lo de uma maneira eficiente. Embora não sejam sistemas auto eficientes, cada um deles pode ser sustentado por diversas medidas. Tendo consciência da dificuldade que há na elaboração de um projecto arquitectónico e urbanístico nas praças, que seja simultaneamente sustentável nas diversas vertentes, como desenvolvimentos futuros, recomenda-se o estudo detalhado das oportunidades e dos limites destes sistemas de indicadores. É um procedimento complexo que necessita de investigação em áreas muito específicas que por vezes ultrapassam o domínio concreto do urbanismo e da arquitectura, necessitando o apoio de outros sectores, mas que se aplicados caso a caso contribuirão para o sucesso de qualquer elemento arquitectónico ou urbano.

4.3. Sugestões para Trabalhos Futuros

Como forma de finalizar este trabalho, apresentam-se seguidamente algumas sugestões para trabalhos futuros que possam partir do conhecimento científico até aqui adquirido, como exemplo:

- Um estudo direccionado à aplicação dos indicadores e dimensões abordados a outros espaços arquitectónicos e urbanísticos;

- A transformação da informação dos indicadores de sucesso num documento electrónico com "links" que direccionam o leitor ao texto explicativo da análise em questão, ou às referências para um determinado método ou programa computacional;

- Uma pesquisa com urbanistas e arquitectos para identificar a disposição destes profissionais para o desenvolvimento de projectos, tendo por base uma análise aos indicadores correspondentes e que possam ser um factor chave no desenvolvimento do projecto;

- Estudos comprometidos com a consciencialização de urbanistas e arquitectos para os indicadores, aspectos muito importantes para a construção de uma mentalidade colectiva a favor do sucesso e da qualidade de vida dos seus utilizadores.

Assim, o presente trabalho pressupõe ser uma ferramenta que possa servir estudos futuros e desenvolver sobretudo uma consciência sustentada nos estudos apresentados.

Referências Bibliográficas

- ACE, ERE, OA (2001). A Green Vitruvius – Princípios e práticas de Projecto para uma Arquitectura sustentável, publicado pela OA.

- Allegri, L. (1995). La piazza nella storia: eventi, liturgie, rapresentazion, Napoli: Edizione Scientifiche Italiane.

- Amado, M. (2005). Planeamento Urbano Sustentável, Casal de Cambra: Caleidoscópio_Edição e Artes Gráficas, SA.

- Almeida, A. (2006). Sustentabilidade dos espaços públicos na reabilitação de núcleos urbanos: questão das praças, Julho 2006 Lisboa FAL.

- Caldeira, J. (2007). A Praça Brasileira: trajetória de um espaço urbano – origem e modernidade, Departamento de História, Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Brasil.

- Censos (2011). Instituto Nacional de Estatística. Statistics Portugal.

- Chiusoli, A. (1995). Parchi e giardini – progettazione, Enciclopédia Agrária Italiana. Roma: R.E.D.A., v. VIII.

- Correia, R. (1978). O espaço urbano, São Paulo: Ática.

- Ewing, Reid (2006). Identifying and Measuring Urban Design Qualities Related to Walkability. Journal of Physical Activity and Heath.

- Ferrara, L. (1993). Ver a cidade, São Paulo: Nobel.

- Francis, Mark (1998). A Case Study Method for Landscape Architecture - Final Report to the Landscape Architecture Foundation, Washigton, DC.

- Gehl, J. (1987). Life Between Buildings: New York.

- Gehl, J. e Gemzøe, L. (2002). Novos espaços urbanos, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA.

- Goitia (2006:107). Breve História do Urbanismo, Queluz de Baixo: Editorial Presença.

- Goitia, Fernando Chueca (1982). Breve história do urbanismo. Lisboa. Editoral Presença. 4ª ed.

- Hill, Gram (2001). Time Saver Standards for Urban Design. New York.

- Lamas, J. (1993). Morfologia urbana e desenho da cidade, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica.

- Lynch, K. (1999). A boa forma da cidade, Lisboa: Edições 70.

- Mascaro, J. (1987). Desenho urbano e custos de urbanização, Brasília: Ministério de Habitação, Urbanismo e Meio Ambiente.

- Orlandi, A. (1994). II paesaggio deli città: spazi aperti, giardini, parchi e struttura urbana, Roma: Gangemi.

- PPS. (2003). What Makes a Successful Place?.

- Saldanha, N. (1993). O jardim e a praça: o privado e o público na vida social e histórica, São Paulo: EDUSP.

- Ribeiro, Z. (2008). Praças e Lazer: Dinâmica de uso e apropriação de espaços públicos em Sorriso, Mestrado, Universidade Federal do Mato Grosso.

- Rogers, R. (2001). Cidades para um pequeno planeta, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA.

- Romero,M. Guia, G. Andrade, L. Person, E. e Silveira, A. (2004). Indicadores de sustentabilidade dos espaços públicos urbanos: aspectos metodológicos e atributos das estruturas urbanas, Seminário sobre a questão ambiental urbana: experiências e perspectivas, Julho 2004.

- Saldanha, N. (1993). O jardim e a praça: o privado e o público na vida social e histórica, São Paulo: EDUSP .

- Sennet, R. (1988). O declínio do Homem público: as tiranias da intimidade, Ed. Companhia de Letras de São Paulo.

- Serdoura, F. (2006). Espaço Público, Vida Pública: o caso do Parque das Nações, Janeiro 2006 Lisboa IST.

- Spirn, A. (1995). O jardim de granito: a natureza no desenho da cidade, São Paulo: EDUSP.

- Webb, Michael (1990). The city square, London: Thames and Hudson.

- Zuliani, S. (1995). Lénigma della piazza. In: VITALE, Marina; Scafoglio, domenico (orgs.). La piazza nella storia: eventi, liturgie, rapresentazione. Napoli: Edizioni Scientifiche Italiane, (ps. 279-289).

- Zucker, P. (1959). Town and square: from the agora to the village green, New York: Columbia Press.